



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE HUMANIDADES  
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA

DEUS AMA HOMEM MATA: AS ANALOGIAS ENTRE A INTOLERÂNCIA E AS  
HISTÓRIAS EM QUADRINHOS DOS X-MEN.

WHINDSON SENNA DA SILVA

CAMPINA GRANDE  
ABRIL DE 2022.

DEUS AMA HOMEM MATA: AS ANALOGIAS ENTRE A INTOLERÂNCIA E AS  
HISTÓRIAS EM QUADRINHOS DOS X-MEN.

WHINDSON SENNA DA SILVA

Trabalho apresentado ao curso de Licenciatura em História, do Centro de Humanidades da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em História.

Orientador: Prof. Dr. Celso Gestermeier do Nascimento.

Campina Grande

2022

WHINDSON SENNA DA SILVA

DEUS AMA HOMEM MATA: AS ANALOGIAS ENTRE A INTOLERÂNCIA E AS  
HISTÓRIAS EM QUADRINHOS DOS X-MEN.

Trabalho de Conclusão do Curso avaliado em: 01/05/22 com o conceito 10

BANCA EXAMINADORA

Celso Gestermeier do Nascimento

---

Orientador (a)

Manuela Aguiar Damião de Araújo

---

Examinador (a)

Eduardo Roberto Jordão Knack

---

Examinador (a)

Dedicado à minha saudosa mãe, Maria Auxiliadora da Silva, que não pôde ver meu trabalho finalizado, pois como disse Ariano Suassuna *“Cumpriu sua sentença e encontrou-se com o único mal irremediável, aquilo que é a marca de nosso estranho destino sobre a terra, aquele fato sem explicação que iguala tudo o que é vivo num só rebanho de condenados, porque tudo o que é vivo morre.”* Te amo véia.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente aos meus pais Jonas José e Maria Auxiliadora, os dois amores da minha vida, que nunca mediram esforços para me ajudar, independentemente do que acontecesse, eu sempre soube que poderia contar com eles, iniciei essa jornada com eles e infelizmente só terminei com meu pai ao meu lado, já que minha mãe faleceu antes da conclusão do trabalho, mas sempre levarei ela comigo em meu coração.

Agradeço por todo o carinho que sempre tiveram comigo e toda a disposição em me ajudar aos meus avós maternos Severina Mariano e o Ananias Francisco e a minha avó parterna Edite Vitorino, infelizmente não tive a oportunidade de conhecer meu avô paterno José Pedro.

Agradeço a toda minha família, que sempre me incentivou, tanto os familiares por laço sanguíneo, quanto aqueles por consideração, bem como os amigos próximos da família e os vizinhos dos meus pais.

Agradeço a todos os meus amigos por terem partilhado essa jornada comigo, por terem estado ao meu lado em momentos bons e ruins dessa trajetória, tanto aqueles que eu conhecia antes de adentrar a graduação, como aqueles que conheceram por conta dela, desde a época do ônibus dos estudantes, até o momento que estabeleci residência em Campina Grande, dando destaque para Álvaro Coelho, que foi aquele que mais esteve próximo de mim durante parte dessa caminhada.

Agradeço a Igor Oseias e Philipe Tibúrcio por me acompanharem na jornada que foi mudar de Santa Cruz do Capibaribe – PE, para Campina Grande – PB e por termos compartilhado juntos, todos os percalços que surgiram devido a essa mudança.

Agradeço ao meu orientador Celso Gestermeier que, sobretudo considero um grande amigo, que com muita sabedoria, uma enorme paciência e um bom humor ainda maior, me ajudou na realização desse trabalho.

Agradeço a Stan Lee por ter fundado o modelo que a Marvel Comics seguiu na criação dos seus personagens, e por sua parceria de sucesso com Jack Kirby criando vários personagens, dentre eles: os *X-Men*.

Agradeço a todos os artistas que em algum momento contribuíram na elaboração das histórias em quadrinhos dos *X-Men*, e a todos os artistas envolvidos na indústria de HQ's de super-heróis, que são responsáveis por obras que me fizeram refletir e questionar as minhas ações e as ações dos outros, bem como são responsáveis por obras que por vezes trazem acolhimento e conforto.

*“Um herói pode ser qualquer um, mesmo um homem fazendo algo tão simples e reconfortante quanto colocar um casaco nos ombros de um menino, para que ele saiba que o mundo não acabou”.*

(Batman)

## RESUMO

O presente trabalho tem como propósito discutir a temática da intolerância, de modo que voltaremos nossos olhares para histórias em quadrinhos, como instrumento ou como objeto para discutir questões atuais e pregressas que permeiam a sociedade, além de apontar para as possibilidades do uso de histórias em quadrinhos pelos docentes em sala de aula, pois ao longo das leituras das obras produzidas pela *Marvel Comics*, percebemos o quão rico do ponto de vista didático são as aventuras de vários personagens, sobretudo dos *X-Men* e como podemos facilmente relacioná-las ao tema proposto, de forma a nos propiciar oportunidades para fazermos apontamentos das analogias presentes nessas histórias, com aquilo que vivenciamos no cotidiano, de modo que para isso utilizaremos principalmente autores como Todorov, Clastres, Karnal, entre alguns outros, para que assim possamos problematizar questões relacionadas ao ódio e a intolerância, de forma a evidenciar a possibilidade do uso de histórias em quadrinhos, principalmente das histórias em quadrinhos de super-heróis como objeto para a discussão dos mais variados temas em sala de aula, nos detendo principalmente em questões históricas e sociais, por meio das representações e das formas como essas questões são abordadas nas histórias em quadrinhos, utilizando Chartier na discussão dessas representações que iremos abordar ao discutirmos a nossa temática dentro das histórias em quadrinhos.

**PALAVRAS-CHAVE:** História, Intolerância, Histórias em quadrinhos, Super-heróis e X-Men.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Interior da <i>X-Men</i> : Dourados nº 36 (2018).....	42
Figura 2 – Capa da Fabulosos <i>X-Men</i> nº 01 (1963).....	44
Figura 3 – Capa da <i>X-Men</i> Magneto: Testamento nº 04 (2008). ....	47
Figura 4 – Interior da <i>X-Men</i> : Dourados nº 16 (2017).....	55
Figura 5 – <i>Black lives matter</i> em Nova Iorque (2020).....	56
Figura 6 – Interior da <i>X-Men</i> : Deus ama homem mata (1982). ....	59
Figura 7 – Interior da <i>X-Men</i> : Vermelhos nº 01 (2018).....	62
Figura 8 – Interior da <i>X-Men</i> : Deus ama homem mata (1982). ....	70
Figura 9 – Interior da <i>X-Men</i> : Deus ama homem mata (1982). ....	73
Figura 10 – Interior da Fabulosos <i>X-Men</i> nº 3 (2018). ....	76
Figura 11 – Interior da <i>X-Men</i> : Deus ama homem mata (1982). ....	78
Figura 12 – Interior da Novos Vingadores nº 08 (2005).....	83
Figura 13 – Interior da Extraordinários <i>X-Men</i> nº 1 (2015).....	84
Figura 14 – Interior da Fabulosos <i>X-Men</i> nº 3 (2016). ....	86
Figura 15 – Interior da Fabulosos <i>X-Men</i> nº 19 (2014). ....	87
Figura 16 – Interior da <i>X-Men</i> : Dourados nº 01 (2017).....	89
Figura 17 – Interior da Novíssimos <i>X-Men</i> nº 1 (2012).....	90
Figura 18 – Interior da Extraordinários <i>X-Men</i> nº 7 (2016).....	93
Figura 19 – Interior da Fabulosos <i>X-Men</i> nº 5 (2018). ....	96
Figura 20 – Interior da <i>X-Men</i> : Dias de um futuro esquecido (1982).....	98
Figura 21 – Interior da Novíssimos <i>X-Men</i> nº 25 (2014).....	99



## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
CAPÍTULO 01: (IN) TOLERÂNCIA .....	13
1.1 SEMELHANTE, PORÉM DIFERENTE .....	18
1.2 O ANIMAL QUE É O OUTRO.....	24
CAPÍTULO 02: HQ'S DE SUPER-HERÓIS E INTOLERÂNCIA.....	35
2.1 UMA BREVE HISTÓRIA DAS HQ'S DE SUPER-HERÓI.....	37
2.2 “VINDE A MIM MEUS X-MEN” .....	41
CAPÍTULO 03: O INIMIGO DO MEU INIMIGO, TAMBÉM É MEU INIMIGO. ....	52
3.1 HUMANOS A FAVOR vs HUMANOS CONTRA .....	52
3.2 MUTANTE vs MUTANTE.....	63
3.3 MUTANTES vs HUMANOS.....	77
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	102
REFERÊNCIAS .....	105

## INTRODUÇÃO

Ao longo desse trabalho nos propomos a trabalhar a intolerância, algo que consideramos um tema que perpassa as últimas décadas, além de que ousamos afirmar que sempre esteve presente na história da humanidade, sendo, portanto um tema muito atual, e muito presente no cotidiano de todos, dessa forma abordamos essa questão levando em conta também a importância de sua problematização e discussão. Desenvolvendo a temática por uma ótica que consideramos inovadora, mesmo sendo uma fonte consideravelmente antiga, a visão que procuramos abordar da intolerância, se deu diante do uso de histórias em quadrinhos de super-heróis, que ainda são pouco exploradas, principalmente para abordar temáticas mais sérias, devido à ainda sofrer com o estigma de ser considerado algo infantil ou mesmo infantilizado e ainda superficial, por muitos. Mas ao longo do trabalho apontamos como esse material pode ser uma fonte rica para se trabalhar temas sociais, mas também várias outras temáticas, tanto na área das humanidades, quanto também nas exatas e mesmo nas biológicas.

Sendo assim abordaremos a intolerância partindo de histórias em quadrinhos, mas ainda fazendo um recorte dentro do gênero de histórias em quadrinhos, de modo que optamos por trabalhar as histórias em quadrinhos de super-heróis, por ter um caráter mais nostálgico, por possuímos maior familiaridade e afinidade, e por se tratar de um gênero que abarca vários personagens que gostamos e temos interesse desde parte da infância, passando pela adolescência até chegar à fase adulta, sendo assim consumindo as mais diversas fontes desse tipo de personagens, começando pelos desenhos e filmes na infância, na adolescência sendo inseridos no universo das histórias em quadrinhos, dessa forma acompanhando toda a ascensão de tais personagens nas últimas décadas, vários deles deixando de serem conhecidos por um nicho ou por um pequeno público e se tornando conhecidos mundialmente.

Com base na leitura dessas obras ao longo dos anos, fomos capazes de perceber a importância que tal material possui, por se tratar de uma fonte que aborda temas sérios de maneira mais didática e por vezes mais leve do que seriam tratados em outras fontes, mas sem perder a profundidade, sem contar que na maioria das vezes são tratados com a sensibilidade que o tema merece, e em sala de aula, por vezes tornando a aula mais atrativa, já que utilizando as histórias em quadrinhos para discutir temas desse tipo como a intolerância pode aproximar mais o tema mais facilmente do público infanto-juvenil, já que utilizando as imagens das histórias em quadrinhos ou mesmo as falas dos

personagens poderemos discutir e relacionar aquelas situações que ocorrem com um grupo ou indivíduo fictício, com situações com minorias da nossa sociedade em que os debates das histórias em quadrinhos poderiam ser facilmente aplicados.

Por meio da leitura das histórias em quadrinhos de super-heróis, além de percebemos como elas abordam temáticas diversas, evidenciando as capacidades relacionadas ao uso delas, já que podem ser utilizadas em diversos assuntos, como por exemplo, as histórias que retratam a luta do Capitão América contra o nazismo, para abordar o assunto da segunda guerra mundial; Ou mesmo para abordar temáticas como a bipolarização do mundo entre o capitalismo americano e o comunismo soviético, as histórias em que o Homem de Ferro enfrenta comunistas soviéticos; ou para abordar o conflito do Vietnã, em histórias que o Homem de Ferro enfrenta guerrilheiros vietnamitas; ou utilizar o Homem Aranha para falar do ataque sofrido pelos Estados Unidos da América no dia 11 de setembro de 2001; ou ainda para estudar sobre a evolução do papel e da participação da mulher na sociedade ocidental, utilizando histórias da Mulher Maravilha; ou por fim, como abordaremos ao longo do trabalho o uso dos *X-Men* para abordar a temática da luta por direitos civis e o período de segregação racial, além de permitir uma abordagem diferente sobre a questão do racismo, entre diversas outras possibilidades nas mais diversas disciplinas do currículo escolar.

Sendo assim fomos capazes de fazer uma seleção daquelas que trabalham de maneira que consideramos mais interessantes as questões relativas à tolerância, após longas discussões fomos capazes de encontrar essa temática que agradava a ambos, temática que no escopo dos super-heróis de modo geral sempre se relaciona com o grupo de personagens criados pela *Marvel Comics*: os *X-Men*. Sendo assim, definidos os personagens, ainda era necessário definir quais dentre as quase infinitas aventuras desse grupo iríamos utilizar, de modo que optamos por nos restringir as obras: *X-Men: Deus ama homem mata* (1982); *X-Men e Dias de um futuro esquecido* (1982), por serem consideradas dentre todas as histórias dos *X-Men* as mais clássicas, mas após a realização de uma vasta pesquisa nos deparamos com uma série de outros títulos que serão utilizados e que devido à quantidade podem ser encontradas no tópico “Histórias em quadrinhos utilizadas” nas referências bibliográficas.

Pois, ao longo do trabalho faremos uma exposição de trechos que consideramos mais importantes para em seguida realizarmos uma análise dessas histórias, tanto com

relação às falas expressas nos balões de diálogos, quanto com relação à postura dos personagens que apareceram nas imagens, com intuito de evidenciar as claras analogias que podemos fazer entre a ficção e a realidade utilizando, e como essas obras trazem um discurso que consideramos muito válido, para em seguida debatermos sobre as implicações do que as histórias em quadrinhos trazem e como representam situações do e acontecimentos do nosso cotidiano.

E além de trabalharmos a intolerância por considerarmos essa uma questão tanto atual como muito importante, decidimos tratar essa temática junto a essa fonte para mostrar as capacidades que essas fontes podem nos proporcionar enquanto pesquisadores ou enquanto docentes, além do fato de que percebemos que tais fontes podem acrescentar bastante nesse debate. De modo que utilizaremos do material em nossa posse para assim deixar claras as relações tanto entre tais histórias ficcionais com a nossa própria história, mas também para apontar as semelhanças entre personalidades históricas e o legado que elas deixaram em vida, com personagens desse universo que foi criado pelos artistas da *Marvel Comics* e que perdura já há tantas décadas.

E por fim utilizar as histórias em quadrinhos e os acontecimentos em seus enredos como uma reflexão sobre como nós mesmos lidamos com o outro, com o ódio, com a intolerância e de como estamos agindo enquanto sociedade ou mesmo como espécie e refletir sobre qual será o fim desse caminho se continuarmos a segui-lo.

## CAPÍTULO 01: (IN) TOLERÂNCIA

Iniciaremos a nossa discussão refletindo acerca da origem do termo tolerância que, deriva do latim, *tolerantia* que traz o sentido de “flexibilidade ou capacidade de aceitar uma determinada situação não favorável ou contrária a uma regra moral ou religiosa previamente estabelecida pelos acordos comunitários” (BRÍGIDO, 2018).

Ou seja, na origem do conceito a palavra tolerância simplesmente significa ser uma pessoa flexível às situações que surgem no cotidiano, ser alguém tolerante é ser uma pessoa capaz de suportar as diversas situações. Porém, em nenhum momento fala-se que se deve apoiar ou gostar, somente que se deve suportar, embora entendamos que além de suportar se faz necessário respeitar.

Neste sentido, torna-se claro que outro conceito que pode ser facilmente relacionado com o termo que estamos trabalhando e que surge junto com o termo aqui discutido, seja o conceito de empatia, ou seja, o ato de se colocar no lugar do outro, tentar entender a sua realidade, suas ações e mesmo coisas que fogem do seu controle, como a cor de sua pele ou mesmo sua sexualidade, muitas vezes deixamos a empatia de lado e recorremos à atitude mais fácil, rir, zombar, ter raiva, evoluindo para um ódio e muitas vezes chegando a agressões físicas configura ausência de tolerância. Thomas Michael Scanlon<sup>1</sup> na obra *A Dificuldade Da Tolerância* (2009) define tolerância:

A tolerância requer de nós aceitarmos as pessoas e consentir suas práticas mesmo quando as desaprovamos fortemente. Tolerância então envolve uma atitude intermediária entre a absoluta aceitação e a oposição imoderada. Esse status intermediário faz da tolerância uma atitude complexa. (SCANLON, 2009, p. 31)

Diante disso, o autor enfatiza tolerância como uma atitude complexa, que é regulada unicamente por cada indivíduo de acordo com padrões sociais, tendo em vista ser um conceito que está intimamente ligado com o *outro*, da forma como o *outro* age e reage a determinadas atitudes e acontecimentos, e também como o eu age e reage diante do outro. Nilson José Machado<sup>2</sup>, em seu texto *Sobre A Ideia De Intolerância* (1994), defende a tolerância como um elogio à diversidade, um reconhecimento de que cada indivíduo é único e que se devem respeitar as diferenças de cada indivíduo, ou grupo, e vai além quando diz que existem elementos e dimensões da existência humana que não são passíveis de comparações, ou seja, cada um é único e não precisamos competir ou mesmo diminuir o outro pelo que ele é.

<sup>1</sup> Thomas Michael Scanlon professor de filosofia da universidade de Harvard.

<sup>2</sup> Nilson José Machado professor de filosofia da Universidade de São Paulo, (USP).

Sendo assim, a tolerância enquanto prática é algo difícil de ser aplicado, já que não é possível definir um limite claro para tal. A fim de explicitar ainda mais toda essa complexidade em relação ao termo e como é difícil para o indivíduo praticá-la, Scanlon afirma “A tolerância, como uma atitude que requer de nós a contenção de certos sentimentos de contrariedade e de desaprovação” (SCANLON, 2009, p. 32). Nesse contexto, ele expressa como é difícil que pratiquemos essa tolerância, tendo em vista que para tal é necessário um distanciamento do viés sentimental.

Não podemos agir compelidos pelas emoções, já que por vezes elas tendem a nos fazer reagir a acontecimentos em momentos que não temos a capacidade de fazer a escolha correta, já que lidar com situações emocionais tendem sempre a serem mais complicadas, pois em geral as emoções que afloram tendem a serem emoções mais negativas como ódio, ou mesmo em situações que não envolvem o viés emocional, mas uma opinião preconceituosa.

A partir do aspecto jurídico, uma das leis que protegem a tolerância dos/entre povos, a *Declaração Universal dos Direitos Humanos* (DUDH)<sup>3</sup>, que surgiu como uma tentativa de definir os princípios que a humanidade em todas as épocas e culturas deveria seguir, em seu 7º artigo:

Todos são iguais perante a lei e tem direito, sem qualquer distinção, a igual proteção da lei. Todos têm direito a igual proteção contra qualquer discriminação que viole a presente Declaração e contra qualquer incitamento a tal discriminação. (Declaração Universal dos Direitos Humanos, 1948, Paris).

Diante disso, se todos são iguais perante a lei, têm os mesmos direitos e não podem sofrer discriminação, vista como o ato de diferenciar um indivíduo ou um grupo dos demais. Essa lei existe para regulamentar a sociedade e criminalizar a falta de tolerância, apontando para o fato de que todos devem praticá-la, que a ausência da mesma não é algo bem visto pela lei. Nesse contexto, ainda de acordo com documentos internacionais vale ressaltar a existência de um documento que não é tão conhecido quanto a *Declaração Universal dos Direitos Humanos*, da ONU, mas é igualmente importante como a DUDH, que é a *Declaração de Princípios Sobre a Tolerância*<sup>4</sup>, que criou o dia internacional da tolerância em 16 de novembro, sendo este documento resultado de várias outras conferências e documentos anteriores que abordavam o mesmo tema, trazendo então no artigo 1º na definição de tolerância sendo assim:

---

<sup>3</sup> Proclamada em assembleia da Organização das Nações Unidas (O.N.U.) em 10 de dezembro de 1948.

<sup>4</sup> Proclamada em assembleia da Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (UNESCO) aprovada em 16 de novembro de 1995.

“Tolerância é a harmonia na diferença [...] a prática da tolerância significa que toda pessoa tem a livre escolha de suas convicções e aceita que o outro desfrute da mesma liberdade”, ou seja, algo que foi definido por um comitê internacional, composto das mais variadas culturas, no qual para haver a harmonia entre os povos do planeta, para que assim pudesse haver paz é necessário praticar a tolerância e deixar que cada um exerça com liberdade sua identidade.

Ainda na *Declaração de Princípios Sobre a Tolerância* em seu artigo 4º ela inicia com algo que deveria ser de consenso geral, “A educação é o meio mais eficaz de prevenir a intolerância”. E de acordo com Marcos Augusto Maliska<sup>5</sup> e Regina Fatima Wolochn<sup>6</sup>, no texto *Reflexões Sobre O Princípio Da Tolerância* (2013):

A Declaração de Princípios sobre a Tolerância implica [...] o combate dos fenômenos de intolerância, o empenho dos organismos internacionais para promover a declaração [...] e o incentivo aos programas de pesquisa e ensino sobre os problemas relacionados com a tolerância e o pluralismo. (MALISKA; WOLOCHN, 2013, p. 45)

Nesse sentido, os autores ainda relatam que a gênese do emprego do termo tolerância foi diante da relação conturbada entre católicos e protestantes nos séculos XVI e XVII, sendo assim os autores comentam que “a tolerância era vista como a possibilidade de aceitação das convicções dos outros” (MALISKA; WOLOCHN, 2013, p. 39), tendo em vista que a tolerância era somente aplicada com relação à religiosidade, sendo assim é aceitar o outro e suas características que o definem enquanto ser religioso e somente posteriormente que ganha esse caráter mais difundido com o emprego do termo e da atitude de ser tolerante em outros sentidos da sociedade, como ser tolerante com a sexualidade do outro, mas os autores evidenciam que isso somente acontece no século XVIII. Durante dois séculos a tolerância era somente associada à religião, desse modo Scanlon (2009), traz um questionamento que poderia ser empregado nos séculos XVI, XVII e XVIII e mesmo nos dias de hoje, quando ele questiona: “Por que razão eu pretenderia interferir na prática religiosa das outras pessoas, uma vez que elas não podem impor essa prática a mim?” (SCANLON, 2009, p. 33). De modo que a resposta tem base no pensamento de Voltaire<sup>7</sup> em sua obra *Tratado sobre a tolerância* (2011):

O melhor método de diminuir o número dos maníacos, se é que existe, é o de deixar essa doença do espírito sob o controle da razão [...] A razão é doce, é humana, inspira a indulgência, abafa a discórdia, fortalece a virtude, torna agradável a obediência às leis, mais ainda que a força possa obrigar a cumpri-las. (VOLTAIRE, 2011, p. 22)

<sup>5</sup> Marcos Augusto Maliska professor de direito do Centro Universitário Autônomo do Brasil (UniBrasil).

<sup>6</sup> Regina Fatima Wolochn professora de direito, da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG).

<sup>7</sup> Voltaire (1694 – 1778) filósofo iluminista francês.

Para Voltaire (2011) a intolerância é uma doença, que sendo assim só pode ser curada utilizando a razão, e a razão diz para ser tolerante, como aponta o questionamento levantado por Scanlon (2009), porque se todos pensassem assim não haveria casos de ausência de tolerância, haja vista que todos iriam ter seu direito assegurado, de professar sua fé ou a ausência desta, sem que o outro sobrepujasse a sua.

É desse modo que Scanlon (2009) se posiciona contra o ensino do criacionismo nas escolas, mesmo sendo tolerante e se colocando contrário ao ensino do criacionismo nas escolas, Scanlon (2009) expressa: “confesso me dar conta de certa sensação de partidarismo [...] uma sensação de superioridade em relação àqueles que propõem tais coisas e um desejo de não deixá-los vencer” (SCANLON, 2009, p. 40). Mas apesar de tudo isso, Scanlon (2009) sugere que ao invés de criticarmos e xingarmos o outro por sermos diferente, nós simplesmente deixemos de fazer isso. Por mais obvio que possa parecer aparentemente se faz necessário expressar a ideia, vale ressaltar que os exemplos trazidos por Scanlon (2009), podem ser aplicados em outros contextos.

Sobre a tolerância, Machado (1994) apresenta ideias que são bem difundidas, mas que muitas vezes são esquecidas ou mesmo deixadas de lado. Na epígrafe desse texto, ele cita Confúcio, “Não façam ao outro aquilo que não gostariam que fizessem a ti.” (CONFÚCIO apud MACHADO, 1994, p. 1) Essa frase representa basicamente toda a ideia discutida desde que foi expressa a epistemologia da palavra até esse momento do texto, se pudesse ser resumida de maneira a ser ainda mais sintetizada, só podemos pensar que seria escrita do seguinte modo: “seja tolerante”. Isso inclui aceitar que o outro é diferente, como é expresso na mensagem de uma mutante na *X-Men: Dourados*<sup>89</sup> na qual ela afirma: “Sabe, vivo a vida. E faço tudo isso sem sentir que preciso demonizar um grupo de pessoas. Eu só... **não me importo** que pessoas sejam diferentes de mim, porque, bem, **pessoas são diferentes.**” (X-MEN: DOURADOS, 2017, p. 4). Sendo essa uma questão bem óbvia, mas que aparentemente precisa ser expressa, algo que muitas vezes é esquecido na primeira oportunidade de deixarmos a tolerância de lado, Machado (1994) sobre a relação do eu com o outro afirma:

O outro não sou eu, pode não gostar do mesmo que eu gosto [...] Além do conhecimento, é necessário compreender o outro, o que exige a

---

<sup>8</sup> *X-Men: Dourados* nº 16 (2017), roteiro de Marc Guggenheim (1970 – ...), ilustração de Lan Medina (1961 – ...).

<sup>9</sup> Diante da quantidade de histórias em quadrinhos que utilizaremos ao longo da discussão, salientamos o uso proposital das notas de rodapé como recursos para detalhar questões acerca das obras utilizadas, como edição, autores e ano, recurso que também será aplicado aos personagens, de modo a facilitar o acesso do leitor ou pesquisador, sem prejudicar a fluidez do texto.



disponibilidade para colocar-se em seu lugar e enriquecer a perspectiva pessoal com a percepção das relações que se estabelecem do ponto de vista do outro. Tal atitude compreensiva, no entanto, ainda é insuficiente para a caracterização de uma atitude tolerante. [...] A compreensão do outro costuma ocorrer por meio da assimilação de suas características pelo referencial daquele que compreende como se realizasse certa tradução de seus horizontes na linguagem compreensiva. A tolerância, no entanto, deve fundar-se em outra atitude, que pressupõe o respeito, o reconhecimento. (MACHADO, 1994, p. 2)

Sendo apresentado algo que vai além da tolerância, o autor enfatiza a importância do termo “empatia”, mas para ele somente a empatia não é o bastante, não é algo satisfatório, já que iremos julgar as atitudes e ações do outro, na tentativa de compreendê-lo com base nas nossas vivências, sendo assim, ainda que utilizemos da empatia para entender o outro, ainda assim não seremos capazes de nos colocar no lugar do outro, já que estaremos julgando com base nas nossas experiências de vida.

E para Machado (1994) somente isso não se enquadra no que ele entende por tolerância, já que para a existência de tal é necessária a compreensão, não basta apenas entender o porquê que o outro age e/ou fala daquele modo, é necessária compreensão e, além disso, respeito. Nesse contexto Maliska e Wolochn contribuem com fatores que consideram necessários para a existência da tolerância.

Falar em tolerância significa [...] reconhecer a falibilidade humana, o pressuposto de que não existem verdades absolutas, que o conhecimento, a experiência e a existência são relativos, pois estão diretamente ligadas à cultura na qual se vive, ao tempo [...] Assim tolerância implica no reconhecimento do diferente, ainda que para isso você não tenha que abrir mão de suas convicções. (MALISKA; WOLOCHN, 2013, p. 49)

Ou seja, tanto para Machado (1994), quanto para Maliska e Wolochn (2013), não basta somente entender, por exemplo, porque o outro se veste inteiramente de branco na sexta-feira devido a sua religião de matriz africana, é necessário compreender que aquilo faz parte da tradição dele e que aquilo o construiu enquanto sujeito, e é necessário respeitar suas tradições e de seu grupo, para que assim todos possam aceitar como iguais àqueles que diferem de nós.

E diante disso, já que para Machado (1994) é estabelecida uma relação entre eu e o outro para a existência da tolerância, se faz necessário à inserção de mais um conceito nessa discussão: alteridade, já que esta é entendida como a relação do eu com o outro, como o eu lida com o outro. Em sua obra *A conquista da América: a questão do outro* (1988) na frase de início Tzvetan Todorov<sup>10</sup> mostra o que pretende abordar e

---

<sup>10</sup> Tzvetan Todorov (1939 – 2017) filósofo búlgaro.

utilizaremos para iniciar definindo alteridade, quando Todorov diz: “Quero falar da descoberta que o *eu* faz do *outro*” (TODOROV, 1988, p. 4).

### 1.1 SEMELHANTE, PORÉM DIFERENTE

Todorov, em sua obra *A conquista da América: a questão do outro* (1988) relata a invasão de espanhóis no continente americano. No contexto da época dos acontecimentos os espanhóis haviam chegado a novas terras e sendo assim necessitavam desbrava-las, é desse modo que Todorov trata do tema de alteridade.

No início da obra o autor já vem mostrando como é complexa e ao mesmo tempo simples a relação do *eu* com o *outro*, quando diz: “Mas cada um dos *outros* e um *eu* também, sujeito como eu. Somente meu ponto de vista, segundo o qual todos estão lá e eu estou só aqui, pode realmente separá-los e distingui-los de mim” (TODOROV, 1988, p. 4). Ou seja, todos nós somos *eu*, mas também somos o *outro*, só depende do ponto de vista que está sendo empregado, sendo assim do ponto de vista do *outro*, que para ele mesmo é *eu*, mas que nesse caso é o *outro* do meu ponto de vista. Isto posta, o autor segue trazendo relatos e ampliando a discussão de alteridade no seu trabalho, falando das relações dos espanhóis e da civilização Asteca no México, em especial Hernán Cortez<sup>11</sup> e Montezuma II<sup>12</sup>, representando como os grupos liderados por eles viam e agiam diante do outro. Sendo assim, Todorov (1988) segue comentando sobre quando ambos tomam conhecimento um do outro:

Montezuma sabia colher informações sobre seus inimigos quando eles se chamavam tlaxcaltecas, tarascos, huastecas. [...] A identidade dos espanhóis e tão diferente, o comportamento deles a tal ponto imprevisível que abalam todo o sistema de comunicação. (TODOROV, 1988, p. 63)

Podemos notar que, além dos nativos verem os invasores espanhóis, como completamente diferentes de si, pode observar que existe essa relativização, já que ao trabalhar o *eu* e o *outro*, Todorov (1988) apresenta vários sujeitos, que hora são *eu* e hora são o *outro*. Como Montezuma e os Astecas que consideram os Tlaxcaltecas, Tarascos e Huastecas o *outro*, mas quando frente aos Espanhóis, são todos *eu*.

Para descrever os índios, os conquistadores procuram comparações que encontram imediatamente, em seu próprio passado pagão (greco-romano), ou em outros mais próximos geograficamente, e já familiares, como os muçulmanos. Os espanhóis chamam de ‘mesquitas’ todos os primeiros templos que descobrem. (TODOROV, 1988, p. 94).

---

<sup>11</sup> Hernán Cortez (1485 – 1547) conquistador espanhol, famoso por ter conquistado os Asteca.

<sup>12</sup> Montezuma II (1466 – 1520) chefe do estado asteca – tlatoani – governou de 1502 – 1520.

Ou seja, ocorre essa variação do outro, pois agora os inimigos são os nativos, tendo em vista que os povos de outras crenças ficaram no restante do mundo conhecido até então, ou seja, na Europa e na Ásia, muito longe dessas terras. O que queremos dizer com isso? Que assim como o título que atribuímos, de *outro* pode mudar de indivíduo – ou indivíduos – também devemos mudar nossa percepção daqueles que classificamos como *outro*, pois não são o *outro*, são indivíduos, são sujeitos, são *eu*. Todorov (1988) segue falando sobre como o *eu* é importante na formulação do *outro*:

Durante os primeiros contatos e, principalmente, pela ideia de que eles são deuses; [...] só pode ser explicado por uma incapacidade em perceber a identidade humana dos outros, isto é, admiti-los, ao mesmo tempo, como iguais e como diferentes. (TODOROV, 1988, p. 65)

Sendo assim, a ideia do *outro* esta intrinsecamente relacionada ao *eu*, tudo que *eu* não sou é classificado como *outro* e tudo aquilo que de alguma forma difere de mim, o mínimo que for é o *outro*, seja isso para bom ou para mal. E nesse caso, para muito bem, já que os espanhóis foram endeusados pelos astecas como aponta Bernal Diaz<sup>13</sup>:

Ficaram estupefatos e entre eles dizia-se que certamente éramos teules [de origem divina], pois Montezuma tinha medo de nós e nos enviava ouro e presentes. Ora, se até então tínhamos tido grande reputação de homens valentes, a partir de então nos estimularam ainda mais. (DIAZ apud TODOROV, 1988, p. 77).

Todorov (1988) dá um exemplo de tal incapacidade de reconhecer o *eu* no *outro* quando narra o fato que ocorre no início da viagem de Cortez, que solicita um interprete é então que Todorov afirma: “Jeronimo de Aguilar, se une a tropa de Cortez, que quase não reconhece nele um espanhol” (TODOROV, 1988, p. 87) e então se segue o relato descritivo que Bernal Diaz faz do Jeronimo de Aguilar:

Tomavam-no por um índio, porque além de ser naturalmente moreno, tinha os cabelos cortados curtos como os índios escravos. Tinha um remo sobre os ombros, uma velha sandália nos pés e outra presa a cintura, uma capa ruim muito usada e uma tanga ainda pior para cobrir sua nudez. (DIAZ apud TODOROV, 1988, p. 87).

Ou seja, não é necessária muita coisa para deixar de ser como *eu*, de ser reconhecido como um semelhante e se tornar o *outro*, se tornar um diferente, no caso Cortez deixava de ver como semelhante aquele indivíduo que tinha se tornado uma mescla de estrangeiro e nativo – será que os índios também o viam como diferente, por ele não ser nascido naquela cultura e sim ter sido assimilado por ela? – mas que era de origem espanhola. Para tal, diante do que é exposto por Todorov (1988) compreendemos que não é possível para nós reconhecer o outro enquanto alguém que é

---

<sup>13</sup> Bernal Diaz (1492 – 1584) cronista da expedição de Cortez.

semelhante e diferente ao mesmo tempo, que não consigo reconhecer ou identificar ele como um ser humano. O que ele quer dizer com isso? Pelo que entendemos é que por mais diferentes que sejamos sempre seremos parecidos em algum aspecto, por mais que não falemos a mesma língua, não tenhamos a mesma cultura, mas ainda sim seremos semelhantes em essência.

Todorov (1988) ainda aponta o relato deixado por Bernardino de Sahagún<sup>14</sup> com relação aos casos de estranheza entre os povos ameríndios “mesmo nos casos mais extremos, não há sentimento de estranheza absoluta: dos totonacas, por exemplo, os astecas dizem simultaneamente que falam urna língua barbara e levam uma vida civilizada” (SAHAGÚN apud TODOROV, 1988, p. 66), com isso percebemos que os astecas de Montezuma, chegam a essa conclusão, de que mesmo que sejam diferentes do *outro* ainda podem ser próximo, do *eu*, podendo nesse caso falar uma língua barbara, afinal, como o próprio Todorov expressa: “cada um é o bárbaro do outro, basta, para sê-lo, falar uma língua que esse outro ignora” (TODOROV, 1988, p. 159) e isso não faz do *eu* mais certo ou do *outro* mais errado.

Tal situação, de reconhecer no *outro* algo que o dignifique e iguale ao *eu*, também se aplica do outro lado “Mesmo depois da Conquista, os espanhóis não podem conter a admiração pela eloquência indígena” (TODOROV, 1988, p. 69), ou seja, mesmo os espanhóis sendo vitoriosos ainda conseguem reconhecer a importância dos derrotados, em suma, conseguem ver que eles possuem suas diferenças, mas embora eles sejam o *outro*, não perdem sua importância. Vemos, portanto, que é possível ser semelhante, porém diferente. Em suma, Todorov (1988) mostra que não é por ser diferente que o *outro* é inferior, essa correlação é errônea:

A primeira reação, espontânea, em relação ao estrangeiro e imaginá-lo inferior, porque diferente de nós: não chega nem a ser um homem, e, se for homem, e um bárbaro inferior; se não fala a nossa língua, e porque não fala língua nenhuma, não sabe falar [...] os eslavos da Europa chamam o alemão vizinho de nernec, o mudo; os maias do Yucatan chamam os invasores toltecas de numob, os mudos, e os maias cakchiquel se referem aos maias mam como ‘gagos’ ou ‘mudos’. Os próprios astecas chamam os povos ao sul de Vera Cruz de alcalino, os mudos. (TODOROV, 1988, p. 66).

Afirmção que só reforça o pensamento de que o *outro* está dependentemente ligado ao *eu*. Tomando o *eu* como ponto de partida, o que não for *eu* é o *outro*, sendo assim a visão que *eu* tenho do *outro* é somente possível a partir do *eu*, e dessa forma só depende do *eu* a construção que será feita do *outro*. Se *eu* irei construir o *outro* como

---

<sup>14</sup> Bernardino de Sahagún (1499 – 1590) frade franciscano.

semelhante ou não. E a construção do *eu* e do *outro* como indivíduos diferentes foi justamente o que aconteceu na invasão espanhola na América e que serviu de base para gerar mais ódio entre ambos os lados daquele conflito.

Desse modo, por focarem nas diferenças não enxergam as semelhanças que tem além de que, por mais diferente que sejam os sujeitos *eu* e *outro* ainda sim possuíram semelhanças, muito mais do que diferenças, como a devoção aos respectivos deuses, que também está presente nas duas partes. Isto posto, o autor aponta para as intenções de Montezuma de que ambos pudessem ter suas adorações respeitadas, algo que podemos considerar como sendo uma das principais causas de todo o ódio que foi gerado entre ambos os lados, o desrespeito com relação à adoração de cada um, tendo em vista que não é do interesse dos espanhóis misturar as crenças:

Mesmo depois da conquista, os índios continuarão querendo integrar o Deus cristão em seu panteão, como uma divindade entre outras. [...] Não é assim para os cristãos, e a recusa de Cortez decorre do próprio espírito da religião cristã: o Deus cristão não é uma encarnação, poderiam juntar-se as outras, e um de modo exclusivo e intolerante, e não deixa nenhum espaço para outros deuses. (TODOROV, 1988, p. 92).

Ou seja, fica claro a tentativa dos nativos de criar um ambiente de convivência pacífica entre ambos, mas não por parte dos invasores, para tanto Todorov (1988) comenta sobre a existência de um relato de descontentamento, após a vitória dos espanhóis, chegam os primeiros franciscanos na Cidade do México e iniciam a disseminação da fé cristã e deste modo também inicia a negação da fé dos nativos. E diante de tal situação um homem resolve se manifestar: “os mexicanos também tiveram seus especialistas em assuntos divinos, e eles poderiam enfrentar os franciscanos, explicar a eles porque os deuses dos astecas não são inferiores ao deus dos espanhóis” (TODOROV, 1988, p. 71).

Mas tal argumento é ineficaz já que a visão que os espanhóis têm é que são superiores haja vista que, “a superioridade do Deus cristão é evidenciada pela vitória dos espanhóis sobre os astecas” (TODOROV, 1988, p. 75) diante do pensamento dos espanhóis que consideram sua vitória um sinal divino de superioridade e nada que digam os derrotados mudarão sua forma de ver tal situação. E essa postura rígida dos espanhóis foi algo que teve grande papel em tudo o que houve como aponta o próprio Todorov (1988) “a intransigência sempre venceu a tolerância” (TODOROV, 1988, p. 92), tolerância essa que era somente vista nos nativos. Além de que outras situações descritas pelo autor, nas quais aponta com relação a essa intolerância existente

principalmente dos estrangeiros para os nativos e para tal traz o relato de Diego Durán<sup>15</sup> que afirma “nossa fé católica é una e nela se funda uma única Igreja, que tem por objeto um só Deus verdadeiro, e não admite a seu lado nenhuma adoração, ou fé, em outros deuses” (DURÁN apud TODOROV, 1988, p. 92).

Focaremos nesse momento em duas palavras “não admite”, que são extremamente carregadas de intolerância, de ódio ao diferente, no mesmo passo em que Montezuma diferentemente dos espanhóis protege e não só isso ele estimula a diversidade, já que constrói um tempo, para que sejam adorados os diversos deuses do império. Desse modo Montezuma está pondo em pratica o mesmo que Bartolomeu de Las Casas<sup>16</sup> tenta fazer:

Embora afirme a existência de um único deus, Las Casas não privilegia a priori a via cristã para chegar a ele. A igualdade já não é estabelecida à custa da identidade, não se trata de um valor absoluto: cada um tem o direito de se aproximar de Deus pelo caminho que lhe convier. Não há mais um verdadeiro Deus (o nosso), mas uma coexistência de universos possíveis. (TODOROV, 1988, p. 158)

E Todorov (1988) continua trazendo nesse momento afirmativas que colaboram com esse nosso pensamento, afirmações que reforçam a perspectiva com relação ao problema da religião do outro, para tal o autor se expressa sobre as intenções de Cortez após a conquista: “num primeiro momento sua única preocupação e derrubar os ídolos e destruir os templos” (TODOROV, 1988, p. 95), Ou seja, ele intenciona minar a fé alheia, acreditamos que seja esse o principal motivo de desavenças, já que são vários os relatos apresentados por Todorov (1988) sobre isso, algo que prejudicou a convivência e que vai de encontro com o que pretendia no início da jornada “O que Cortez quer, inicialmente, não é tomar, mas compreender [...] Sua expedição começa com uma busca de informação e não de ouro” (TODOROV, 1988, p. 87).

Nesse ponto, Todorov (1988) se equivoca, ao afirmar que Cortez não deseja ouro, ele só deseja compreender, deste modo, podemos supor que se ele somente busca compreender ele não é uma ameaça de modo algum, já que iria permanecer como um expectador diante de tudo aquilo que se apresenta diante dos seus olhos, porém não é dessa forma que acontece pelo que os registros deixados nos contam. Compreendemos que é muito mais fácil julgar as atitudes de um personagem histórico como Cortez, séculos após os fatos terem ocorrido, observando as consequências de suas atitudes. Mas acreditamos que não seja como apontado no texto de Todorov (1988), que traz o

<sup>15</sup> Diego Durán (1537 – 1588) frade dominicano.

<sup>16</sup> Bartolomeu de Las Casas (1484 – 1566) frade dominicano e defensor dos índios, nos padrões da época.

relato de um dos documentos da época que afirma que Cortez não busca riqueza, mas busca compreender, mas discordamos, pois pelas suas atitudes fica claro para nós que ele tem uma ideia de assimilação ou mesmo dominação. Algo que o próprio Todorov (1988) expõe é o relato feito por Bernal Diaz quando ele aponta o ocorrido, em que sugeriram a Cortez que mandasse homens para o interior em busca de ouro, a qual Bernal Diaz aponta a resposta de Cortez: “Cortez respondeu rindo que não tinha vindo por coisas tão insignificantes, mas para servir a Deus e ao rei” (DIAZ apud TODOROV, 1988, p. 87). Desse modo podemos ver que desde o início Cortez veio em busca de combate, de violência, já que acreditamos que a forma como ele pretendia servir ao seu rei e ao seu deus era expandindo seus domínios e seus devotos, respectivamente. E com relação a essas disputas religiosas Cortez afirma:

Aproveitei a ocasião para fazê-los notar o quanto a religião deles era tola e vã, pois, acreditavam que ela podia oferecer-lhes bens que não sabiam defender, e que lhes eram tomados com tanta facilidade. Responderam-me que era a religião de seus pais (CORTEZ apud TODOROV, 1988, p. 72).

E com isso vemos que vai além de uma disputa religiosa, embora seja ela o cerne da questão, tendo em vista que nesse relato de Cortez ficam claro questões como: o desrespeito à cultura do outro, quando Cortez afirma: “a religião deles era tola” – para qualquer fanático religioso a religião do outro é tola – outra questão que podemos apontar é a própria maldade e violência – será mais discutida – desse povo que se diz tão civilizado, quando Cortez afirma: “podia oferecer-lhes bens que não sabiam defender, e que lhes eram tomados com tanta facilidade”, nesse caso somos capazes de notar a vontade incessante dos espanhóis de tomar o que é do outro, mesmo que isso desperte algum conflito. E por fim notamos também na fala de Cortez que nesse ímpeto de levar a fé cristã para esses novos povos, os cristãos acabam por fomentar o ódio. E assim, chegamos à conclusão que converge com o pensamento de Sahagún:

Com a chegada dos espanhóis, que assumiram a tarefa de pisotear todos os costumes [...] que tinham os naturais, com a pretensão de reduzi-los a viver como na Espanha, [...] mas percebe-se agora que essa nova organização torna os homens viciosos, produz neles péssimas tendências e piores obras que os tornam odiáveis. (SAHAGÚN apud TODOROV, 1988, p. 198 – 199).

E os nativos ainda foram suprimidos em todos os campos que os espanhóis foram capazes de pensar, embora como sempre em situações como essas tenha havido resistências os espanhóis forçaram uma mudança na realidade dos nativos, impoem uma nova cultura e religiosidade, e em contrapartida os espanhóis, foram corrompidos pela possibilidade de poder impor sua vontade a outros seres. E com esse poder que lhes foi concedido, foi desperto o pior dentro deles, que antes era dormente, tendo em vista que viviam na civilização, ou seja, na Europa e deviam se portar desse modo, mas nas novas

terras podiam se libertar dessas amarras que a sociedade impunha, afinal como afirma Pierre Clastres<sup>17</sup> em sua obra *A sociedade contra o estado* (2014) “não se pode pensar no poder sem o seu predicado, a violência” (CLASTRES, 2014, p. 17) algo que os estrangeiros impuseram como ninguém, principalmente também porque esses nativos não eram nem considerados humanos.

## 1.2 O ANIMAL QUE É O OUTRO

Leandro Karnal<sup>18</sup> na obra *Todos Contra Todos: O Ódio Nosso De Cada Dia* (2017) afirma:

No trânsito, o que atrapalha? Se eu for motociclista, óbvio, carros, ônibus e pedestres não funcionam. Sou taxista: esses carros particulares estão a passeio e são descuidados. Ciclista estou? Falta cidadania aos outros. Infelizmente, todos erram e, desgraçadamente, apenas eu sei dirigir. A violência é do outro, nunca minha. Aliás, rodo como um Gandhi orientado pela Madre Teresa de Calcutá. Os outros? Gêngis Khan no banco de passageiros com Átila ao volante. O trânsito é uma metáfora trágica. Somos um país violento. Violentos ao dirigir, violentos nas ruas, violentos nos comentários e fofocas, violentos ao torcer por nosso time, violentos ao votar. (KARNAL, 2017, p. 3 – 4)

O que podemos notar no que foi exposto do por Karnal (2017), para além dessa violência que visivelmente está presente no brasileiro é a bestialização do outro, ou seja, a transformação do outro em um animal, em um ser que é diferente de mim, pois eu sou um humano civilizado e correto, de forma que ao outro só resta à personificação da barbárie, um animal.

De tal modo que iremos retomar o pensamento de Todorov (1988), quando este trabalha a visão que o europeu, na figura de Cristóvão Colombo<sup>19</sup> teve do nativo americano. Quando Juan Ginés de Sepúlveda<sup>20</sup> faz a seguinte afirmativa com relação aos nativos: “esses bárbaros são tão inferiores aos espanhóis quanto às crianças aos adultos [...] entre eles e os espanhóis, há tanta diferença [...] quanto entre os macacos e os homens” (SEPÚLVEDA apud TODOROV, 1988, p. 129 – 130). Expressando assim a ideia de barbárie com relação a esses novos indivíduos, negando-lhes a humanidade e igualando-lhes a animais.

Ao passo em que Clastres (2014) quando faz essa mesma comparação feita por Sepúlveda, vai mais além, já que este último faz a comparação depreciativa com relação

<sup>17</sup> Pierre Clastres (1934 – 1977) antropólogo francês.

<sup>18</sup> Leandro Karnal (1963 – ...) professor de história da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP).

<sup>19</sup> Cristóvão Colombo (1451 – 1506) navegador e explorador italiano.

<sup>20</sup> Juan Ginés de Sepúlveda (1494 – 1573) filósofo espanhol.



a dois povos, classificados por ele como “bárbaros” e “espanhóis”, Clastres classifica entre modelos organizacionais, ou seja, as sociedades com estado e as sem estado, no passo em que o autor utiliza isso como forma de classifica-las em sociedades consideradas primitivas e as que não são consideradas primitivas, como este mesmo diz: “as sociedades primitivas estão privadas de alguma coisa – o Estado – que lhes é tal como a qualquer outra sociedade – a nossa, por exemplo – necessária” (CLASTRES, 2014, p. 156). Deste modo, Clastres (2014) muda a perspectiva pela qual ele está classificando esse outro, já que o outro se encontra em uma sociedade considerada primitiva, diferente da que ele próprio faz parte, mas a afirmação de que a sociedade do outro é primitiva é um mero eufemismo para chamar o *outro* de bárbaro, enquanto o *eu* contido na sociedade que possui estado se faz civilizado, ou ainda que o *outro* é um animal enquanto o *eu* é um ser humano.

Mas também podemos constatar que essa bestialização que fazemos do *outro* é somente um preconceito que temos, com o olhar de fora, pois consideramos o outro como um animal, já que ele é diferente do *eu*. Novamente observando que o *outro* está intrinsecamente ligado ao *eu*. Algo que fica evidente na escrita de Clastres (2014) quando essa fala sobre as sociedades arcaicas, sobre como o *outro* é menos evoluído que o *eu*. Clastres se refere às sociedades consideradas primitivas:

As sociedades arcaicas não vivem, mas sobrevivem, sua existência é um combate interminável contra a fome, pois elas são incapazes de produzir excedentes [...] parece-nos mesmo que, nesse sentido, é antes o proletariado europeu do século XIX, iletrado e subalimentado, que se deveria qualificar de arcaico. (CLASTRES, 2014, p. 19)

Ou seja, Clastres (2014) aponta uma incoerência comum, ao se associar o bárbaro, o arcaico ao *outro*, quando podemos vivenciar isso cotidianamente e pensarmos ser algo comum, ou mesmo, transformarmos em algo comum, no caso como citado por Clastres do proletário europeu do século XIX. E Clastres (2014) ainda com relação às sociedades arcaicas afirma: “realidade oferecida pelas sociedades arcaicas, que conhecem e praticam inúmeros meios de controlar ou impedir o crescimento de sua população: aborto, infanticídio, tabus sexuais” (CLASTRES, 2014, p. 71). Ou seja, pelo que podemos perceber Clastres faz uma associação entre o que é considerado por ele ou mesmo para a época que ele escreve como arcaico, já que na última fala dele podemos interpretar que o aborto é típico de civilizações arcaicas ou primitivas, como ele chama ao longo da sua obra, mesmo que sejam algo praticado até os dias atuais, ou mesmo práticas sexuais, que em todas as épocas possuem tabus, mas que ele associa as

civilizações arcaicas, já que elas estão mais próximas da barbárie, já que elas estão distantes dele e ele é um homem civilizado, moderno, não bárbaro.

Todorov (1988) apresenta então uma citação de Andrés Bernáldez<sup>21</sup> na qual este fala com todas as letras que os nativos são animais. “As gentes das ilhas e lá da terra firme, embora tenham aparência animalesca e andem nus (...) parecem ser bastante razoáveis e de inteligência aguçada” (BERNÁLDEZ apud TODOROV, 1988, p 31). Bernáldez expressa claramente qual é o local dos nativos. Posteriormente o próprio Colombo vem a se referir aos nativos: “Ate pedaços de barris quebrados aceitavam, dando tudo o que tinham, como bestas idiotas” (COLOMBO apud TODOROV, 1988, p. 33). Ao que Todorov (1988) expressa o quão errada é a visão de Colombo que está em um sistema de troca diferente do que reina na Europa, no qual os bens possuem um determinado valor, mas agora, nas terras recém-descobertas ele se encontra em outro sistema de troca, que o próprio Colombo não compreende e por isso acredita que os nativos são animais.

Vemos claramente o que o preconceito faz com a pessoa, supondo que não existe logica nas ações dos outros, devido a sua própria visão da situação que é centrada na sua existência. Clastres (2014) ao falar da técnica presente nas sociedades primitivas “então não mais podemos falar em inferioridade técnica das sociedades primitivas: elas demonstram uma capacidade de satisfazer suas necessidades pelo menos igual àquela de que se orgulha a sociedade industrial e técnica” (CLASTRES, 2014, p 157). Ficando mais clara a inexistência de diferença entre ambos, os primitivos e os industriais.

Sendo esta uma questão a ser levantada: a diferença, porque é isso que demonstra que não sou o outro, quando se trata de pessoas, somos capazes de notar singularidades. Algo que Colombo não é capaz de notar nos índios igualando a animais, para tal Todorov (1988) afirma: “Ser índio, e ainda por cima mulher, significa ser posto, automaticamente, no mesmo nível que o gado” (TODOROV, 1988, p. 42 – 43). Algo que com a visão que temos hoje é obvio que aconteceria, já que em toda situação que homens e mulheres são sujeitados, as mulheres sempre são colocadas à inferioridade do homem, devido à sociedade patriarcal.

Deste modo compreendemos que a diferença dentro de um mesmo grupo é algo que possa nos diferenciar dos animais, tendo em vista que mesmo irmãos gêmeos têm suas singularidades, mas duas cabeças de gado dificilmente serão diferentes uma da

---

<sup>21</sup> Andrés Bernáldez (1450 – 1513) cronista da expedição de Cristóvão Colombo.

outra, e é desse modo que Colombo vê os nativos, como várias copias de um mesmo, como se quem tivesse visto um, já tivesse visto todos.

De tal modo, se são animais, como pensa Colombo, são, portanto, inferiores aos estrangeiros, que obviamente, não são animais, não são bestas, deste modo que o que resta aos que são animais, somente serem tratados como animais. “Colombo passara do assimilacionismo, que implica uma igualdade de princípio, a ideologia escravagista e, portanto, a afirmação da inferioridade dos índios” (TODOROV, 1988, p. 41), sendo essa a atitude mais lógica a ser tomada, dentro dessa realidade deturpada que Colombo criou, se são animais, porque não utilizar esses animais para os mais diversos trabalhos, tal como utilizam cavalos e cães.

Desse modo temos a comparação perfeita desses homens com animais feitos pelo autor. Haja vista que os navios que saiam da Europa para a América possuíam seus porões repletos de animais para o consumo dos tripulantes, e no regresso para a Europa, como não havia uma quantidade soberba de ouro para ser levado de volta, o navio regressava cheio de escravos.

Ou seja, no espaço que vinha repleto de animais para servirem de alimento, regressava apinhado de outros animais para serem escravizados, na concepção torta de Colombo. Ao que fica expresso por Las Casas quando esse diz: “o comportamento de Colombo implica o não reconhecimento do direito dos índios a vontade própria; implica que os considera, em suma, como objetos vivos” (LAS CASAS apud TODOROV, 1988, p. 32). Colombo tem essa concepção devido ao preconceito que possuía e a ideia errada que tinha do outro ser inferior, somente por não ser igual a ele.

Vale mencionar também a crueldade que estrangeiros tratam os nativos, já que para estes, os outros não somente são animais, mas são os animais que estão mais abaixo no caminho de se tornarem seres humanos como os estrangeiros são. Las Casas mostra toda a maldade, a crueldade e esse desprezo pela vida dos nativos quando conta que durante a expedição os espanhóis pararam para descansar resolveram afiar as espadas e assim todos os soldados fizeram, quando chegam à aldeia: “Um espanhol, subitamente, desembainha a espada [...] e imediatamente os outros cem fazem o mesmo, e começam a estripar, rasgar e massacrar [...] homens e mulheres, crianças e velhos [...] Num segundo, não restam sobreviventes” (LAS CASAS apud TODOROV, 1988, p. 119). Ou seja, os espanhóis utilizaram os corpos dos nativos para testar às quão afiadas as espadas estavam desse modo demonstrando assim que a vida daqueles que ali

estavam não passava de nada, não deveriam se preocupar, afinal, são animais e desse modo ninguém se importa ao que acontece a eles.

Karnal (2017) apresenta uma serie de comentários acerca da intolerância, sobretudo nos últimos anos no Brasil<sup>22</sup>. Em sua obra Karnal (2017) vem teorizar sobre o ódio e todo o poder que essa emoção possui, já que para o autor tal elemento é algo que é utilizado na intenção de diminuir o outro, mas não somente isso, por consequência o ódio engrandece aquele que é responsável por disseminar todo esse sentimento negativo. Karnal afirma: “Todo ódio é um autoelogio. Todo ódio me traz para uma zona muito tranquila de conforto” (KARNAL, 2017, p.5).

Portanto compreendemos que isso ajuda aquele que odeia a se sentir bem consigo, a não se sentir inferior, tendo em vista que ele pode não estar certo, mas com certeza ele não é tão errado quanto aquele que está sendo criticado ou que está sendo odiado. E ainda o ódio tem o poder de colocar a pessoa que odeia em uma posição de segurança, já que o ódio tem a capacidade de colocar o outro em evidencia.

Karnal (2017) segue afirmando que quando odiamos o ódio fala mais sobre nós, do que sobre aquilo que nós odiamos. Para Karnal (2017), somos um país violento, concordamos com ele, vamos além a afirmar que também somos um país que não tolera os outros, algo que vale questionar: cadê aquele amor à diversidade que o brasileiro tem tanto orgulho de professar que o Brasil possui? Será que além de um povo intolerante e odioso, somos um povo hipócrita também? Afinal, somos um país bem diverso, somos um país tolerante, mas somente com aquilo que eu concordo?

Segundo Sergio Buarque de Holanda<sup>23</sup> em sua obra *Raízes do Brasil* (1995) é questão de patrimonialismo, ou seja, a ausência de distinção de que se deve agir de maneira diferente na esfera pública e na esfera privada, para Holanda (1995), possuímos essa incapacidade e isso pode ser especulado por nós como também uma falta de capacidade de dissociar opinião de fato. Mas segundo Holanda, somos levados a agir dessa forma por que deixamos nos guiar pelas emoções, daí surge o termo cunhado por ele “homem cordial” se referindo ao homem guiado pelo coração, algo que surge no seio familiar, o autor afirma: “Para o [...] “patrimonial”, a própria gestão política apresenta-se como assunto de seu interesse particular” (HOLANDA, 1995, p. 146).

No passo em que Holanda (1995) vem tratar isso no campo político, no contexto de alianças políticas, que em geral ocorrem por proximidade e não por capacidade. E

---

<sup>22</sup> Tendo em vista que o país não mudou tanto nos últimos anos, desde o lançamento do livro.

<sup>23</sup> Sérgio Buarque de Holanda (1902 – 1982) historiador brasileiro.

levamos essas questões da esfera particular para o campo político, na qual decisões são tomadas unicamente com base no interesse particular – a corrupção começa assim – sendo assim, é construída uma sociedade com base nas decisões do homem cordial de Holanda, mas e se esse coração está banhado em violência e ódio? Como se já não fosse ruim, as decisões serem tomadas pelo coração serão tomadas por um coração com base em emoções “erradas”<sup>24</sup>.

Karnal afirma “Personalidades negociadoras e pacifistas são menos sedutoras do que as violentas e odiosas. É o ódio, e não o amor, que de fato nos seduz e nos deleita” (KARNAL, 2017, p. 72), ou seja, o ódio possui essa capacidade muito atraente, tendo em vista que muita gente conhece os feitos de Hitler, mas poucos conhecem os feitos de Gandhi. Somos violentos e ainda achamos ruim que nos digam isso, porque somos intolerantes, porque odiamos o diferente, porque o outro está errado, só eu estou correto, porque “O mundo deve concordar conosco. Quando não concorda, está errado” (KARNAL, 2017, p. 6). No início da sua obra, Karnal (2017) comenta sobre como no Brasil nos vemos como um povo mais pacífico em relação ao resto do mundo e sendo assim, somos mais tolerantes:

A expressão guerra civil não aparecia nunca nos livros didáticos do Brasil. Cabanagem, Balaiada, Farroupilha? Eram revoltas regenciais, termo didático, não sangrento [...] Nosso racismo? Completamente aguçado em comparação à apartheid sul-africano ou estadunidense, dizia-se. Aqui jamais houve negros separados de brancos em ônibus. [...] Que país bucólico e pacífico. (KARNAL, 2017, p. 2 – 3)

Desde a chegada dos portugueses por essas terras em 1500, temos relatos de violência, com que os portugueses lidaram com os índios; A escravidão de africanos; A inconfidência mineira, simbolizada pelo quadro de Pedro Américo que expõe o fim de Tiradentes, morto, esquartejado e exposto em praça pública; A queda de Canudos e o fim que Antônio Conselheiro teve, semelhante ao de Tiradentes; Sem mencionar o período da ditadura militar, além dos conflitos diários entre polícia e chefes que acontecem entre polícia e chefes de morros do Rio de Janeiro e de São Paulo.

Karnal apresenta aquele que pode ser considerado o cerne da intolerância, da violência e da crueldade do Brasil e de vários outros lugares mundo afora “Nossa violência é estrutural. Não é diferente da violência humana, mas é aumentada pela injustiça social, pelas relações raciais e pela própria violência política” (KARNAL, 2017, p. 15). Nesse contexto Karnal (2017) afirma: “Racismo não existe na percepção

---

<sup>24</sup> Algo que aconteceu na Alemanha, quando Hitler chegou ao poder.

das pessoas que não são alvo desse racismo” (Karnal, 2017, p. 29) e desse modo Karnal segue discutindo sobre o racismo, sobretudo no Brasil trazendo a outra face da moeda, expondo o que é ignorado por esses que acreditam que o racismo não existe no Brasil.

E ainda com relação à intolerância, mas principalmente ao racismo trazemos a luz o que é expresso por Voltaire (2011) afirma “a tolerância nunca provocou guerras civis; a intolerância cobriu a terra de morticínios” (VOLTAIRE, 2011, p. 20), ou seja, as diferenças não significam nada, diante das suas atitudes, falas e do que você escolhe fazer na sua vida, mas estando ciente que diante de suas escolhas de atitudes diante das diferenças sempre recaíram as consequências, como Voltaire (2011) expressou, diante das atitudes de intolerância sempre houve muitas mortes.

Nesse contexto, acreditamos que o erro, o preconceito, a raiva, o ódio e a própria violência estão sempre no outro e como nesse caso o que está sendo tratado é o povo brasileiro de forma geral, enquanto povo comparamos com outras sociedades e nelas vemos tudo isso que não vemos em nós mesmos. Vemos a violência dos Estados Unidos da América, mas negamos a nossa, talvez seja a saída de todos, negar sua própria violência. De modo que tendemos a concordar com a ideia que é expressa por Karnal (2017), que tudo isso não passa de nosso medo de como seremos vistos, se seremos aos olhos dos outros um país violento, sendo assim, Karnal (2017) aponta que nos preocupamos mais com a nossa imagem de violentos do que com a própria violência, e dessa forma percebemos a necessidade de abordar a questão da representação, questão essa que utilizaremos posteriormente quando analisarmos as histórias em quadrinhos e como o que é expresso nelas é uma representação do que discutimos.

No tocante a representação, Roger Chartier<sup>25</sup> na obra *História cultural: entre práticas e representações* (2002) afirma “por detrás da imagem, pintada na tela [...], será possível detectar os hábitos e práticas” (CHARTIER, 2002, p. 141), que é o que faremos nos próximos capítulos do trabalho, ao percebermos e apontarmos como as histórias em quadrinhos parecem discutir questões que são distantes e fora da realidade, mas que na verdade discutem questões muito próximas do nosso cotidiano, questões que se assemelham a notícias que vemos todos os dias.

E ainda com relação à representação, podemos perceber semelhanças entre a afirmação de Chartier (2002) e a ideia que foi expressa por Karnal (2017), pois esse expõe que “pintamos” a imagem de um país pacífico, por vezes até bucólico, mas não

---

<sup>25</sup> Roger Chartier (1945 – ...) historiador francês.

somos, de forma que se fizermos como Chartier aponta perceberemos que não somos tão pacíficos assim, questão que o próprio autor francês desenvolve na sua obra.

Em seu texto Chartier discute a representação, com um olhar voltado para o campo e seus habitantes, ao abordar essa problemática o autor traz relatos de Henri Grégoire<sup>26</sup> que elaborou e enviou questionários em uma determinada região da França, com relação ao interesse por leitura e o letramento dos camponeses, e após o recebimento de algumas respostas positivas, aponta sobre como diferente do que se imaginava o interesse por leitura por parte dos camponeses era alto, mas ao final dessas afirmações Chartier (2002) discute com relação à construção da imagem que está sendo feita com relação ao campo e seus habitantes, já que alguns dos correspondentes do abade Gregório que responderam o questionário tinham a intenção de construir uma imagem de camponeses minimamente intelectualizados, pois as respostas ao abade Gregório apontam para o acontecimento de leituras comunitárias em certos lugares ao que Chartier afirma “o motivo [...] revela mais [...] as expectativas dos letrados de finais do século XVIII do que os próprios gestos camponeses.” (CHARTIER, 2002, p. 160) expondo essa construção com relação à realidade dos camponeses, deixando claro que foi criada uma representação daqueles camponeses, ao que o autor afirma, “A função de tal imagética e [...] apresentar a sociedade rural como patriarcal, fraterna, comunitária” (CHARTIER, 2002, p. 159), de forma a criar uma representação irreal daquela sociedade camponesa, e também a evidenciar ainda mais o que é exposto pelo autor a seguir com relação à representação:

se todos [...] ajeitam as suas observações de modo a realçar uma figura ideal [...] da personalidade camponesa e, [...] propõem, em todos os domínios, os indícios apropriados ao retrato que pretendem traçar [...] Com essa condição, os testemunhos reunidos por Gregório ensinam, [...] como os letrados de província representavam, para si ou para os outros, os leitores camponeses. (CHARTIER, 2002, p. 160 – 161)

Expondo assim, as problemáticas com relação às representações, quando tentamos mascarar, ou omitir questões que consideramos problemáticas com relação à imagem que pretendemos passar, de modo que retornando ao que Karnal (2017) discute, em vez de tentarmos diminuir a violência, só tentamos escondê-la, mesmo que essa ocorra diariamente como exposto em: “Todos são alvo de violência sistemática. Mas achamos que a violência do outro é endêmica, estrutural e sociológica, enquanto a nossa

---

<sup>26</sup> Henri Grégoire (1750 – 1831) Abade francês, ficou mais conhecido por abade Gregório.

violência é episódica, acidental e fruto de indivíduos perturbados” (KARNAL, 2017, p. 39 – 40).

Sendo essa uma questão que consideramos predominante quando se trata da representação de um povo ou de um grupo por ele mesmo, como questionado por Chartier (2002) com relação às práticas camponesas “será possível detectar os hábitos e práticas dos habitantes dos campos, que não são de modo algum os das nostalgias cidadinas, mas os de carne e osso que povoam o país” (CHARTIER, 2002, p. 141), de modo a evidenciar que as representações por vezes são criações distorcidas da realidade, de forma que corrobora com o que Karnal (2017) discute, sobre como nos negamos a aceitar que somos violentos, preferimos que sejamos representados de outras formas, não aceitando que a violência faz parte do cotidiano do brasileiro, de forma que fazemos o que é exposto por Chartier quando ele afirma “fazem triagens, generalizam, e talvez omitam de modo a tornar sensível” (CHARTIER, 2002, p. 150), que é o que fazemos, pois, preferimos ser representados enquanto um povo alegre, batalhador, que são considerados elogios, mas nunca querendo que sejamos representados como corruptos.

Situação essa que pode ser aplicada em vários outros contextos, homofóbicos, transfóbicos e raciais, por exemplo, já que sempre que um negro, um transgênero ou um homossexual se destaca de maneira negativa este representa todo o grupo, ou seja, aquele único indivíduo corresponde a todos os outros desse mesmo grupo, todos pensam igual, agiriam da mesma forma e teriam a mesma visão de mundo, mas quando a situação é invertida, quando é alguém dentro do “padrão”, um homem, hétero, branco, cristão, que faz alguma atrocidade, ninguém generaliza dizendo que todos os héteros são dessa forma ou todos os brancos e nunca que diria que todos os cristãos agem desse jeito. Mas temos que pensar nas consequências dessas afirmações e dessas atitudes, pois elas quase sempre são trágicas, como Hitler considerando que todos que não fossem arianos eram impuros e indignos de viver, ou como o que podemos perceber lendo um pouco do material que as histórias em quadrinhos trazem, em *X-Men: Dourados*<sup>27</sup> que apresenta um pouco do passado de Lydia Nance uma mulher que para todos os efeitos é a personificação da intolerância com relação aos mutantes. Quando criança passou por situações terríveis com um único mutante, e diante disso quando se torna uma mulher adulta passa a perseguir todos os mutantes, sem fazer nenhuma distinção, como se todos

---

<sup>27</sup> *X-Men: Dourados* nº 22 (2018), roteiro de Marc Guggenheim, ilustração de Diego Bernard (1985 – ...).



a tivessem agredido quando criança. E não só essa violência velada, mas ainda existe aquele tipo de violência que Karnal classifica como “tirania do bem”, quando afirma:

É errado você forçar seu filho ou ser violento com ele, mas se for para dar uma vacina, uma injeção necessária (o bem), é possível forçá-lo. Ele esperneia você segura, a enfermeira louva a sua energia, o médico destaca a sua boa paternidade e diz: “Tem que ser assim mesmo” E você ainda complementa “Você não sabe, meu filho. No futuro, ainda vai me agradecer”. Não. No futuro ele vai para o psicólogo em função de todo o bem que o forçaram aceitar. (KARNAL, 2017, p. 73)

Diante disso compreendemos que podemos ser intolerantes, podemos ser violentos se for com o discurso de que “é para o bem dele”, infelizmente no Brasil isso é algo presente desde que os navios portugueses chegaram em 1500. Portugueses forçando nativos a abandonarem suas religiões para seguirem a religião “correta”, portugueses escravizando nativos e africanos para que os primeiros deixassem de serem preguiçosos e os segundos tivessem alguma utilidade nessa vida, tudo isso utilizando o discurso que é para o bem deles.

Sempre ocorrendo de serem utilizadas qualquer desculpa que normalmente não é visto como ato de maldade, é pregado como uma libertação ou uma forma de levar o outro a conhecer, como foi tratado anteriormente por Clastres (1977) e Todorov (1988), que os colonizadores somente queriam levar os colonizados em direção à civilização ou mesmo fazê-los conhecer o verdadeiro deus e deixar a vida que os colonizadores consideravam como idolatria.

Bem como no caso dos Estados Unidos da América que aprovou leis que ficaram conhecidas como leis *Jim Crow*<sup>28</sup> termo que foi designado para estereotipar os negros, no qual essas leis foram uma forma de segregação presente na terra do tio Sam, que possuía respaldo jurídico, ou seja, de fato era lei, uma forma dos brancos da época poderem ser racistas à vontade, segregando com base no poder do estado, condenando os negros a marginalização daquela sociedade. Foi por meio dessa lei que a segregação se tornou oficial, trazendo com ela então os espaços específicos para cada cor, qual era o lugar devido dos negros e o lugar dos brancos, nesse cenário que nomes como: Rosa Parks<sup>29</sup>, Martin Luther King Jr. e Malcolm X<sup>30</sup> começaram a ganhar mais visibilidade, lutando contra a supremacia branca e em busca dos direitos civis dos negros.

<sup>28</sup> Crow significa corvo, pássaro conhecido pela plumagem escura, uma óbvia referência a pele negra.

<sup>29</sup> Rosa Parks (1913 – 2005) militante pelos direitos civis nos EUA, que após um dia cansativo de trabalho, se recusou a dar o seu lugar no ônibus a um homem branco e por isso foi presa, infelizmente não tem seu nome tão conhecido como outros ativistas da época.

<sup>30</sup> Martin Luther King Jr. e Malcolm X serão abordados posteriormente.

Para finalizar, retomamos o pensamento de Voltaire (2011) quando este diz: “O direito da intolerância é, portanto, absurdo” (VOLTAIRE, 2011, p. 25) de modo que Machado (1994) complementa sua fala, quando este faz a seguinte afirmativa sobre intolerância “tolerar incondicionalmente os intolerantes significaria eventualmente permitir a destruição dos próprios tolerantes” (MACHADO, 1994, p. 3). Ou seja, temos que ter cuidado com o que toleramos, já que isso pode nos custar caro, um presidente que deseja acabar com a democracia e instaurar um regime totalitário, ou declarações de pessoas que dizem que se pudessem matariam homossexuais, transgêneros ou negros, se passarmos muito tempo tolerando esses discursos, quando passarem a ser atitudes será tarde demais, já que teremos tolerado os intolerantes por muito tempo.

## CAPÍTULO 02: HQ'S DE SUPER-HERÓIS E INTOLERÂNCIA

Com intuito de apresentar as possibilidades que as histórias em quadrinhos de super-heróis dedicaremos um tempo a fazer uma breve apresentação de fatos que iram culminar com o surgimento dos *X-Men* nos quadrinhos, mas antes apontaremos outras questões que permeiam a tolerância e que poderiam ser facilmente tratadas com o apoio das histórias em quadrinhos de super-heróis.

O Super-Homem<sup>31</sup> foi o personagem que deu início ao movimento de HQ's<sup>32</sup> de super-heróis em 1939. Logo que teve seu passado canonizado nos quadrinhos se tornou a perfeita representação do migrante ou mais especificamente do refugiado, já que o Super-Homem foi construído como o único<sup>33</sup> sobrevivente do seu planeta natal, que explodiu exterminando toda a sua espécie, mas antes do planeta explodir, seus pais biológicos, o lançaram no espaço em um foguete, chegando ainda bebê na terra e sendo criado por um casal de fazendeiros do Kansas como se fosse seu filho.

Ao deixar a cidadezinha em que foi criado pela cidade grande, após concluir a faculdade de jornalismo, passa a sofrer com questões relativas à sua origem humilde, de cidade pequena, por vezes permeando a xenofobia, algo que enfrenta tanto quanto civil, quanto como super-herói, já que ele enfrenta alguma resistência por parte da população, por não ser nativo da terra, tendo que lidar com a intolerância de algumas pessoas.

E ao falara sobre o primeiro super-herói, vale mencionar também a primeira super-heroína, que com o passar dos anos se tornou símbolo de luta contra o machismo e todas as intolerâncias que as mulheres sofrem dentro de uma sociedade patriarcal, a Mulher Maravilha<sup>34</sup>, que desde sua criação na década de 40 já passou por várias situações em que enfrenta machismo e misoginia, sem contar outras mulheres nos quadrinhos que também contribuem para essa luta contra o machismo.

Outra personagem que podemos utilizar para tratar questões relativas ao machismo e também a outro tipos de intolerância é a Batwoman<sup>35</sup>, umas das parceiras do Batman. Uma personagem criada na década de 50, mas que décadas depois, no início dos anos 2000 passou por uma reformulação na qual a personagem, que agora iria se chamar Katherine Kane, seria uma mulher lésbica, mudança essa que acrescentou

---

<sup>31</sup> Criado pelo roteirista Jerry Siegel (1914 – 1996) e pelo ilustrador Joe Shuster (1914 – 1992).

<sup>32</sup> Abreviação para “histórias em quadrinhos”, termo que será utilizado ao longo da discussão.

<sup>33</sup> Posteriormente sendo revelado que ele não foi o único sobrevivente.

<sup>34</sup> Criada pelo roteirista Charles Moulton (1893 – 1947) e pelo ilustrador Harry Peter (1880 – 1958).

<sup>35</sup> Reformulada pelo roteirista Grant Morrison (1960 – ...) e pelo ilustrador Alex Ross (1970 – ...).

bastante na trajetória de Katherine, já que agora ela lutava contra o crime enquanto estava de máscara e lutava contra a homofobia quando estava sem máscara, sendo esse último um lado que é bastante explorado pela editora.

Outra super-heroína que enfrenta questões similares é a Barbara Gordon<sup>36</sup> que também é parceira do Batman e assim como a Batwoman foi reinventada, já que até os últimos anos do milênio passado, Barbará atuava como a Batgirl, mas ao ser alvejada por um disparo de arma de fogo que atingiu sua coluna, ela ficou paraplégica e tem que lidar com todas as questões relativas a essa nova condição, mas mesmo na cadeira de rodas não deixa de agir como super-heroína, já que como oráculo ela é o cérebro de vários outros personagens.

Similar ao que ocorre com o personagem criado na década de 60 o Demolidor<sup>37</sup>, que conta a história do jovem Matthew Murdock, que perde a visão ainda criança, devido a um acidente em que é banhado com produtos químicos, mas desenvolve uma audição super aguçada, capaz de feitos absurdos, como ouvir o toque de uma pálpebra na outra. E com o auxílio dessa sua capacidade sobre humana treina artes marciais e passa a utilizar o seu dom para ajudar a combater o crime.

De modo que ainda apontamos para o que afirma Sean Howe no livro *Marvel Comics: A história secreta* (2013) “o Pantera-Negra<sup>38</sup> [Black Panther] ainda fez história como primeiro super-herói negro a chegar ao grande público” (HOWE, 2013, p. 63) personagem que foi publicado pela primeira vez no mesmo ano de criação do partido em 1966, mas que havia sido criado anos antes e assim como o partido o Pantera Negra se tornou símbolo de luta contra o racismo.

Por fim, além do Pantera Negra – que é um símbolo de resistência e de representação para as pessoas negras – outro personagem que é exemplo de luta para os negros que podemos mencionar é o personagem criado na década de 70 Luke Cage<sup>39</sup> um homem negro que diferente do Pantera Negra não é alguém que é bem sucedido, Luke Cage é um personagem que lida com os problemas da rua e por isso lida com várias situações de racismo, várias situações em que o personagem é colocado diante de problemas sociais dentro da cidade de Nova Iorque, e estando em contato com outros

---

<sup>36</sup> Reformulada pelos roteiristas Kim Yale (1953 – 1997), John Ostrander (1949 – ...) e pelo ilustrador Luke McDonnell (1959 – ...).

<sup>37</sup> Criado pelo roteirista Stan Lee (1922 – 2018) e pelo ilustrador Bill Everett (1917 – 1973).

<sup>38</sup> Criado pelo roteirista Stan Lee e pelo ilustrador Jack Kirby (1917 – 1994).

<sup>39</sup> Criado pelo roteirista Archie Goodwin (1937 – 1998) e pelos ilustradores John Romita (1930 – ...) e George Tuska (1916 – 2019).

personagens negros que passam pelas mesmas situações, já que em geral ele atua em áreas da cidade que são historicamente relacionados aos negros, como o Harlem.

Isso sem contar umas das maiores capacidades desses personagens que é a capacidade de inspirar pessoas, característica que consideramos como sendo a principal de vários personagens, independente da temática que abordam, tanto dentro quanto fora das suas aventuras, já presenciamos variados personagens em diversas situações inspirando pessoas a serem a melhor versão delas mesmas, como a situação em uma história em quadrinhos do Super-Homem<sup>40</sup> em que ele ajuda uma mulher que perdeu tudo, família, emprego e foi para o topo de um prédio com intenção de se jogar de lá de cima para a morte, e após um dia ao lado da mulher literalmente a beira do abismo o Super-Homem após relatar a perda de uma amiga suicida afirma.

Se você honestamente acredita, bem o fundo do seu coração, que você nunca terá um outro dia feliz... então dê um passo no ar. Eu mantereí minha promessa. Eu não impedirei você. Mas se você acha que tem uma **chance** – não importa o quanto ela seja pequena – que possa haver apenas mais **um** dia feliz lá fora... então pegue na minha mão. (SUPERMAN, 2010, p. 18)

Salvando assim uma vida dentro das páginas dessa história em quadrinhos e possivelmente salvando incontáveis vidas fora dela; O próprio mantra pessoal do Homem Aranha que afirma que com grandes poderes vem grandes responsabilidades, expondo a ideia de que se você é capaz de fazer algo bom para ajudar alguém, você deve ajudar; O Capitão América que em várias ocasiões já expressou a ideia de fazer o certo independente do que a maioria afirma que deve ser feito ou que é o certo a se fazer, dentre várias outras situações que podem levar tanto os personagens dessas histórias quanto os leitores a serem pessoas melhores, de forma a colaborar positivamente para a construção do caráter dos leitores e por sua vez com uma sociedade mais tolerante.

## 2.1 UMA BREVE HISTÓRIA DAS HQ'S DE SUPER-HERÓI

No início da década de 30 as histórias em quadrinhos haviam se popularizado contando vários tipos de histórias, haviam as de ficção científica, de terror, de faroeste, policiais, romances, entre vários outros gêneros, mas em 1939 a DC Comics publica a história do primeiro super-herói, aquele que foi responsável pelo prefixo “super” associado ao herói, o Super-Homem que assim que chegou ao público revolucionou a

---

<sup>40</sup> Superman nº 701 (2010), roteiro de J. Michael Straczynski (1954 – ...), ilustração de Eddy Barrows (1967 – ...).

indústria, mas seu lançamento acontece às vésperas da II Guerra mundial e devido ao fato de que a indústria de quadrinhos de super-heróis, que nem chegava a ser uma indústria ainda, nesse início era composta majoritariamente por jovens, embora houvessem pessoas mais velhas envolvidas, elas não estavam envolvidas diretamente na produção das histórias em quadrinhos.

Durante a guerra aconteceu um período de recesso nas publicações de super-heróis, mas não antes da *Marvel Comics* que na época nem possuía esse nome fazer sua primeira publicação, trazendo ao mundo no ano de 1941 o Capitão América<sup>41</sup> que em sua primeira história já trazia algo que podemos também relacionar com a questão da intolerância, mas não tão diretamente, tendo em vista que o Capitão América é criado dentro das HQ's para ir à Alemanha combater Hitler e os nazistas. Algo que fica claro na sua emblemática primeira edição em que vemos o Capitão América socando Hitler.

Após a estreia do Capitão América em 1941 muitos dos profissionais que trabalhavam nos quadrinhos foram convocados para o fronte de batalho, no qual devido ao talento relacionado à escrita ou desenho, uma vasta maioria deles não pegou em armas de fato para lutar contra o nazismo, mas ficando reclusos aos trabalhos em escritórios, até o fim da guerra em que puderam retornar para a América que havia passado por mudanças diante da guerra.

Com os horrores da guerra os personagens que haviam sido publicados sob o título de super-heróis já não mais faziam sucesso após o fim da guerra, mas as histórias de quadrinhos ainda representavam algum sucesso, já que o público leitor muito se agradava de histórias em quadrinhos de terror e de horror, que na época eram bastante populares, sendo publicadas por diversas editoras, contribuindo para o surgimento de um dos maiores problemas que a indústria de histórias em quadrinhos já enfrentou, que foi toda a problemática e as consequências causadas pelo psiquiatra Dr. Fredric Wertham que publicou em 1954 um estudo em que apontava que as histórias em quadrinhos eram responsáveis por tornar os jovens delinquentes “Cidadezinhas organizaram fogueiras de gibis [...] cidades como Detroit tiveram projetos de lei para banir o flagelo” (HOWE, 2013, p. 22).

Nesse período, em meados da década de 1950 grande parte das empresas relacionadas a histórias em quadrinhos estavam quase indo à falência, não só as produtoras, mas toda a rede de empregos gerado ao redor das HQ's estava ruindo, tanto

---

<sup>41</sup> Criado pelo roteirista Joe Simon (1913 – 2011) e pelo ilustrador Jack Kirby.

devido à guerra, período em que muitos dos artistas estavam no além-mar, quanto devido ao Dr. Wertham, que em sua obra *A sedução dos inocentes*, trazia alegações “científicas” de que as histórias em quadrinhos eram prejudiciais para os jovens dessa forma fortalecendo ainda mais o estigma sobre os quadrinhos, que já eram mal vistos nessa época devido ao tom mais violento e mais macabro das HQ’s de terror, em que uma delas realmente rendeu um processo judicial nos artistas responsáveis, por trazer uma cabeça decapitada na capa, entre outros casos, como afirma Pires:

As histórias de terror e crimes foram abraçadas pelos leitores, e várias editoras investiram nesse formato. Os artistas abusavam dos contrastes pesados e do realismo ao retratar cenas de violência nas capas, que muitas vezes traziam tiros, perfurações e até amputações, sem o menor pudor. O salto nas vendas desse tipo de publicação fez com que os pais as notassem, e rapidamente instaurou-se uma paranoia e um repúdio aos quadrinhos que culminou na publicação do livro *Seduction of the Innocents*, do Dr. Frederic Wertham. (PIRES, 2005, p. 13)

Devido ao impacto que foi esse estudo, publicado pelo Dr. Wertham, o monstro da censura passou a agir nas histórias em quadrinhos, pois quando a crescente indústria de histórias em quadrinhos percebeu que iria sofrer com intervenção do estado, temendo que o estado fosse mais severo do que o necessário a própria indústria passou a praticar a censura necessária, por meio da criação do código de aprovação das HQ’s que regularizava tudo que poderia e que não poderia acontecer nelas, como Howe afirma:

No verão de 1954 [...] quase todos os editores que restavam formaram a Comics Magazine Association of America, que instituiu regras de autorregulamentação baseadas no Código Hays, de Hollywood, mas ainda mais draconianas: de acordo com o Código de Ética dos quadrinhos, as capas não poderiam incluir as palavras horror nem terror e, sob circunstância alguma, zumbis, vampiros, fantasmas nem lobisomens poderiam aparecer em qualquer centímetro dos gibis. (HOWE, 2013, p. 21)

De modo que podemos perceber a um movimento de conservadorismo naquele momento, já que ocorreu com os quadrinhos o mesmo que ocorria na indústria do cinema, que já enfrentava o problema de ter que se regulamentar para se adequar aos padrões da censura. Com a vigência do código nas histórias em quadrinhos, só poderia ser publicadas histórias que trouxessem na capa o selo do mesmo, que só serviu para podar a criatividade da indústria, devido a isso surgiram várias HQ’s (que tão logo quanto surgiram, deixaram de existir), na época em que tudo isso acontecia a DC Comics mais uma vez inovou na indústria trazendo para o público em 1960 a Liga da Justiça da América que contava a história de uma super equipe formada com os maiores títulos da editora, enquanto isso o editor chefe da *Marvel* ao ver o sucesso que uma equipe fazia, pediu que fizessem uma equipe para a *Marvel*.

Foi assim que no ano seguinte em 1961 a *Marvel* publicou a primeira HQ's do Quarteto Fantástico<sup>42</sup>, a primeira equipe da *Marvel* que já trazia um pouco do que seria a marca da editora como Howe afirma: “Heróis com pés de barro, muitos eram marcados pela solidão e pelas dúvidas sobre o que faziam. Até os mais confiantes carregavam o fardo de saber que não se encaixavam neste mundo” (HOWE, 2013, p. 2). No ano seguinte após o surgimento do Quarteto Fantástico iria surgir um personagem que representa essa marca registrada da *Marvel* muito bem.

Em 1962 foi criado o Homem Aranha<sup>43</sup>, personagem que era diferente de tudo que era publicado na época, já que o protagonista tinha problemas bem reais como contas a pagar, o sucesso do personagem fica claro quando Pires afirma:

Ditko e Lee agradaram os leitores de maneira tão abrupta que pouco tempo depois de sua estreia, o personagem ganhou uma legião de fãs e uma revista própria. Toda uma juventude que sentia na pele as dores e conflitos da adolescência tinha agora um ícone, um herói pertinente e palpável, com o qual podiam se identificar. (PIRES, 2005, p. 21)

Devido a tanto sucesso logo recebeu uma proposta do governo encomendando uma história que abordasse a luta contra as drogas, Stan Lee que era o editor chefe da *Marvel* na época logo aceitou, e se encarregou de preparar uma HQ do Homem Aranha em que o protagonista se posiciona contra o uso de drogas, mas o governo americano ao receber o material finalizado, recusou alegando que a temática foi tratada de maneira muito pesada para um público tão jovem, quanto o público das HQ's era considerado, nesse momento Stan Lee decidiu seguir em frente para publicar a história.

Muito embora soubesse que se a HQ havia sido recusada pelo governo sob a alegação de ser muito pesada para o público infanto-juvenil, provavelmente ela também seria recusada pelo código que ainda regulava as publicações, mas Stan Lee estava disposto a publicar a HQ de qualquer maneira e foi assim que em quase 20 anos de existência uma HQ foi publicada sem o selo de aprovação do código na capa. Atitude essa que somente serviu para fortalecer ainda mais o gênero de HQ's, tendo em vista como a temática foi lidada, mostrando que depende do indivíduo querer ou não entrar nas drogas e ainda, que o indivíduo pode ser mais forte que as drogas e que pode se libertar delas, se realmente quiser já que pode contar com ajuda.

A narrativa anti-drogas da editora ganhou aclamação de vários setores da sociedade estadunidense. [...] a *Marvel* recebeu apoio através de várias cartas de igrejas, pais e professores que adoraram a ideia. Inclusive, o *The New York Times* fez uma crítica favorável à revista. (GUERRA, 2011, p. 190)

---

<sup>42</sup> Criados pelo roteirista Stan Lee e pelo ilustrador Jack Kirby.

<sup>43</sup> Criado pelo roteirista Stan Lee e pelo ilustrador Steve Ditko (1927 – 2018).



E com tudo isso acontecendo, a ousadia de Stan Lee serviu para que o código fosse revisto, e o Homem Aranha solidifica um movimento da indústria, que havia iniciado anos antes e tinha como proposta tratar de temáticas mais voltadas para o contexto social dos personagens, na *Marvel* esse movimento teve grande significado quando em 1963 foram criados os mutantes.

## 2.2 “VINDE A MIM MEUS X-MEN”

Em 1963, Stan Lee já havia participado da criação de vários personagens que hoje em dia são bem conhecidos do grande público, como Homem Aranha, Homem de Ferro, Hulk, Quarteto Fantástico, Thor, Homem Formiga, Doutor Estranho e os Vingadores<sup>44</sup>.

Sendo assim estava ficando cada vez mais difícil para Stan Lee dar uma origem única para os personagens, já que todos possuíam uma história bem particular de como se tornaram os super-heróis que eram, embora muitas possuíssem a similaridade da tragédia, sendo assim, visando sanar esse problema Stan Lee então criou uma maneira mais fácil de justificar novas origens, usando como base a genética. Dessa forma aliado a Jack Kirby, eles criaram aquele que seria o próximo estágio da evolução humana.

Os mutantes ou Homo Superior foram criados como uma nova espécie, surgindo a partir da evolução humana seguindo os conceitos propostos pela ciência ao longo dos anos, por meio de conceitos da genética, de modo que os indivíduos já nascem como mutantes, mesmo sem saber que são, devido ao seu código genético diferente, que no caso de um mutante, possui o gene X<sup>45</sup>, podendo ser passado de pai para filho ou mesmo pular algumas gerações e se manifestar em filhos de não mutantes, como é apresentado nas páginas iniciais da *Novíssimos X-Men*<sup>46</sup> “Nascidos com mutações genéticas que lhes dão habilidades além daquelas dos humanos normais, os mutantes são o próximo estágio da evolução humana. Como tal, eles são temidos e odiados pela humanidade.” (NOVÍSSIMOS X-MEN, 2013, p. 1) E assim surgem os indivíduos com gene X, só são mutantes aqueles que possuem o gene X ativo, despertando as capacidades especiais, pois uma das características desse gene é que ele pode ficar inativo, durante anos ou mesmo décadas, até que é despertado e acontece como

<sup>44</sup> Que viria a estrear no mesmo mês que os *X-Men*.

<sup>45</sup> Gene X é o gene responsável pela mutação.

<sup>46</sup> *Novíssimos X-Men* nº 5 (2013), roteiro de Brian Michael Bendis (1967 – ...), ilustração de Stuart Immonen.

expresso na *Fabulosos X-Men*<sup>47</sup> “Em um minuto ele é humano, no próximo, mutante” (FABULOSOS X-MEN, 2013, p. 8) e o mutante, descobre seus poderes.

Muitas vezes a descoberta dos poderes mutantes se dá na adolescência, já que os poderes são revelados em momentos de estresse. O que muitas vezes é piorado diante das transformações que ocorrem durante a puberdade, quando o corpo está repleto de hormônios e agora terá que lidar com a descoberta de ser um mutante. Dessa forma surgem os mutantes, com características diferentes e formas diversas de ver o mundo. Uma forma de vermos como a transição de humano para mutante pode ser traumática pode ser vista na HQ *X-Men: Dourados*<sup>48</sup>.

**Figura 1** – Interior da *X-Men: Dourados* nº 36 (2018).



Fonte: [https://www.marvel.com/comics/issue/70239/x-men\\_gold\\_2017\\_36](https://www.marvel.com/comics/issue/70239/x-men_gold_2017_36)

A imagem é dividida horizontalmente em dois quadros de mesmo tamanho, no primeiro vemos um homem, mutante que possui alguma capacidade extraordinária relacionada ao fogo, que se manifesta cobrindo todo o seu corpo, e libera disparos de energia que causaram a destruição no cenário em que está inserido, pois além dele vemos poeira e fumaça, no quadro seguinte vemos além do primeiro mutante, e da destruição causada por ele, uma outra mutante, uma mulher, caucasiana, com cabelos castanhos que contornam seu rosto, indo até ele, sem ser atingida pelos disparos de energia liberados do corpo deles, em ambos os quadros existem balões de falas e com isso, vemos o seguinte diálogo:

“– Sou um **Monstro**”...

– Você não é um monstro, só está assustado. E, por que não estaria? Acordou esta manhã e descobriu que tem os poderes de um **Deus**.”<sup>49</sup>

Na imagem acima vemos o a então líder de uma das equipes dos *X-Men*, Kitty Pryde, tentando acalmar um jovem mutante em pânico, na imagem podemos perceber que a mutação do jovem além de deixa-lo aterrorizado, pois é como expresso na *X-Men*:

<sup>47</sup> *Fabulosos X-Men* nº 1 (2013), roteiro de Brian Michael Bendis, ilustração de Chris Bachalo (1965 – ...).

<sup>48</sup> *X-Men: Dourados* nº 36 (2018), roteiro de Marc Guggenheim, ilustração de Pere Perez.

<sup>49</sup> Por uma questão de acessibilidade, objetivando que deficientes visuais possam ter acesso ao trabalho na íntegra por meio de leitores de texto, ao utilizarmos imagens iremos descrevê-las, mesmo que possa se tornar repetitiva, por serem analisadas no corpo do texto ao discutirmos algumas questões.

*Azuis*<sup>50</sup> por uma mutante “Em alguns casos essas mutações são selvagememente traumatizantes e perigosamente cruéis. Esses novos mutantes já estão apavorados o bastante” (X-MEN: AZUIS, 2018, p. 17) como vemos na imagem, além de causar toda a destruição, vemos pedaços de pedras, fumaça e poeira, além das rajadas de energia que ele libera descontroladamente, enquanto grita afirmando ser um monstro, e podemos ver o destaque que é dado para essa palavra, quando ela aparece escrita em negrito, por que é essa a visão que os humanos tem dentro do universo dos *X-Men*, que uma criatura daquelas só pode ser um monstro, sem compreender que tão aterrorizado quanto o humano que observa toda aquela destruição, está também o mutante, por estar no centro de tudo aquilo, dessa forma vemos o mutante da imagem aterrorizado tanto com o estado em que se encontra, mas também com a possibilidade de ferir outras pessoas, enquanto Kitty Pryde procura fazer o papel amenizador, tentando acalmar o mutante para que assim os poderes dele se controlem, uma situação que pode muito bem ser comparada a alguma situação de descoberta de sexualidade em que o indivíduo que se descobriu passa a se culpar por ser daquela forma.

Quanto à origem dos *X-Men*, enquanto equipe, e não enquanto história em quadrinhos, ela se deu por meio do professor Charles Xavier, ou Professor X, sendo o filho de família rica e herdeiro de uma boa fortuna, também sendo um mutante já depois de adulto, Xavier perdeu o movimento das pernas o que é um paralelo bem interessante criado pela *Marvel*, já que Xavier é cotado como o maior telepata do mundo, então ele tem o cérebro mais poderoso do mundo, mas da cintura para baixo seu corpo “não funciona” o que segue o padrão da *Marvel*, dando problemas para os personagens e fazendo com que eles se desenvolvam melhor com o que possuem.

Xavier então utiliza seus recursos financeiros para construir um santuário para mutantes, como é expresso na *X-Men*<sup>51</sup> em que uma mutante está seguindo viagem de volta para o Instituto Charles Xavier e afirma “Jubileu só tem uma palavra para descrever os X-Men: lar” (X-MEN, 2013, p. 4) santuário que funciona sob a fachada de uma escola para jovens superdotados, o que de fato os mutantes são, mas que a sociedade supõe que ele busca jovens com Q.I. alto. Ele procura mutantes para ensinar a controlar os seus poderes, como ele aprendeu a controlar o seu sozinho, agindo como

---

<sup>50</sup> *X-Men*: Azuis nº 26 (2018), roteiro de Cullen Bunn (1971 – ...), ilustração de R.B. Silva.

<sup>51</sup> *X-Men* nº 1 (2013), roteiro de Brian Wood (1972 – ...), ilustração de Olivier Coipel (1969 – ...).

um pai, como podemos perceber na *Incríveis X-Men*<sup>52</sup> em que um de seus pupilos afirma “Por causa do “pai” que compartilhamos em **Charles Xavier**” (INCRÍVEIS X-MEN, 2014, p. 5), a escola também serve para mutantes que são perseguidos por possuírem mutações que se manifestam de maneira mais visual<sup>53</sup> impedindo que o mutante possa fingir ser uma pessoa “normal” e se integrar a sociedade humana.

E ainda tendo em vista que a sociedade não aceita a existência daqueles que são diferentes, muitas vezes perseguindo mutantes e ofendendo como aponta Howe “No Universo Marvel, “mutuna” virou um cognome cada vez mais proferido, a intolerância cresceu, e os *X-Men* ficaram cada vez mais paranoicos quanto a seu lugar no mundo” (HOWE, 2013, p. 171), haja visto que o termo “mutuna” foi criado para se referir aos mutantes de maneira pejorativa, e Howe (2013) deixa claro a possibilidade de se trabalhar os conceitos que abordamos no primeiro capítulo, como intolerância, ódio, empatia e alteridade com relação aos mutantes, que faremos no próximo capítulo.

**Figura 2** – Capa da Fabulosos *X-Men* nº 01 (1963).



**Fonte:** [https://www.marvel.com/comics/issue/12413/uncanny\\_x-men\\_1963\\_1](https://www.marvel.com/comics/issue/12413/uncanny_x-men_1963_1)

A imagem não possui divisões, a maior parte dela tem o fundo branco, além do título da revista escrito na parte de cima da imagem, vemos elementos relacionados à publicação, na parte de baixo vemos todos os protagonistas em combate contra o vilão

Assim surgem os *X-Men*, na capa da primeira aparição da equipe podemos ver os personagens que estrearam a revista, todos criados pela dupla Stan Lee e Jack Kirby que juntos produziram essa história, sendo os personagens de cima para baixo Anjo ou

<sup>52</sup> *Incríveis X-Men* nº 6 (2014), roteiro de Jason Aaron (1973 – ...), ilustração de Ed McGuinness (1974 – ...).

<sup>53</sup> Como o mutante Noturno, que será exposto posteriormente.

Warren Worthington III, Fera ou Hank McCoy, Garota Marvel ou Jean Grey, Ciclope ou Scott Summers e o Homem de Gelo ou Robert Drake. Na sua estreia os *X-Men* enfrentam o também mutante, mas vilão, Magneto ou Erik Lehnsherr que será abordado posteriormente. É algo que podemos perceber nessa capa de estreia da equipe é o papel da mulher, pois todos os homens que aparecem na capa estão em posição de ataque ou em posição de luta, enquanto a Garota Marvel aparece fazendo pose.

Na escola Xavier, que serve de lar para aqueles que assim desejarem, enquanto treina com esses mutantes para que eles controlem seus poderes, Xavier também busca por meio deles mostrar o seu ideal para o mundo, já que ele acredita que mutantes e seres humanos comuns podem coexistir em um mundo de maneira pacífica de modo que só precisam exercitar a empatia e aprender a conviver em sociedade.

Xavier criou essa força tarefa para lutar e proteger a humanidade, protegendo-a de desastres naturais, dela mesma e principalmente de outros mutantes. Sendo esses os primeiros *X-Men*, mas que se tornariam uma equipe maior e se segmentando em outras equipes como: *X-Men: Dourados*, *X-Men: Azuis*, *X-Men: Vermelhos*, *Novos X-Men*, *Novíssimos X-Men*, entre vários outros títulos. E ainda dentro dessa questão da formação da equipe, na década de 70 Chris Claremont fez uma série de incrementos na história dos mutantes dando a eles ainda mais profundidade e resultando em maior popularidade como afirma Howe.

Partiram para transformar Garota Marvel em Fênix, a super-heroína mais poderosa dos quadrinhos. [...] ela ressurgiu com mais poder que o necessário. Ela tivera acesso à “força-fênix... uma manifestação da força primordial do universo [...] por isso, tem poder ilimitado”. Não demorou para ela começar a emitir raios que lançavam inimigos a vinte quilômetros de distância e abrir portais para outros mundos. (HOWE, 2013, p. 140)

Já que após a inserção e a mescla da equipe com esses novos personagens que iremos tratar em breve, aconteceu como descrito por Howe (2013) aquela que já não era uma garota comum foi transformada num dos seres mais poderosos do universo *Marvel*, a Fênix, que no momento estava utilizando o corpo de Jean para canalizar seu poder, tornando Jean mais poderosa do que já era, pois mesmo sem ser portadora da entidade da Fênix ela já era muito poderosa, pois é uma das poucas cotadas como nível ômega<sup>54</sup>.

E sendo seu corpo capaz de conter a entidade da Fênix em detrimento de sua consciência que é perdida, desse modo a Fênix assume o corpo de Jean da mesma forma que lhe dá capacidade infinita, nesse contexto a *Marvel* trazia para uma mulher todo

---

<sup>54</sup> Nível ômega é o mais alto nível de poder que um mutante pode alcançar.

esse destaque, toda essa capacidade, para que as leitoras se sentissem representadas. E como apresentamos houve o surgimento de novos membros dos *X-Men*, na *Giant-Size X-Men*<sup>55</sup>, foram criados novos personagens que se juntaram a alguns que já existiam para complementar a equipe. História que também foi a responsável por dar um caráter mais internacional aos *X-Men*, tendo em vista que cada um dos novos membros da equipe é de uma nacionalidade diferente, tornando assim o grupo mais heterogêneo, diferente da formação inicial em que todos os membros eram americanos, combatendo mesmo que de maneira bem indireta a xenofobia.

Sendo assim, temos Tempestade<sup>56</sup> ou Ororo Munroe da África, Banshee<sup>57</sup> ou Sean Cassidy da Irlanda, Solaris<sup>58</sup> ou Shiro Yashida do Japão; Noturno<sup>59</sup> ou Kurt Wagner da Alemanha, Colossus<sup>60</sup> ou Pyort<sup>61</sup> Rasputin da Rússia, Pássaro Trovejante<sup>62</sup> ou John Proudstar índio nativo americano e por último, mas não menos importante Wolverine<sup>63</sup> ou James Logan do Canadá, sendo o Wolverine um dos personagens mais populares dentre todos os mutantes. E embora com a chegada desses novos personagens algumas coisas fossem mudar na forma de contar histórias, outras coisas não mudam tanto, já que podemos observar novamente uma equipe majoritariamente formada por homens, e a única mulher da equipe aparece seminua, enquanto todos os outros personagens tem seus corpos praticamente completamente cobertos.

Mas embora as mulheres continuassem sendo sexualizadas nas histórias em quadrinhos, o destaque dessa nova geração de mutantes vai para Tempestade que na época era uma inovação, tendo em vista que é uma mulher, uma figura que nos quadrinhos da época costumeiramente servia somente para ser colocada em perigo e depois salva pelos homens da história, mas além de Tempestade ser muito poderosa, bem como a Garota Marvel, de modo que ela ainda contribuiu para mudar um cenário que perdura até os dias de hoje, já que ela é negra, sendo ela a primeira personagem mulher e negra nas histórias em quadrinhos de super-heróis a fazer tanto sucesso e a ganhar tanto destaque e a ser tão importante, pois com o passar das décadas outros

---

<sup>55</sup> *Giant-Size X-Men* nº 1 (1975), roteiro de Len Wein (1948 – 2017), ilustração de Dave Cockrum (1943 – 2006).

<sup>56</sup> Criada pelo roteirista Len Wein e pelo ilustrador Dave Cockrum.

<sup>57</sup> Criado pelo roteirista Roy Thomas (1940 – ...) e pelo ilustrador Werner Roth (1921 – 1973).

<sup>58</sup> Criado pelo roteirista Roy Thomas e pelo ilustrador Don Heck (1929 – 1995).

<sup>59</sup> Criado pelo roteirista Len Wein e pelo ilustrador Dave Cockrum.

<sup>60</sup> Criado pelo roteirista Len Wein e pelo ilustrador Dave Cockrum.

<sup>61</sup> Ou ainda “Peter” quando vem para a América e tem seu nome americanizado.

<sup>62</sup> Criado pelo roteirista Len Wein e pelo ilustrador Dave Cockrum.

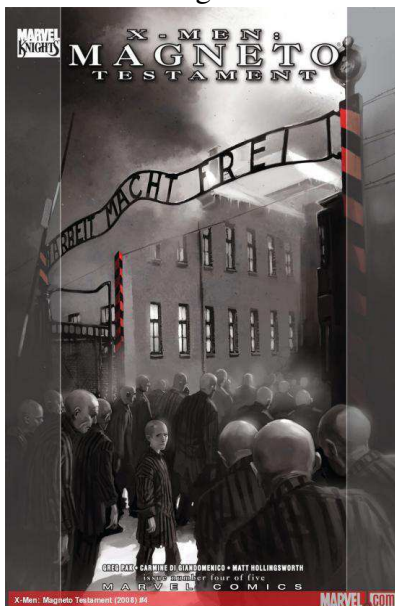
<sup>63</sup> Criado pelo roteirista Len Wein e pelo ilustrador John Romira Sr. (1930 – ...).

personagens tornaram-se mentores das novas gerações de mutantes que chegavam à escola Xavier, e Tempestade é uma dessas novas mentoras.

Ao falarmos de outros mutantes, voltaremos à capa da primeira HQ dos *X-Men* para falarmos do vilão, Magneto ou Erik Lehnsherr<sup>64</sup>, Magneto é um dos vilões mais clássicos dos *X-Men*, um personagem que com o passar dos anos sempre houve oscilação sobre de que lado da lei ele atuava, devido à visão de mundo mais agressiva que Magneto tem, pois para Magneto os mutantes vivem uma guerra contra a humanidade. Sendo Magneto o perfeito exemplo com relação à criação do eu e do outro, que abordamos no início desse trabalho, ele não acredita que humanos e mutantes possam coexistir pacificamente, como Charles Xavier defende, Magneto consegue ser muito intolerante com relação aos humanos, pois acredita que a única forma de impedir a humanidade de exterminá-los, é se os mutantes exterminarem os humanos primeiro.

Compreendemos o motivo de Magneto ter essa visão de mundo, pois Magneto era uma criança judia na Alemanha nazista, perseguido e com sua família morta pelos nazistas, foi para *Auschwitz*<sup>65</sup>, fato muito importante para a sua mitologia, que é abordado na HQ: *X-Men Magneto: Testamento*<sup>66</sup> que conta como foi esse período de sua vida, podemos ver numa das capas a famosa frase em alemão “*arbeit macht frei*” que é traduzido como “o trabalho liberta” na entrada de *Auschwitz*.

**Figura 3** – Capa da *X-Men Magneto: Testamento* nº 04 (2008).



Fonte: [https://www.marvel.com/comics/issue/22913/x-men\\_magneto\\_testament\\_2008\\_4](https://www.marvel.com/comics/issue/22913/x-men_magneto_testament_2008_4)

<sup>64</sup> Nome que adotou com o passar dos anos, mas recebeu o nome de Max Eisenhardt quando nasceu.

<sup>65</sup> Um dos maiores campos de concentração da II Guerra Mundial, hoje é o museu do holocausto.

<sup>66</sup> *X-Men Magneto: Testamento* (2008 – 2009), roteiro de Greg Pak (1968 – ...), ilustração de Carmine Di Giandomenico (1973 – ...) e Marko Djurdjevic (1979 – ...).



A imagem não possui divisões, são usadas cores escuras, preto e tons de cinza, além do tido na parte de cima, vemos a frase “*arbeit macht frei*” ou “o trabalho liberta”, elementos relacionados à publicação na parte de baixo da imagem, e vemos os prisioneiros vestindo os famosos pijamas listrados.

Podemos perceber toda a construção que essa capa transmite sobre o lugar em questão, já que diferente da maioria das capas que são feitas em tons mais vivos como vimos na capa de estreia dos *X-Men*, essa traz tons mais escuros, preto e cinza principalmente, deixando claro a quem observa a capa que essa não vai ser uma história feliz ou alegre, já que se observamos bem podemos perceber também os clássicos trajes que os prisioneiros dos campos eram obrigados a utilizar, os “pijamas” listrados, além de várias outras representações que estão contidas ao longo de todas as cinco histórias sob o título de *X-Men* Magneto: Testamento, como toda a crescente do fervor nazista antes da tomada de poder de fato, todas as agressões que os judeus sofreram durante a guerra, desde o momento do fortalecimento no regime nazista até o fim da guerra, passando por toda a falta de humanidade e a enganação com base em toda a propaganda nazista imperavam nos campos de concentrações, como as vítimas eram levadas a crer que seriam bem tratadas naqueles lugares, e podemos ver representações do que os soldados aliados encontraram ao chegar nos campos de concentração, pois em uma das HQs vemos uma sala onde eram deixadas as alianças que eram retiradas das vítimas.

Nessa história o leitor descobre a origem de Magneto, sabendo que ele era uma criança inocente no início da guerra, que por ser de família judia sofria com as perseguições, e diante disso, ao longo da história é feito todo um paralelo entre o personagem e os acontecimentos reais do período da guerra da guerra, indo desde o início do fervor nazista na Alemanha, até o seu declínio e o inevitável fim da guerra. Mas nesse meio tempo, vemos todas as tragédias pelas quais o personagem passou e que serviram para construir a sua forma de ver o mundo, nos valendo de algumas frases que são bem clichês nesse sentido “a humanidade criou seu maior inimigo” e “ele viu o pior que a humanidade tem a oferecer” como afirma Howe:

A revelação chocante de que o arqui-inimigo grisalho dos X-Men fora prisioneiro em Auschwitz quando criança só ampliou as temáticas de intolerância e perseguição tão presentes na série e deu o direcionamento que X-Men teria nas décadas por vir, no qual a discriminação com personagens mutantes era ligada explicitamente aos contextos de racismo e homofobia. (HOWE, 2013, p. 171)

Por ter passado por tudo o que passou Magneto só conhece o mal da humanidade, sua capacidade de causar destruição e trazer morte para aqueles que são diferentes da vasta maioria, Magneto então diante do trauma sofrido reage da única forma que ele considera possível, indo de encontro com a humanidade, já que dentro do



universo da *Marvel* os mutantes são constantemente perseguidos somente por serem mutantes que foi justamente o que ele sofreu por ser judeu num dos períodos de maior prevalência de intolerância na Europa,

Mas nas histórias dos *X-Men* não tem só mutantes, haja visto que são uma parcela muito pequena da população, e como mencionamos o fato de que os mutantes são perseguidos por serem mutantes se faz necessário à apresentação, de grande parte dos humanos nas HQ's dos *X-Men*, o intolerante. Dessa forma apresentaremos o principal estereótipo para esses humanos intolerantes nos quadrinhos um grupo chamado de “purificadores” que em várias das ações que são descritas a seguir deixam clara a possibilidade de utilização dos conceitos que tratamos anteriormente.

Esse grupo surge na HQ *X-Men: Deus ama homem mata*<sup>67</sup>, sendo essa história um grande clássico relacionado aos *X-Men*, que traz ao longo da história o surgimento dos purificadores como forma de reação da sociedade diante dos mutantes e agem como o típico estadunidense, recorrendo às armas para se proteger daquilo que consideram ameaçador para o seu estilo de vida, sem nem procurar conhecer ou mesmo entender, agindo com base na intolerância e no ódio.

Dessa forma, os purificadores são um grupo paramilitar, eles agem com o único intuito de purificar a espécie humana, exterminando os mutantes a qualquer custo. Sem fazer nenhuma distinção, seja ele um mutante que age atacando a humanidade como Magneto ou um mutante que age protegendo a humanidade como os *X-Men*. Nem mesmo importa se o mutante em questão é uma criança assustada, os purificadores somente conseguem ver como inimigos e dessa forma matam o inimigo.

E é isso que vemos de início na história de apresentação dos purificadores, na qual além de apresentação dos purificadores tem um debate muito interessante, que será abordado em breve. Os purificadores são liderados pelo personagem que assim como eles surgiu nessa história, o reverendo William Stryker, que publicamente lidera a cruzada Stryker, na qual ele afirma que os mutantes são criações do diabo, sendo então uma afronta ao deus cristão. Vemos os purificadores, cegos por seu objetivo e nas primeiras páginas da história assassinando a sangue frio duas crianças com menos de 10 anos de idade, no meio da noite, agindo de maneira similar a *Ku Klux Klan*, “Essa coerção ocorria através de visitas surpresas, que aconteciam no meio da noite e eram acompanhadas por ameaças de morte e chibatadas” (SALDANHAS, 2013, p. 248).

---

<sup>67</sup> *X-Men: Deus ama homem mata* (1982), roteiro de Chis Claremont (1950 – ...), ilustração de Brent Anderson (1955 – ...).

E vemos também nessa história como mencionado anteriormente Magneto atuando ao lado dos *X-Men*, quando seus objetivos se alinham, nesse caso a sobrevivência mutante e a luta contra os purificadores. No decorrer da história descobrimos a origem do reverendo, que antes de se dedicar ao caminho religioso, era um militar, o sargento William Stryker e que tinha uma esposa que estava grávida de seu primeiro filho, enfim uma vida comum, mas em uma viagem de carro, aconteceu um acidente, no qual ambos sobreviveram, mas sua esposa entrou em trabalho de parto, nesse momento ele realizou o parto de seu filho sozinho, no meio do nada, mas quando a criança nasceu ele a viu disforme, um mutante, William Stryker mata a esposa e na tentativa de acabar com tudo provoca uma explosão com intuito de se matar, mas sobrevive enquanto sua esposa e filho são carbonizados, após isso entrou em uma vida autodestrutiva, levando em conta que era o único que sabia o que tinha acontecido.

Foi nesse ponto que William Stryker descobriu sobre Charles Xavier e os mutantes, então criou sua lógica deturpada de que o deus cristão lhe mostrou a verdade, que os mutantes eram uma criação do diabo e que cabia a ele lutar contra essas criações, foi então que sua cruzada começou, de forma que veio a criar os purificadores e desenvolver seu plano de extermínio mutante. Plano esse que consistia em determinado momento capturar Charles Xavier para então por meio de tecnologia fazer uma lavagem cerebral nele, para que ele então aceitasse o reverendo William Stryker como enviado dos céus, ficando submisso ao reverendo. Levando em conta que Charles Xavier com o auxílio de uma máquina projetada por ele chamada cérebro<sup>68</sup>, ao utilizá-la tem seus poderes ampliados a nível global, então o plano de William Stryker é que Charles Xavier utilizando essa máquina, possa então acessar os cérebros de todos os mutantes do planeta e matá-los, enquanto o reverendo dá um dos seus sermões ao vivo na televisão e os *X-Men* tentam resgatar seu mentor.

William Stryker então é informado dos acontecimentos por aquela que é sua purificadora mais leal, porém essa começa a ser afetada pelos poderes de Charles Xavier, desse modo William Stryker percebe que ela é uma mutante, fato que nem ele, ou mesmo ela sabiam até então, ele a rejeita, afirmando que é o enviado para acabar com a perversão que são os mutantes, empurra a mulher que despenca do palanque que estão e atinge o chão quebrando o pescoço e tendo sua morte transmitida ao vivo.

---

<sup>68</sup> Um telepata que se liga ao cérebro, tem seus poderes ampliados, podendo captar todas as mentes do planeta, é utilizada por Xavier para encontrar mutantes.

Após esses acontecimentos os *X-Men* resgatam seu mentor e depois aparecem no sermão para confrontar o reverendo William Stryker, após minutos de debate, William Stryker demonstra até onde está disposto a ir pela sua cruzada, já que ele saca uma arma e aponta para um dos membros dos *X-Men*, uma criança, e vemos-lo se preparando para efetuar o disparo, porém sendo alvejado antes de concluir sua ação por um dos guardas do evento, alegando que William Stryker apontou uma arma para uma criança desarmada, dessa forma com a morte do reverendo William Stryker os purificadores perdem a sua principal liderança, fazendo com que o movimento fosse fragmentado em diversos grupos, igual ao ocorrido com a *Ku Klux Klan* “os membros se espalharam em novos organismos e a Klan original foi aniquilada” (SALDANHAS, 2013, p. 248) alguns mudando de nome ou mesmo adaptando modo de agir, mas mantendo o objetivo de exterminar com os mutantes e em grande parte sempre utilizando do discurso religioso-cristão para justificar suas ações e todo esse extermínio.

Fazendo com que a trajetória que os *X-Men* galgavam nos quadrinhos fosse cada vez mais em direção ao sucesso, apesar de vários percalços ao longo dos anos, várias mudanças nos personagens e também no público leitor, vários artistas responsáveis pelas histórias e mesmo várias histórias que dividem opiniões do público até os dias de hoje, mas ainda assim assimilando uma legião de fãs por todo o mundo. Os *X-Men* acabaram se consolidando como uma das maiores equipes das histórias em quadrinhos de super-heróis, se encontrando no mesmo panteão que inclui outras equipes de grande sucesso da indústria como a Liga da Justiça, os Vingadores e o Quarteto Fantástico.

Devido ao sucesso não tardou para que surgissem outros produtos relacionados à franquia de mutantes, como desenhos, jogos e filmes, levando os mutantes para fora da bolha que se encontravam alcançando o grande público mundial e assim aumentando ainda mais a sua legião de fãs que já carregavam consigo, sendo uma franquia que permanece ativa até os dias atuais, por meio das HQ's que continuam sendo publicadas até hoje após terem passado por uma expansão ao longo das décadas, já que existem vários títulos de HQ's relacionados aos mutantes, além de estar ativa também nas outras mídias mencionadas.

### **CAPÍTULO 03: O INIMIGO DO MEU INIMIGO, TAMBÉM É MEU INIMIGO.**

Após os apontamentos que fizemos com relação ao surgimento das histórias em quadrinhos de super-herói, a breve trajetória que fizemos de como essa indústria surge e a apresentação de alguns personagens que compõem o núcleo e que acreditamos serem interessantes para o desenvolvimento do trabalho. Seguiremos discutindo as relações que se dão dentro do universo dos *X-Men* em três vieses, expondo e analisando as representações nelas presentes, sendo elas: Humanos Vs Humanos, para discutirmos como o ódio e a intolerância podem dividir uma sociedade colocando pessoas em lados opostos do conflito, também trabalharemos a relação de Humanos Vs Mutantes, relação essa que se dá diante do ódio que surge da estranheza de ambos os lados dessa relação, sendo a relação mais palpável na sociedade, em que dois grupos distintos se colocam em lados diferentes e daí o problema fica mais sério.

E por fim debateremos a relação que se dá entre mutantes, sendo assim o conflito dessa última relação se dará na forma de Mutantes Vs Mutantes, relação essa que assim como a primeira ira abordar como uma grupo dentro da sociedade se fragmenta diante de maneiras diferentes de agir na defesa da sua causa.

#### **3.1 HUMANOS A FAVOR vs HUMANOS CONTRA**

Iniciando dentre o que abordaremos o conflito Humano vs Humano, devido ao seu caráter de coadjuvante, já que nas histórias dos mutantes esse é o papel que é destacado para os seres humanos, muito embora em vários momentos os seres humanos assumam a postura de antagonistas como vimos na narrativa da *X-Men: Deus ama homem mata* (1982), além do que abordaremos em seguida nessa mesma HQ.

Em geral os seres humanos atuam como um plano de fundo para desenrolá-lo das tramas mutantes, isso acontece, pois como mencionado anteriormente o indivíduo que se torna<sup>69</sup> mutante vive sua vida normalmente inserido na sociedade humana sem desconfiar que seja diferente dos demais. O que podemos observar como um ponto de similaridade conosco, já que até que em muitos casos a pessoa que é homossexual só se descobre como tal na vida adulta, vivendo inserido na sociedade heterossexual. Mas em certas ocasiões ao longo das várias décadas de existência desses personagens, com intuito de se protegerem dos demais os mutantes criaram suas próprias comunidades,

---

<sup>69</sup> Nesse caso, após a ativação do gene mutantes que antes estava suprimido no organismo.

onde viviam isolados dos demais habitantes do planeta, bem como acontece com ciganos por todo o mundo até os dias de hoje e como acontecia com os negros no surgimento da *Ku Klux Klan* nos Estados Unidos da América, que viviam em comunidades compostas por negros por acreditarem que assim estariam seguros dos ataques da *Klan*, mas diferente dos demais, os mutantes continuam agindo para proteger a humanidade, esperando que algum dia, possam ser aceitos e possam existir em paz.

E dentro desse contexto de humanos que se posicionam com relação à mutação, algo que costumeiramente é abordado nas histórias dos *X-Men* é a situação como os familiares, e principalmente os pais de novos mutantes reagem ao descobrirem que seus filhos são mutantes, como podemos observar na *Fabulosos X-Men*<sup>70</sup> em que após descobrir que seu filho é um mutante uma mulher afirma “É por que nós não fomos à igreja.” (FABULOSOS X-MEN, 2013, p. 18) agindo como se eles estivessem sendo castigados pelos céus com um filho mutante, situação que se assemelha bastante com a de pais que descobrem sobre a sexualidade de seus filhos e pensam o mesmo, pensam que poderiam ter evitado que aquilo acontecesse diferente do que é expresso pelo filho mutante “é o que eu sou agora. Eu já **nasci** assim.” (FABULOSOS X-MEN, 2013, p. 18) argumento que pode muito bem ser utilizado no contexto da sexualidade de qualquer pessoa, e ainda dentro dessa analogia que relaciona mutantes com a homossexualidade, temos o que é exposto na *Extraordinários X-Men*<sup>71</sup>, o relato do que um pai fez ao descobrir que seu filho era mutante “Já esqueceu o que aconteceu quando o pai inicialmente descobriu o que realmente você era? Não lembra como ele te forçou a dormir no celeiro como um **animal**?” (EXTRAORDINÁRIOS X-MEN, 2015, p. 9) situação que se assemelha muito com a de homossexuais que ao se assumirem para a família são colocados para fora de casa, ou mesmo são mantidos em situações de cárcere privado, sem poder sair de casa ou de determinado cômodo da casa, para que dessa forma não “envergonhe” a família por ser o que é.

Da mesma forma como pessoas se manifestação contrárias aos mutantes, se referindo a eles como uma maldição, em contrapartida também é expresso na *Fabulosos X-Men*<sup>72</sup> por humanos em um protesto a favor dos mutantes “os mutantes **são** o nosso futuro [...] marcamos esse encontro, para que os X-Men saibam e para que Scott

---

<sup>70</sup> *Fabulosos X-Men* nº 8 (2013), roteiro de Brian Michael Bendis, ilustração de Chris Bachalo.

<sup>71</sup> *Extraordinários X-Men* nº 1 (2015), roteiro de Jeff Lemire (1976 – ...), ilustração de Humberto Ramos (1970 – ...).

<sup>72</sup> *Fabulosos X-Men* nº 10 (2013), roteiro de Brian Michael Bendis, ilustração de Frazer Irving (1970 – ...).

Summers saiba que ele **não** lutará sozinho. Que ele **não** está sozinho nessa luta” (FABULOSOS X-MEN, 2013, p. 12), ou seja, humanos apoiando as causas mutantes e vendo na figura de Scott Summers<sup>73</sup>, alguém a ser respeitado.

Como apontamos na narrativa que fizemos anteriormente da história em quadrinhos *X-Men: Deus ama homem mata* muitos dos seres humanos passam a atuar como antagonistas da história, como o reverendo William Stryker que vai reunir milhares, senão milhões de pessoas sob o seu ideal, ideal esse que muito se assemelha com o que era praticado pela *Ku Klux Klan* nos Estados Unidos da América, uma organização terrorista formada por pessoas brancas que pregam um embranquecimento da sociedade por meio de extermínio de negros, de modo que dentre outras coisas afirmavam viver com medo dos negros e que os negros eram inferiores aos brancos, que é justamente o mesmo argumento usado contra os mutantes no universo *Marvel*, levando os mutantes a se posicionarem como o que é afirmado na *Fabulosos X-Men*<sup>74</sup> sobre o atual líder da equipe “um homem rejeitando a ideia de que o temor de uma classe deveria governar o seu destino” (FABULOSOS X-MEN, 2012, p. 8) sendo essa uma situação que acontecia com os negros nos Estado Unidos da América, que era governados com base no medo e no ódio de outros.

E assim como a *Klan* possuía muitos aliados que concordavam com a sua forma de ver o mundo, em que negros eram inferiores e por isso mereciam receber os piores tratamentos possíveis, mas também existiram aqueles que discordavam dessa visão de mundo, fazendo assim com que a sociedade se dividisse naqueles que eram a favor da causa dos negros e aqueles que eram contra, entres outras situações como: “Ao questionarem estes papéis sociais, as feministas são configuradas como figuras de preconceito, potenciais “traidoras” da “raça” branca” (SOUSA, 2005, p. 117), coincidindo com o que é expresso por um dos purificadores ao se referir a uma humana que trata os mutantes sem nenhuma discriminação. “Assim que acabarmos com **todos** os mutantes. Vai sobrar muito tempo para **traidores** como ela” (X-MEN: DEUS AMA HOMEM MATA 1982, p. 10) e com o que é expresso na *Fabulosos X-Men*<sup>75</sup> em que ocorre uma manifestação de apoio aos mutantes, e que um homem contrário aos mutantes afirma “**mutantes são uma abominação! Os que adoram mutantes estão**

---

<sup>73</sup> Um dos principais mutantes a continuar com o sonho de Charles Xavier após sua morte.

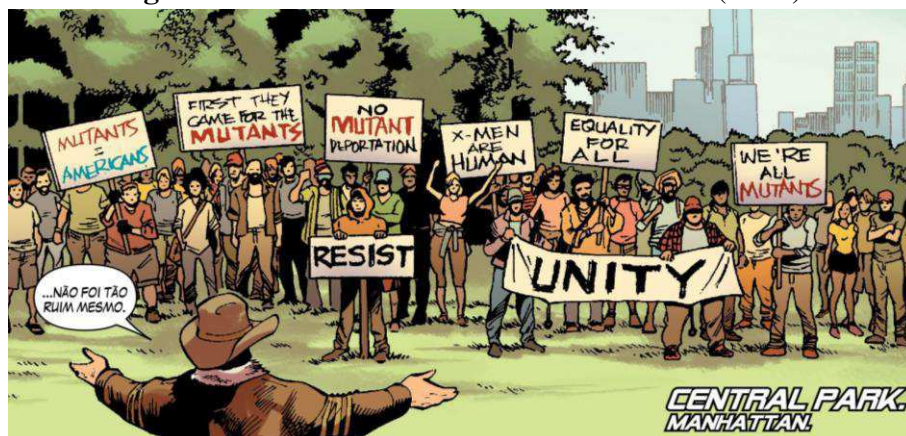
<sup>74</sup> *Fabulosos X-Men* nº 11 (2012), roteiro de Kieron Gillen (1975 – ...), ilustração de Greg Land (1956 – ...).

<sup>75</sup> *Fabulosos X-Men* nº 16 (2014), roteiro de Brian Michael Bendis, ilustração de Chris Bachalo.

**traindo a si mesmos!”** (FABULOSO X-MEN, 2014, p. 7), demonstrando, sobretudo, que além de que os humano a favor dos mutantes são considerados traidores, a tensão existente entre apoiadores e contrários a causa dos mutantes, pois o homem que fez a afirmação acima invadiu uma manifestação de apoio aos mutantes para se expressar.

No universo Marvel, muitas pessoas concordam com o que o reverendo prega e estão dispostas a sujar suas mãos de sangue inocente para que isso aconteça como exposto na *Fabulosos X-Men*<sup>76</sup> a forma como os *X-Men* em geral são tratados por multidões quando se deparam com uma multidão que age de maneira diferente e um deles afirma: “Não é isso que importa. Mas sim o que não estão fazendo. Jogando tijolos. Lançando insultos contra a espécie. Cuspindo. Nada do que estamos acostumados” (FABULOSO X-MEN, 2011, p. 22), mas existem aqueles que estão do outro lado, humanos que consideram que a humanidade trata a mutandade<sup>77</sup> muito mal e esses fazem questão de expor seu posicionamento como podemos ver no interior da *X-Men: Dourados*<sup>78</sup> e também como expresso na *Novíssimos X-Men*<sup>79</sup> em que um dos mutantes afirma “aos nossos amigos humanos. O nosso apoio. Nós sentimos o seu amor. E lutaremos por vocês também” (NOVÍSSIMOS X-MEN, 2013, p. 2).

**Figura 4** – Interior da *X-Men: Dourados* nº 16 (2017).



Fonte: [https://www.marvel.com/comics/issue/65117/x-men\\_gold\\_2017\\_16](https://www.marvel.com/comics/issue/65117/x-men_gold_2017_16)

A imagem é um quadro horizontal, no qual vemos o um parque, na parte de cima, vemos árvores e os prédios ao longe, no centro, um grupo heterogêneo levantando placas e cartazes em apoio aos mutantes e na parte de baixo um mutante de costas que abre os braços em direção da pequena multidão

Na imagem podemos perceber que mesmo pequena é algum apoio e observando atentamente notamos vários tipos de pessoas, gordas e magras, negras e brancas, dentre várias outras possibilidades, que não podem ser expressas visualmente, como cultura a

<sup>76</sup> *Fabulosos X-Men* nº 3 (2011), roteiro de Kieron Gillen, ilustração de Carlos Pacheco (1962 – ...).

<sup>77</sup> A “mutandade” está para os mutantes, assim como a “humanidade” está para os humanos.

<sup>78</sup> *X-Men: Dourados* nº 16 (2017), roteiro de Marc Guggenheim, ilustração de Lan Medina.

<sup>79</sup> *Novíssimos X-Men* nº 12 (2013), roteiro de Brian Michael Bendis, ilustração de Stuart Immonen.

qual foi criado, sexualidade e gênero. Mas é certo dizer que são humanos se manifestando em prol dos mutantes, na qual a necessidade de tal manifestação e apoio acontece após surgir um movimento político que começa a articular uma forma de isolar os mutantes da sociedade, para tornar a sociedade mais segura, já que esse movimento político fala em deportação de mutantes, ou como na *Fabulosos X-Men*<sup>80</sup> em que um mutante fala do destino que o governo está impondo aos mutantes quando afirma “as famílias das crianças mutantes que foram assassinadas pelo governo?” (FABULOSOS X-MEN, 2019, p. 18), que coincide com a fala da *Klan* sobre a natalidade dos negros.

O discurso de supremacia branca aponta para o controlo rigoroso da sexualidade das mulheres de “raça” negra, sugerindo subtilmente incentivos à prática do aborto ou da esterilização como soluções viáveis [...] revela-se como mais uma estratégia perniciososa de justificar a discriminação social (SOUSA, 2005, p. 120 – 121).

Que é justamente o que acontece com os mutantes, de forma que utilizam o argumento relativo à segurança, com intuito de discriminar, sendo assim, na HQ parte da sociedade decide se manifestar em apoio aos mutantes, ostentando placas e cartazes com mensagens como “somos todos mutantes” o que aproxima bastante dos movimentos que ocorrem na atualidade, que trazem sempre mensagens como “*Black lives matter*”<sup>81</sup> e na imagem abaixo podemos fazer uma relação que consideramos interessante, da mesma forma que na imagem anterior haviam humanos a favor dos mutantes, na imagem abaixo podemos perceber brancos apoiando a causa dos negros.

**Figura 5** – *Black lives matter* em Nova Iorque (2020).



**Fonte:** [https://conteudo.imguol.com.br/c/entretenimento/8a/2020/06/03/brooklyn-new-york-united-states--20200602-a-participant-holding-a-black-lives-matter-sign-at-the-protest-thousands-of-protesters-filled-the-streets-of-brooklyn-in-a-massive-march-to-demand-justice-for-1591205861938\\_v2\\_1170x540.jpg](https://conteudo.imguol.com.br/c/entretenimento/8a/2020/06/03/brooklyn-new-york-united-states--20200602-a-participant-holding-a-black-lives-matter-sign-at-the-protest-thousands-of-protesters-filled-the-streets-of-brooklyn-in-a-massive-march-to-demand-justice-for-1591205861938_v2_1170x540.jpg)

Foto da manifestação em Nova Iorque, pedindo justiça as vidas negras perdidas, podemos ver um grupo heterogêneo marchando e exibindo cartazes

<sup>80</sup> *Fabulosos X-Men* nº 11 (2019), roteiro de Matthew Rosenberg, ilustração de Juanan Ramirez, Salvador Larroca (1964 – ...) e John McCrea (1966 – ...).

<sup>81</sup> “Vidas negras importam”, movimento que surgiu após o assassinato de George Floyd em 2020.



Além de exibirem mensagens pedindo igualdade para todos, sendo essas situações bem críveis já que em muitas situações ocorridas na nossa sociedade essa mensagem é presente, como por exemplo, a constante crise migratória da Europa, em que governos dificultam cada vez mais a entrada de imigrantes nos países, além de deportarem aqueles que são pegos ilegalmente nos seus territórios e consideramos que essa questão teve seu ápice em 2015 quando foi feita trágica fotografia que exibia uma criança síria morta em uma praia turca, numa tentativa fracassada de imigração.

Situação que é semelhante ao que acontece na *X-Men: Vermelhos*<sup>82</sup>, após a aprovação de uma lei que proibi a presença de indivíduos mutante em território polonês, dessa forma surgindo à necessidade por parte de todos os mutantes que estavam na Polônia de fugir para outros lugares que os aceitem ou pelo menos que não tenham proibições expressas contra eles, e para que possam realizar a fuga do país os mutantes seguem para a praia em busca de barcos que os levem para fora do território polonês, mas antes que possam deixar o país todo um grupamento militar aparece dando voz de prisão para esses mutantes, ou como na *Extraordinários X-Men*<sup>83</sup> que é expresso.

A coisa tá feia mundo a fora, [...] não foi apenas uma multidão dessa vez. O **exército indiano** estava atrás dela. Eles começaram a ilegalizar os mutantes! [...] Eles costumavam nos **temer** e nos odiar, mas agora, eles **só nos odeiam!** Eles não hesitaram em abrir fogo. (EXTRAORDINÁRIOS X-MEN, 2015, p. 9).

O que deixa claro a forma da humanidade lidar com a situação dos mutantes, além do já mencionado fato ocorrido no decorrer da *X-Men: Deus ama homem mata*, na qual o reverendo assassina uma mulher ao vivo na televisão após perceber que ela tem a capacidade de desenvolver a mutação, mas ela também poderia nunca desenvolver suas habilidades mutantes, poderiam ficar dormentes dentro dela até o fim da vida. Mas para o reverendo que está na sua cruzada para purificar o mundo de todos aqueles que não são humanos, deixar um mutante vivo é algo impensável. Além de que na frente de milhares de pessoas e ao vivo na televisão para outros milhões de pessoas em todo o país, aponta uma arma para uma jovem criança mutante desarmada, mostrando até que ponto está disposto a ir para cumprir com a sua missão, já que ele acredita que a sua verdade é absoluta, o que diverge do que é expresso em “Falar em tolerância significa [...] reconhecer a falibilidade humana, o pressuposto de que não existem verdades absolutas.” (MALISKA; WOLOCHN, 2013, p. 49), que é algo que acontece, e veremos

<sup>82</sup> *X-Men: Vermelhos* nº 5 (2018), roteiro de Tom Taylor (1978 – ...) e Ed Brisson (1975 – ...), ilustração de Mahmud Asrar (1976 – ...) e Jan Bazaldua.

<sup>83</sup> *Extraordinários X-Men* nº 1 (2015), roteiro de Jeff Lemire, ilustração de Humberto Ramos.

a seguir o questionamento com relação à possibilidade dele estar errado, mas então vemos um pouco do papel do ódio extremo em pessoas de bom senso, pois acreditamos que o ódio e a intolerância extrema possuem duas funções.

Uma delas é descrita por Karnal quando no início da sua obra ele aponta: “O ódio, como vários ditadores bem notaram, serve como ponto de união e de controle. O ódio é gêmeo do medo, e pessoas com medo cedem fácil sua liberdade de pensamento e ação.” (KARNAL, 2017, p. 15). Dessa forma para algumas pessoas esse ódio vai servir como uma legitimação assim, gerando uma aproximação, mas também podendo gerar um afastamento que é o que acontece na sequência na HQ em que os policiais se manifestam a favor dos mutantes.

No lugar de fortalecer laços com aliados ou até mesmo gerar novos aliados, termina por deixar claro o não reconhecimento com a luta ou mesmo com a causa em questão, como acontece com um dos espectadores do sermão do reverendo um senador, que ao ver o reverendo William Stryker incitando a plateia a atacar Magneto que está temporariamente enfraquecido o senador afirma:

Eles vão matar aquele homem! **Isso é loucura!** Stryker foi longe demais! Já é terrível afirmar que os mutantes... enquanto raça... são malignos, mas clamar **pela execução sumaria da raça** ultrapassa todos os limites (X-MEN: DEUS AMA HOMEM MATA, 1982, p. 54)

Da mesma forma como o discurso gera a inimizade por parte do senador, um dos policiais que era responsável por garantir a segurança do evento do reverendo ao ver aquela cena, decide por agir indo ao auxílio de Magneto, e no momento em que antecede os derradeiros atos do reverendo vemos os policiais do evento de armas em punho, na intenção de coibir os atacantes de Magneto enquanto esse se recupera no chão, enquanto o reverendo incita pelo medo e pelo ódio a multidão a não se intimidar, maneira similar à da *Ku Klux Klan* de agir.

Esse apoderamento de medos por parte da *Ku Klux Klan* auxiliou, sobretudo para que preconceitos, especialmente no que se refere à questão racial, abrangessem suas manifestações mais severas e que fossem amplamente difundidos na sociedade (SALDANHAS, 2013, p. 250 – 251).

Sendo essa a forma de agir tanto da *Ku Klux Klan*, quanto dos purificadores liderados pelo reverendo, se valendo do medo para arrebatam um número grande de seguidores, número esse enorme pelo que podemos perceber na imagem abaixo, devido à quantidade de pessoas na arquibancada, quantidade tão grande que é representada no quadrinho como pequenos pontinhos ao longe, mas que mesmo assim demonstra um

grande poder de convencimento e persuasão que o reverendo possuía fazer com que tantas pessoas o seguissem em seus propósitos.

E nesse ponto vemos um resumo do que é esse tópico, dois humanos que de forma alguma possuem capacidades mutantes com armas de fogo em mãos apontando para os seus alvos, o primeiro deles, o reverendo apontando a arma para uma mutante, com a clara intenção de vitima-la e o segundo deles, o policial, apontando sua arma para o primeiro, com intuito de proteger a mutante, de modo que o policial age mais rápido e efetua o disparo que põe fim ao impasse, já que o reverendo cai morto, situação que sempre acontece nas histórias dos mutantes, como vemos expresso em uma matéria de jornal na *X-Men: Vermelhos*<sup>84</sup> “O ataque despertou uma onda de protestos antimutantes por todo o mundo. Grupos pró-mutates se reuniram em resposta. Violência aflorou enquanto os dois grupos se espancavam através do país” (X-MEN: VERMELHOS, 2018, p. 4) de modo que percebemos que embora sempre existam os intolerantes que vão até as últimas consequências, existem os tolerantes que estão tão dispostos quanto.

**Figura 6** – Interior da *X-Men: Deus ama homem mata* (1982).



Fonte: [https://www.marvel.com/comics/issue/20817/x-men\\_god\\_loves\\_man\\_kills\\_-\\_special\\_edition\\_1982](https://www.marvel.com/comics/issue/20817/x-men_god_loves_man_kills_-_special_edition_1982)

A imagem é dividida verticalmente em dois quadros de tamanho diferentes, o primeiro mais largo vemos a multidão que aparece ao fundo e desfocada na parte superior, enquanto que na parte inferior vemos um homem caucasiano, vestindo um terno, discutindo com um policial também caucasiano, fardado, que estava com as duas mãos estendidas a frente do meu corpo na tentativa de afastar a multidão, no quadro seguinte, mais estreito, vemos o policial de frente ele aponta na direção do leitor e ao longo dos quadros vemos o seguinte diálogo:

“– O policial... atirou no reverendo! – O homem afirma

<sup>84</sup> *X-Men: Vermelhos* nº 2 (2018), roteiro de Tom Taylor, ilustração de Mahmud Asrar e Ryan Stegman (1981 – ...).

– É... o reverendo ia atirar numa menina desarmada! Se essa é a palavra de Deus, com certeza, ela mudou desde que fui à igreja domingo passado. – O policial responde  
 – Mas e os mutantes? – O homem questiona  
 – O que tem eles? Eles fizeram tanto quanto vocês, seus idiotas. No que me diz respeito, eles podem ir embora. Desejo boa sorte. Eles vão precisar. – O policial responde”

Após o disparo que vitimou o reverendo, podemos ver um breve debate com relação ao posicionamento de dois humanos no tocante aos mutantes em que além de outras questões podemos ver a fala de mais um policial que faz o controle da manifestação ao dizer: “O reverendo ia atirar numa menina desarmada! Se essa é a palavra de Deus, com certeza, ela mudou desde que fui à igreja domingo passado” (X-MEN: DEUS AMA HOMEM MATA, 1982, p. 61) deixando ainda mais clara à fragmentação que se dá na sociedade devido à aquietação da população presente diante de tal situação.

Sendo assim, ainda percebemos nas ações tanto do reverendo quanto daqueles que o seguem, muitas semelhanças com as ações praticadas pela *Ku Klux Klan* como “Esta prática de terror ocorria desde [...] paradas com manifestações racistas, até linchamentos, espancamentos e assassinatos.” (SALDANHAS, 2013, p. 247), já que como vimos anteriormente os purificadores não se importavam se matavam crianças e também como mencionado, já que o reverendo William Stryker ia assassinar uma mutante na frente de milhares de pessoas e ao vivo na televisão.

Outra questão que podemos perceber com relação à quantidade de pessoas presentes é a quantidade de cúmplices que o reverendo teria nessa tentativa de assassinato, pois ninguém, além do policial se manifesta diante dos atos praticados pelo reverendo. Além de também percebermos a relação entre eu e o outro na fala do civil que conversa com o policial, pois ao questionar com relação aos mutantes, além de não reconhecer o erro das ações do reverendo ele trata os mutantes como esse outro que Todorov (1988) aborda em sua obra, de forma que faz necessário que o policial aponte a inocência dos mutantes, fazendo uma desconstrução desse outro, já que coloca os mutantes e o civil nessa igualdade de inocência.

Vale mencionar uma última relação entre os purificadores e a *Ku Klux Klan*, presente na religiosidade, inicialmente apontando para a relação que a *Klan* possui com a religião, pois, “No percurso histórico do *Ku Klux Klan*, a manifestação de anti-Catolicismo foi enfatizada por aqueles que catalogavam a América como um país exclusivamente protestante.” (SOUSA, 2005, p. 110) sendo o William Stryker é uma figura de respeito da igreja protestante, e nesse contexto religioso ainda coincidem

questões como: “autoproclamado parte integrante do “povo eleito de Deus”, o Ku Klux Klan ambiciona concretizar o Éden na América; todavia, para cumprir tal missão, todas as forças profanas, [...] têm de ser enfrentadas de modo hostil.” (SOUSA, 2005, p. 89) da mesma forma que o próprio reverendo William Stryker afirma a um dos pupilos de Charles Xavier que tem mantido prisioneiro:

Deus criou o homem e a mulher à sua imagem, abençoados com sua graça. Os mutantes quebraram esse molde. Eles eram criações não do meu Deus, mas do demônio e eu havia sido escolhido para derrotá-los [...] quanto mais aprendia sobre seu mentor, mas ficava convencido de que ele é o **anticristo** (X-MEN: DEUS AMA HOMEM MATA, 1982, p. 34 – 35)

Sendo essa alegação do reverendo uma afirmação que coincide com o que era praticado pela *Ku Klux Klan* “A violência “santificada” pelo Klan classifica as figuras de preconceito enquanto forças malignas ao serviço do Diabo ou o próprio Diabo” (SOUSA, 2005, p. 92). Além de ressaltar a grande quantidade de passagens da bíblia que William Stryker cita para justificar sua alegação, em situações que vão de encontro ao que é pregado pelo cristianismo, como situações em que incita violência ou mesmo dá a ordem para que alguma violência seja praticada, situação que também vemos presente na *Novíssimos X-Men*<sup>85</sup> em que um grupo armado cerca uma mutante na rua com intenção de matá-la e afirmam coisas como “Homo sapiens são a **verdadeira** obra de Deus. Mutantes são a abominação do capeta. Deus não quer mutantes.” (NOVÍSSIMOS X-MEN, 2013, p. 2), sendo a principal motivação do reverendo e de tantos outros que pregam o extermínio mutante, a fé no deus cristão, que é manipulada para justificar suas ações, como vemos na citação anterior retirada da *X-Men: Deus ama homem mata* (1982) em que o reverendo William Stryker está convencido de que Charles Xavier é o anticristo, dessa forma agindo como a *Klan* agia: “O Klan revela uma notória obsessão na destruição de qualquer forma de idolatria, incluindo os “falsos ídolos” que procuram corromper os True Americans<sup>86</sup>” (SOUSA, 2005, p. 94).

E por fim ainda com relação às tensões entre humanos que apoiam e humanos que são contra, expomos na imagem abaixo extraída da *X-Men: Vermelhos*<sup>87</sup> é exposto uma das ideias de controle mutante que os humanos estão dispostos a executar, de modo que não é expresso em palavras, mas claramente percebemos que as intenções para o controle de natalidade de mutantes é a prática do aborto, com único propósito

---

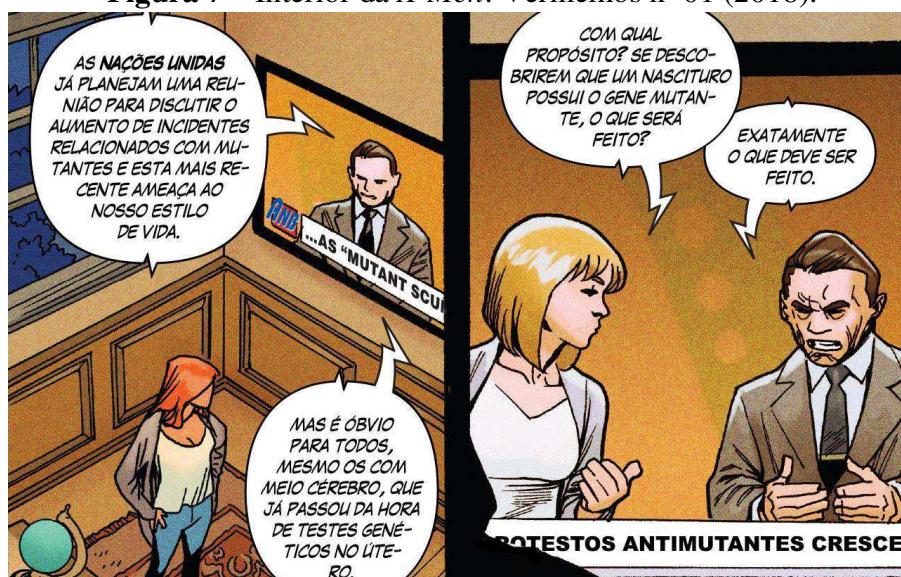
<sup>85</sup> *Novíssimos X-Men* nº 19 (2013), roteiro de Brian Michael Bendis, ilustração de Brandon Peterson (1969 – ...).

<sup>86</sup> “Verdadeiros americanos”, que para a *Ku Klux Klan* eram os brancos, anglo-saxônicos e protestantes.

<sup>87</sup> *X-Men: Vermelhos* nº 1 (2018), roteiro de Tom Taylor, ilustração de Mahmud.

exterminar toda uma espécie por ser diferente da grande maioria, não praticando assim o que é expresso por Scanlon quando ele afirma “A tolerância requer de nós aceitar as pessoas e consentir suas práticas mesmo quando as desaprovamos fortemente” (SCANLON, 2009, p. 31), de modo que os seres humanos podem desaprovar, mas tem que aceitar a existência dos mutantes, sem contar que por se tratar de um programa jornalístico podemos perceber parte de uma manchete sendo vinculada na parte inferior da televisão que afirma o crescimento de protestos antimutantes, tudo baseado no ódio e na intolerância e além disso também podemos perceber na imagem o semblante firme do homem quando afirma que deve ser feito o necessário, semblante determinado, passando a ideia de que a decisão foi tomada, só falta ser colocado em prática.

Figura 7 – Interior da *X-Men: Vermelhos* nº 01 (2018).



Fonte: [https://www.marvel.com/comics/issue/66131/x-men\\_red\\_2018\\_1](https://www.marvel.com/comics/issue/66131/x-men_red_2018_1)

A imagem é dividida verticalmente em dois quadros de tamanhos iguais, no primeiro deles vemos o interior de um cômodo com uma mulher caucasiana e cabelo ruivo olhando para uma televisão que exibe um homem, também caucasiano, cabelo curto e terno em um tom de marrom, falando, no quadro seguinte vemos somente a televisão e ao homem falando se junta uma mulher, também caucasiana, loira com cabelo contornando seu rosto, veste um blazer em algum tom de cinza e uma camisa branca e eles discutem o seguinte:

“– As **nações unidas** já planejam uma reunião para discutir o aumento de incidentes relacionados com mutantes e está mais recente ameaça ao nosso estilo de vida. Mas é óbvio para todos, mesmo com meio cérebro, que já passou da hora de testes genéticos no útero. – O homem afirma

– Com qual propósito? Se descobrirem que um nascituro possui o gene mutante, o que será feito?

– A mulher questiona

– Exatamente o que deve ser feito. – O homem responde”

E por fim, ainda com relação ao posicionamento de humanos contrários aos mutantes, além de todos os exemplos acima mencionados, temos o acontecimento na *Fabulosos X-Men*<sup>88</sup> em que após um desastre, temos uma repórter noticiando o

<sup>88</sup> *Fabulosos X-Men* nº 8 (2019), roteiro de Matthew Rosenberg, Kelly Thompson e Ed Brisson, ilustração de R.B. Silva.

acontecimento e ela afirma “Manifestantes se reuniram, alguns para celebrar e outros para lamentar a destruição do instituto Xavier, lar dos X-Men.” (FABULOSOS X-MEN, 2019, p. 10), tornando evidente a relação com a perca, já que o instituto Xavier explodiu, no momento em que está sendo transmitida a notícia não se sabe se houveram vítimas, ou quantas foram, e mesmo assim, existem seres humanos celebrando a destruição, e também como expresso em seguida em outra edição da *Fabulosos X-Men*<sup>89</sup> “**Todos** estão mortos. Notícia ruim para toda sua espécie. Ótima para humanidade” (FABULOSOS X-MEN, 2019, p. 11), deixando explícito o nível que o ódio chega, já que o instituto serve de refúgio em geral para jovens mutantes, relação que podemos fazer com qualquer calamidade envolvendo minorias, que em geral existem aqueles que tem empatia, como os manifestantes que foram no intuito de lamentar e prestar homenagens, mas existem aqueles que vão para celebrar, como ocorreu por exemplo no já mencionado assassinato de George Floyd por um policial, em que apareceram aqueles que elogiaram a conduta do policial, afirmando que ele agiu corretamente, não ligando para a vida perdida, enquanto uma vasta maioria se indignava com o acontecimento de modo a surgirem várias manifestações em protestos à quantidade de vidas negras perdidas em operações policiais.

Como foi mencionado anteriormente, no tocante à relação entre humanos para apoiar ou não os mutantes, não é algo tão recorrente nesse universo os próprios mutantes são quem normalmente lutam suas próprias causas, contra outros mutantes ou contra humanos.

### 3.2 MUTANTE vs MUTANTE

Quanto à relação Mutante vs Mutante, atentamos para uma questão que diverge das demais, já que essa relação se dá num contexto mais ideológico, havendo por vezes embates físicos, mas que muitas vezes acontecem como uma consequência dessa divisão ideológica. De modo que esse conflito ideológico é à base desse tópico do trabalho, conflito esse que é encabeçado por Charles Xavier e Erik Lehnsherr nas histórias quadrinhos, em que cada um defende uma forma de agir diante da humanidade que se assemelha e muito ao modo de agir de duas figuras históricas “**Charles Xavier e Erik Lehnsherr são complexos e implacáveis**, tendo suas personas espelhadas pelas figuras de **Martin Luther King Jr.** e **Malcolm X**, respectivamente” (Lima, 2017), algo

---

<sup>89</sup> *Fabulosos X-Men* nº 19 (2019), roteiro de Matthew Rosenberg, ilustração de Robert Quinn, Carlos Gomez e C.F. Villa



que é muito apontado ao longo das décadas devido à visão que cada um possui, além de alguma similaridades da vida e origem de ambas as duplas.

De forma que será esse o paralelo que será feito com relação à realidade e as histórias em quadrinhos, as similaridades entre Martin Luther King Jr. e Charles Xavier bem como Malcolm X e Erik Lehnsherr, de modo que para quem conhece pelo menos um básico sobre tais figuras tanto históricas como ficcionais, percebe-se que de fato eles tem muitas semelhanças. De modo que é expresso na HQ *Excalibur*<sup>90</sup> por um mutante que já esteve aliado de Charles Xavier e agora está aliado a Magneto afirma “ele (Magneto) e Xavier partilham do mesmo sonho” (EXCALIBUR, 1993, p. 33) e ainda como é expresso na *Fabulosos X-Men*<sup>91</sup> pelo próprio Magneto “Eu dediquei **minha vida** toda à preservação dos mutantes” (FABULOSOS X-MEN, 2013, p. 12) que é algo que os assemelha a Martin Luther King e Malcolm X que possuíam também o mesmo objetivo, nesse caso preservar os negros, divergindo apenas na forma de agir para tornar o sonho deles realidade

Mas ainda se faz necessário apontar para o caminho que se dá nesse tópico do trabalho, já que nesse momento especificamente a analogia que acontece entre o universo dos mutantes o nosso próprio universo é resumida na questão dos direitos civis dos negros, todos os problemas e questões por eles enfrentados se fazem presentes no universo Marvel, no contexto dos mutantes e na realidade de Charles Xavier e Magneto sendo ambos um reflexo para o que foi a realidade de Martin Luther King e Malcolm X, respectivamente todos os objetivos e modos de agir se tornam semelhantes, já que mesmo os personagens tanto reais quanto ficcionais se tornam equivalentes.

Sendo assim, começando com a primeira dupla, sendo algo que os alinha, além do que será apontado em seguida a sua oratória, já que ambos tentavam se fazer valer pelas suas falas e discursos, e como apresentado no capítulo anterior Charles Xavier não teve tantas dificuldades financeiras enquanto crescia, pode ir para uma universidade e se tornar um membro valoroso da comunidade em que estava inserido, de modo que algo semelhante aconteceu com Martin Luther King, que também cresceu sem enfrentar tantos problemas, obviamente tendo que lidar com o preconceito e a política de segregação implantada pelo governo, mas por ser de família religiosa possuía algum prestígio mesmo que somente entre os seus, mas posteriormente adquirindo o título de

---

<sup>90</sup> Excalibur nº 71 (1993), roteiro de Joe Quesada (1962 – ...), ilustração de Ken Lashley, Darick Robertson (1967 – ...) e Matthew Ryan.

<sup>91</sup> Fabulosos X-Men nº 8 (2013), roteiro de Brian Michael Bendis, ilustração de Chris Bachalo.



doutor em teologia que lhe conferia o mínimo de respeito em outros espaços que não eram convencionalmente frequentados por negros.

E ambos quando cresceram começaram a defender as mesmas formas de lidar com suas questões “Martin Luther King Jr. [...] um dos principais nomes do Movimento dos Direitos Civis dos Negros, defendendo a não violência e amor ao próximo” (CAMPOS, 2016, p. 191) similar ao que um dos pupilos de Charles Xavier afirma “Você nós reuniu pra realizar um sonho, Charles... um sonho nascido da esperança e das mais nobres aspirações humanas.” (X-MEN: DEUS AMA HOMEM MATA, 1982, p. 62), de forma a deixar evidente o alinhamento pacífico de ambos, na *Incríveis X-Men*<sup>92</sup> temos expressado a vontade de Charles Xavier, em que afirmam com relação as suas intenções “Um professor que queria criar um mundo sem temor e ódio.” (INCRIVEIS X-MEN, 2015, p. 1).

Tanto Martin Luther King quanto Charles Xavier se tornaram figuras respeitadas em alguns segmentos da sociedade, sendo o primeiro um pastor, caminho esse que serviria de base para guiar o seu modo de luta não violenta contra o racismo americano e talvez no mundo, tendo em vista o símbolo que se tornou, tendo um dos discursos mais famosos da história, realizado no Memorial Lincoln, no acontecimento que ficou conhecido como a marcha de Washington<sup>93</sup> o discurso no qual Martin Luther King falou da necessidade de uma coexistência pacífica entre os negros e brancos e sobre como ele esperava que isso acontecesse no futuro, daí surge o nome do discurso “eu tenho um sonho”, similar ao que acontece na *X-Men: Deus ama homem mata* (1982), na qual Charles Xavier se refere a sua forma de lutar pelos direitos dos mutantes como “meu sonho” (X-MEN: DEUS AMA HOMEM MATA, 1982, p. 63) e também similar ao que é afirmado por um dos pupilos de Charles Xavier na *X-Men: Vermelhos*<sup>94</sup> algo que compactua muito com o ideal de Martin Luther King quando um mutante afirma “imagine uma geração de mutantes que não sejam temidos ou odiados.” (X-MEN: VERMELHOS, 2018, p. 8) ou como é afirmado pelo próprio Magneto na *X-Men: Azuis*<sup>95</sup> ao se referir a Charles Xavier “Charles Xavier sonhou com um mundo onde humanos e mutantes poderiam coexistir em paz.” (X-MEN: AZUIS, 2017, p. 3) que eram vontades que foram expressas por Martin Luther King no discurso feito no

<sup>92</sup> *Incríveis X-Men* nº 19 (2015), roteiro de Christopher Yost (1973 – ...), ilustração de Jorge Fornes.

<sup>93</sup> Capital dos Estados Unidos da América.

<sup>94</sup> *X-Men: Vermelhos* nº 10 (2018), roteiro de Tom Taylor, ilustração de Roge Antonio.

<sup>95</sup> *X-Men: Azuis* nº 2 (2017), roteiro de Cullen Bunn, ilustração de Jorge Molina (1984 – ...).

memorial Lincoln, obviamente se referindo aos negros, quando ele afirma: “Eu tenho um sonho que meus quatro pequenos filhos um dia viverão em uma nação onde não serão julgados pela cor da pele, mas pelo conteúdo do seu caráter” (KING apud FERNANDES, 2014, p. 122), e ainda algo que vai igualar ainda mais as visões de mundo de Charles Xavier com a de Martin Luther King é o que acontece na *Fabulosos X-Men*<sup>96</sup> em que um dos discípulos do mutante faz um comunicado para o mundo.

Estamos aqui. Todos nós. Cada um do nosso povo. Cada mutante do planeta de pé de frente para o capitólio, na capital Washington. No coração de toda democracia e bem. [...] nada está acontecendo. O pior pesadelo dos humanos era sobre os mutantes se unirem e atacarem. [...] unidos e os perseguindo bem estamos todos reunidos. E... não é maravilhoso. [...] Estamos demonstrando de uma vez por todas [...] que eles não tem motivos para nos temerem. (FABULOSOS X-MEN, 2015, p. 29 – 30)

Situação essa que se assemelha bastante com o já mencionado discurso de Martin Luther King, tanto na questão do evento em si, por acontecerem próximos a símbolos do governo estadunidense, como por conta do teor tolerante do discurso, de modo que ainda nos referindo a esse discurso e a relação que se dá de Charles Xavier e Martin Luther King, vemos o que é expresso por outro mutante após o ouvir o discurso “Charles Xavier teria adorado esse momento” (FABULOSOS X-MEN, 2015, p. 30) alegação que se faz necessária, já que nessa história Charles foi morto, mas seu sonho segue vivo com seus discípulos, situação que se assemelha ao que aconteceu com Martin Luther King que até os dias atuais é considerado um símbolo na luta dos negros.

Charles Xavier é um cientista mundialmente reconhecido e famoso por estudar os mutantes, por falar em prol deles e por apontar que não é nada mais do que a própria evolução das espécies agindo mais uma vez por sobre a raça humana. Dessa forma, apontamos para com relação às dificuldades enfrentadas por esses personagens ao logo de sua formação, que de certa forma guiou a sua forma de luta, pois ambos não enfrentaram grandes problemas como no caso de Magneto que foi pra um campo de concentração nazista e Malcolm X que teve a sua família desfeita ainda na infância, por problemas financeiros, dentre vários outros fatores, atentando para o fato que não estamos relacionando diretamente o local social em que ambos estavam inseridos, como diretamente responsável pela sua forma de agir, mas percebemos esses locais sociais como um dos fatores que influenciaram seus modos de agir.

Pois, por Malcolm X vir de um lugar social inferior ao de Martin Luther King, via que na teoria tudo aquilo era lindo, muito bem argumentado, mas que não passavam

---

<sup>96</sup> *Fabulosos X-Men* nº 600 (2015), roteiro de Brian Michael Bendis, ilustração de Chris Bachalo.

de palavras que não geravam ações, de forma similar ao que Magneto expressa na *Fabulosos X-Men*<sup>97</sup> “Não há alternativa! Precisei ser forte porque você e seus X-Men são muito fracos para fazer o que deve ser feito!” (FABULOSOS X-MEN, 1993, p. 15) sendo assim Magneto na *X-Men: Azuis*<sup>98</sup> deixa claro que não são somente palavras que vão mudar a situação dos mutantes no mundo, mas ações como o que ele mesmo afirma “eu **sangraria** pelo meu povo. **Morreria** por ele.” (X-MEN: AZUIS, 2018, p. 12), ações, que é o princípio do que Malcolm X acredita, que não serão só os discursos que vão produzir algum efeito, como o próprio Charles Xavier chega a mencionar em um momento que duvida dos seus métodos e quase concordando com a forma de agir de Magneto, quando ele afirma:

Passei minha vida golpeando uma muralha que se recusa a tombar. Talvez seja a hora de eu... de nós encontrarmos outro caminho. [...] eu jurei muito tempo atrás que não veria mais X-Men morrerem. Se os métodos de Magneto garantem isso... que assim seja (X-MEN: DEUS AMA HOMEM MATA, 1982, p. 62)

Que dadas às devidas proporções é uma frase que pode muito bem ser utilizada no contexto de Martin Luther King, pois percebemos que pelo que ele falava, ele esperava que os brancos cedessem espaço na sociedade para a inserção dos negros para que eles pudessem ser iguais, algo que mesmo nos dias de hoje ainda não aconteceu completamente, para cada Barak Obama que é respeitado por grande parte da população americana, existem milhares, talvez milhões de Georges Floyd sendo assassinados em situações em que a única motivação é o racismo.

Magneto na *Excalibur*<sup>99</sup> tem sua forma de pensar expressa por um dos seus subordinados, quando ele afirma “nós não podemos mais aceitar as agressões humanas passivamente” (EXCALIBUR, 1993, p. 17), modo de pensar similar ao de Malcolm X que acreditava que os negros deveriam tomar à força aquilo que os brancos negavam a dar-lhes: o reconhecimento enquanto indivíduos, pois segundo Magneto afirma na *Fabulosos X-Men*<sup>100</sup> “o mundo se voltou contra nós” (FABULOSOS X-MEN, 2016, p. 8) alegação que dentro do contexto de vida dos líderes do movimento negro seria muito real, já que o governo era a favor de toda a segregação que os negros enfrentavam, sendo assim, entendemos que Malcolm X defendia seu modo de agir, por ver todos os

---

<sup>97</sup> *Fabulosos X-Men* n° 304 (1993), roteiro de Scott Lobdell (1960 – ...), ilustração de John Romita, Brandon Peterson, Chris Sprouse (1966 – ...) e Paul Smith (1953 – ...).

<sup>98</sup> *X-Men: Azuis* n° 25 (2018), roteiro de Cullen Bunn, ilustração de Jorge Molina e Mike Perkins (1970 – ...).

<sup>99</sup> *Excalibur* n° 71 (1993), roteiro de Joe Quesada, ilustração de Ken Lashley, Darick Robertson, e Matthew Ryan

<sup>100</sup> *Fabulosos X-Men* n° 2 (2016), roteiro de Cullen Bunn, ilustração de Greg Land.

dias a violência que os negros sofriam enquanto os discursos e as palavras de Martin Luther King não produziam efeitos que acabassem com todo aquele sofrimento, de modo semelhante ao que Magneto afirma na *Fabulosos X-Men*<sup>101</sup> “Se os mutantes pretendem sobreviver, devem parar de se preocupar em ser aceitos pelos humanos e se concentrar nas ameaças que nos esperam!” (FABULOSOS X-MEN, 1993, p. 25) ou ainda como é afirmado na *Novíssimos X-Men*<sup>102</sup> na qual falam sobre a crença de Magneto sobre o destino da mutandade quando é expresso “Como Magneto disse [...] conquistar é seu **direito de nascença** como mutante” (NOVÍSSIMOS X-MEN, 2014, p. 6) e por se tratar de Magneto ficando implícito como seria essa forma de conquista, a qual ele se refere, mas ao longo da leitura das histórias em quadrinhos, fica completamente explícito que essa conquista acontecerá por meio dos seus métodos mais violentos.

Porém, Charles Xavier acreditava que os *X-Men* poderiam mostrar aos humanos as qualidades dos mutantes, como expresso na *Novíssimos X-Men*<sup>103</sup> por uma das pupilas dele quando ela afirma “Vamos treinar para tornar o mundo melhor que ontem. Vamos ensinar as pessoas que nos odeiam que eles estão errados dando o exemplo. Vamos ajudar qualquer humano ou mutante que precise.” (NOVISSIMOS X-MEN, 2013, p. 14) assim como Martin Luther King acreditava que o dialogo era o melhor caminho para uma aceitação daqueles que eram como ele por parte da sociedade, de forma que Fernandes (2014) faz a seguinte afirmação

Dessa forma, notamos vários conceitos comuns entre os discursos de MLK e Xavier: ambos prezam pela não-violência, citam um conceito de dor que enaltece as pessoas, acreditam e disseminam fortemente a importância da “fé” e “esperança”. (FERNANDES, 2014, p. 103)

Martin Luther King acreditava que com seus discursos, suas marchas e suas atitudes pacíficas um dia conseguiria realizar o seu sonho de coexistência pacífica entre negros e brancos, da mesma forma como Charles Xavier que criou os *X-Men* pois acreditava que mostrando por meios de atitudes valorosas e bondosas a humanidade poderia perceber aceitar uma convivência pacífica com os mutantes como expresso na *Novíssimos X-Men*<sup>104</sup> “um grupo de mutantes conhecidos como X-Men, lutam pela coexistência pacífica entre mutantes e humanos.” (NOVÍSSIMOS X-MEN, 2013, p. 1),

<sup>101</sup> *Uncanny X-Men* nº 304 (1993), roteiro de Scott Lobdell, ilustração de John Romita, Brandon Peterson, Chris Sprouse e Paul Smith.

<sup>102</sup> *Novíssimos X-Men* nº 25 (2014), roteiro de Brian Michael Bendis, ilustração de David Marquez.

<sup>103</sup> *Novíssimos X-Men* nº 18 (2013), roteiro de Brian Michael Bendis, ilustração de Brandon Peterson.

<sup>104</sup> *Novíssimos X-Men* nº 5 (2013), roteiro de Brian Michael Bendis, ilustração de Stuart Immonen.

Charles Xavier espera que os a humanidade perceba que os mutantes não representam perigo, ou pelo menos representam o mesmo perigo que qualquer humano representaria e que um dia por meio desses gestos de bondade e de ajuda ao próximo, a humanidade reconheceria que esse novo ramo da evolução que tanto foi perseguido e tanto sofreu merece o direito de viver em paz, como é afirmado por um dos pupilos de Charles Xavier ao expressar o ideal que ele o mentor defendem:

Concordo que os tempos são difíceis e que vão piorar muito, concordo que provavelmente poderíamos conquistar o mundo... mas o custo em sangue seria avassalador. [...] Nós também somos humanos! Um ramo diferente, talvez, mas de uma mesma árvore. Uma mudança [...] não pode ser **imposta**. [...] ela deve crescer de dentro. Você nós reuniu pra realizar um sonho, Charles... um sonho nascido da esperança e das mais nobres aspirações humanas. Os X-Men suaram e sangraram, enquanto alguns morreram pra torna-los realidade. [...] Os meios são tão importantes quanto os fins. Nós temos de fazer as coisas de maneira muito certa ou não fazer nada. (X-MEN: DEUS AMA HOMEM MATA, 1982, p. 62).

De forma a tornar ainda mais evidente as atitudes que devem ser tomadas, que não seria uma conquista genuína se ela fosse banhada em sangue, ao final dessa afirmação Magneto discursa sobre como é uma loucura agir dessa forma, que os *X-Men* são tolos se pensam que isso vai dar certo, que não acredita que esse seja o caminho a ser seguido para que os mutantes consigam ter seu espaço no mundo como a alegação feita por um de seus discípulos na *Fabulosos X-Men*<sup>105</sup> que afirma “estamos treinando para lutarmos por nossos direitos como mutantes” (FABULOSOS X-MEN, 2014, p. 13) e nos acontecimentos da *X-Men: Deus ama homem mata* o próprio Magneto termina afirmando que se os *X-Men* continuarem seguindo esse caminho pacifista, eles serão mortos e que então será a vez dele, de fazer as coisas do jeito dele e em outro momento em situação semelhante Magneto afirma “Nós sabemos que os mutantes não duraram muito neste mundo!” (FABULOSOS X-MEN, 1993, p. 33) se referindo ao massacre que os mutantes sofrem, e como a forma pacífica Charles Xavier não vai dar certo.

Na imagem abaixo podemos ver o discurso que Charles Xavier faz na televisão, em prol dos direitos dos mutantes serem considerados indivíduos, já que a sociedade os vê como um grupo homogêneo e não como indivíduos que possuem suas particularidades e em muitos casos sendo negados a eles o direito à vida, sendo essa uma questão também presente nos personagens históricos bem como nos ficcionais que discutimos, a luta por um direito básico porém essencial, semelhante ao que defendia Martin Luther King, que os negros fossem vistos como indivíduos, independentemente

---

<sup>105</sup> *Fabulosos X-Men* nº 26 (2014), roteiro de Brian Michael Bendis, ilustração Chris Bachalo

da cor da pele, que fossem considerados seres que podem ser bons ou ruins, mas que são responsáveis só pelo que eles fazem, não pelo que todos os negros do mundo fazem.

**Figura 8** – Interior da *X-Men*: Deus ama homem mata (1982).



Fonte: [https://www.marvel.com/comics/issue/20817/x-men\\_god\\_loves\\_man\\_kills\\_-\\_special\\_edition\\_1982](https://www.marvel.com/comics/issue/20817/x-men_god_loves_man_kills_-_special_edition_1982)

A imagem é um quadro horizontal, no qual vemos um monitor exibindo um homem caucasiano, careca, vestindo um terno num tom de marrom falando, vemos também que após o homem expor sua fala, alguém fora da televisão discordando, de modo que vemos o seguinte diálogo:

“– Boa noite a todos, em primeiro lugar, Sr. Cheever, devo dizer que os mutantes não são, em si, um grupo monolítico, doado de um único conjunto de ações ou atitudes, eles são todos indivíduos... como nós... e devem ser julgados como tais. – O homem no monitor afirma

– Ai vem você Charles. – A voz que vem de fora do monitor discorda”

E ainda com relação à imagem podemos perceber que a fala de Charles Xavier despertou uma resposta discordante da alegação dele, fala essa do reverendo William Stryker, que assim como Charles Xavier estava na televisão para o debate, e percebemos na atitude do reverendo que além de manter seu argumento intolerante, ele assume uma postura de tentar deslegitimar o argumento de Charles Xavier, de modo a coincidir com: “O Klan tenciona (des)construir a imagem histórica de Martin Luther King, Jr., a fim de demonstrar como esta é erroneamente idolatrada na sociedade americana.” (SOUSA, 2005, p. 105), já que Charles Xavier é um renomado cientista, reconhecido internacionalmente por estudar a genética mutante, de modo que Willian Stryker ganharia muito, invalidando o argumento dele.

Com Magneto a coisa é diferente pois ele acredita no que é expresso por um grupo de mutantes que age inspirado no que Magneto pregava, como é exposto na HQ da *X-Factor*<sup>106</sup> na qual esse grupo de mutantes afirma “Viemos massacrar primitivos” (X-FACTOR, 1993, p. 1) expondo a percepção do próprio Magneto, que considera os humanos como seres primitivos e por consequência considera os mutantes superiores, e dessa forma é como expresso na *Novíssimos X-Men*<sup>107</sup> “Nem todos os mutantes veem

<sup>106</sup> *X-Factor* n° 92 (1993), roteiro de Joe Quesada e J. M. DeMatteis (1953 – ...), ilustração de Joe Quesada.

<sup>107</sup> *Novíssimos X-Men* n° 5 (2013), roteiro de Brian Michael Bendis, ilustração de Stuart Immonen.

coexistência pacífica como uma realidade” (NOVÍSSIMOS X-MEN, 2013, p. 1) e Magneto é um desses mutantes, similar ao que Campos (2016) afirma com relação a Malcolm X, “A união entre negros e brancos era inaceitável e defendia que a violência poderia sim ser usada para efetivar a separação de negros e brancos, que para ele, uma raça, nesse caso a negra, eram superiores aos brancos, que sempre humilharam à primeira” (CAMPOS, 2016, p. 192), sendo essa forma de pensar de Malcolm X, similar ao que pensa Magneto, como expresso em outro momento na HQ *X-Factor* em que o mesmo grupo que age inspirado em Magneto cometem um ataque a humanos e após esse ataque um deles afirma: "Eles eram humanos? E os humanos sempre nos humilharam, não? Então eles **também** eram ameaças! [...] eles tem medo de tudo que é **diferente** [...] ter compaixão por humanos é **extremamente** perigoso! (X-FACTOR, 1993, p. 7) de modo a alinhar a forma de ver o mundo de Malcolm X com a de Magneto.

E comparando as vidas de Magneto com a de Charles Xavier, esse último teve uma vida com menos dificuldades, da mesma forma acontece com as contrapartes históricas deles, comparando a vida de Malcolm X com a de Martin Luther King, a vida desse último foi mais fácil, embora não invalide todas as dificuldades que ele enfrentou de modo geral, tendo que conviver com todo o racismo.

Segundo o que percebemos do que é expresso por Fernandes (2014), na vida de Malcolm X além de lidar com o racismo, ele teve que lidar com outras questões, vindo de uma família humilde e passando privações ainda na infância ao lado de seus irmãos, pouco antes de ter sua família desfeita, após a morte do seu pai, quando foram separados de sua mãe, pois sua família passava necessidades e diante disso, Malcolm X e seus irmãos foram levados e colocados para adoção e logo foram separados, após sair da casa de adoção já mais velho, adentrou ao mundo do crime, cometendo uma serie de delitos e em seguida sendo preso, momento esse que coincide com o que é expresso com sobre Magneto na *Fabulosos X-Men* “quando ele perdeu o amor de sua vida [...] desde então tem sido apenas morte e destruição” (FABULOSOS X-MEN, 1993, p. 10) em que vemos que ambos os personagens tanto fictício quanto o histórico após um momento de perda, traçam um caminho de auto destruição, no qual Magneto está envolto em morte e destruição e Malcolm X inicia sua trajetória no mundo do crime.

Quando cumpria pena foi que sua vida mudou, tomou gosto por leitura e após sair da penitenciária se converteu ao islamismo e só então iniciou sua trajetória com

relação à luta pelos direitos civis. Mas, diferente de Martin Luther King, defendia uma revolução armada por parte dos negros, de forma que conseguissem tomar aquilo que os brancos não queriam lhes dar, seus direitos básicos, direitos de seres humanos, de modo a se assemelhar ao que Magneto defende como afirmado na *Novíssimos X-Men*<sup>108</sup> na qual um mutante explica a ideia dele “Ele está chamando nosso povo pra se erguer e se revoltar contra a raça humana.” (NOVÍSSIMOS X-MEN, 2013, p. 16). De forma que a história de vida de Malcolm X é similar ao que acontece com Magneto que tem sua infância durante o fervor nazista na Alemanha, algo que é similar dadas às devidas proporções a segregação racial que imperava na América e na vida de tantos homens e mulheres como Malcolm X, mas também Martin Luther King e Rosa Parks, mas sendo mais próximo de Malcolm X, já que Magneto, tem toda sua família desfeita, mortos pelo regime nazista, é preso em Auschwitz e sai de lá motivado a não deixar que aquilo aconteça novamente com os seus. Sobre essa similaridade podemos ver apontamentos no que é falado por Fernandes.

Magneto [...] já havia passado pelos campos de concentrações nazistas com sua família e teve a mãe assassinada, o que agravava ainda mais sua falta de fé na boa vontade dos seres humanos. A história de Malcolm se assemelha a dele também neste ponto, uma vez que sua família também foi perseguida – quando criança, Malcolm teve sua casa queimada e foi forçado a se mudar várias vezes para escapar de grupos que defendiam a supremacia branca, além de creditar a morte de seu pai como um assassinato orquestrado por membros desses mesmos grupos. (FERNANDES, 2014, p. 105)

O que deixa claro que tanto Magneto como Malcolm X devem a sua forma de agir e de ver os seres humanos e os brancos, respectivamente com desconfiança, já que ambos foram prejudicados e maltratados por estes, de modo que foram forjados em todo esse ódio, por isso Malcolm X defendia uma luta mais violenta em que os negros deveriam pegar em armas para poderem se defender e dar início a revolução pretendida por ele, da mesma forma que Magneto defendia que a única forma dos mutantes viverem em paz no mundo seria se eles exterminassem os seres humanos. Por isso que quando Magneto sai de Auschwitz, ele sai decidido a fazer o mesmo que Malcolm X: tomar da humanidade aquilo que ela nega aos mutantes, em várias situações a forma que Magneto encontra de fazer isso é como podemos ver na *X-Men: Azuis*<sup>109</sup>, na qual o ele afirma “Podemos **escravizar** a raça humana” (X-MEN: AZUIS, 2018, p. 3) de forma a deixar claro que ele não preocupa com limites ou consequências, disposto a tudo sem se importar com os meios que o levaram ao seu objetivo como podemos perceber na leitura

<sup>108</sup> *Novíssimos X-Men* nº 9 (2013), roteiro de Brian Michael Bendis, ilustração de Stuart Immonen

<sup>109</sup> *X-Men: Azuis* nº 19 (2018), roteiro de Cullen Bunn, ilustração de R.B. Silva.



da HQ *X-Men: Deus ama homem mata*, que em determinado quadrinho da história percebemos Magneto torturando um dos purificadores, para obter uma informação.

Além de como podemos perceber na imagem abaixo em que Magneto jura que vai fazer o que for preciso, para fazer com que os assassinos de duas crianças mutantes paguem pelos seus atos, mas não antes de demonstrar compaixão com o sangue dos seus que foi derramado, para logo em seguida tomar uma postura mais firme, como podemos ver pelo semblante e pela mão firme amassando papel. Nesse momento está claramente expresso uma postura mais vingativa, tendo em mente o que é afirmado em outra HQ dos *X-Men*<sup>110</sup> pelo próprio Magneto que expressa “pelo bem do nosso povo **meu filho deve morrer!**” (X-MEN, 1993, p. 29) deixando explícito que não existe limite para ele.

Postura essa que durante os anos de existência do personagem nas histórias em quadrinhos rendeu a ele a alcunha de terrorista, como vemos expresso na *X-Men Azuis*<sup>111</sup> quando é noticiado na televisão “uma **manifestação antimutante** na capital foi **atacada** por um grupo de mutantes. Esses mutantes parecem estar sendo liderados pelo notório terrorista e supremacista mutante conhecido como **Magneto.**” (X-MEN: AZUIS, 2018, p. 17), título que é usado constantemente para se referir a ele por conta de seus atos, título esse que também era utilizado por opositores políticos do movimento negro ou mesmo pessoas que só eram racistas para se referir a Malcolm X, por conta da sua postura mais agressiva, sendo ele similar ao que é expresso por Magneto na imagem abaixo, uma luta de fato, para tomar aquilo que não lhes deixam ter, de modo a agir semelhante a Magneto, por meio da violência.

**Figura 9** – Interior da *X-Men: Deus ama homem mata* (1982).



Fonte: [https://www.marvel.com/comics/issue/20817/x-men\\_god\\_loves\\_man\\_kills\\_-\\_special\\_edition\\_1982](https://www.marvel.com/comics/issue/20817/x-men_god_loves_man_kills_-_special_edition_1982)

<sup>110</sup> *X-Men* nº 25 (1993), roteiro de Fabian Nicieza (1961 – ...), ilustração de Andy Kubert (1962 – ...).

<sup>111</sup> *X-Men: Azuis* nº 19 (2018), roteiro de Cullen Bunn, ilustração de Marcus To (1983 – ...).

A imagem é dividida em três quadros de maneira desigual, os dois primeiros aparecem na parte superior da imagem, são pequenos em altura e em largura, exibindo uma criança de pele negra deitada morta e uma mão fechando seus olhos, no quadro seguinte vemos a mão que continuou percorrendo seu corpo, parrando num cartaz pendurado no pescoço da vítima, no terceiro quadro embaixo, vemos um homem caucasiano, de cabelo grisalho segurando o papel que estava no pescoço da criança e o amassando com raiva e ao longo de toda a imagem ele é o único que fala e diz:

“... Para conhecerem tanto medo e dor. Seu único crime... foi terem nascido. E, apesar de todos os meus aclamados poderes, fui incapaz de salvá-los. Ninguém mais morrerá... a não ser os responsáveis por esta atrocidade! Custe o que custar, leve o tempo que levar, eu vou caçar os malditos... **e farei com que paguem!**”

“... Para conhecerem tanto medo e dor. Seu único crime... foi terem nascido. E, apesar de todos os meus aclamados poderes, fui incapaz de salvá-los. Ninguém mais morrerá... a não ser os responsáveis por esta atrocidade! Custe o que custar, leve o tempo que levar, eu vou caçar os malditos... **e farei com que paguem!**” (X-MEN: DEUS AMA HOMEM MATA, 1982, p. 5)

Na imagem acima compreendemos mais uma das similaridades entre os purificadores e a *Ku Klux Klan* pois no momento em que Magneto encontra as crianças que foram vítimas dos purificadores elas não estão dispostas da maneira como seus corpos caíram após perderem a vida, elas estão colocadas de maneira a fazer uma exibição daqueles corpos, e na imagem percebemos que na mão fechada de Magneto está um pedaço de papel, que nesse caso era a placa da exibição horrenda que os purificadores montaram uma pequena placa que estava pendurada no pescoço das crianças com a palavra “mutuna”, ou seja, uma exibição para passar o recado aos outros mutantes, para que aquele que haviam sido assassinados servissem como exemplo para os outros, atacando o psicológico deles, deixando-os com medo, como é exposto na *Fabulosos X-Men*<sup>112</sup> em que um dos pupilos de Charles Xavier afirma “Somos X-Men. Toda vez que ando por uma rua, eu sei que um homem rancoroso com uma arma pode estar à espreita querendo me matar apenas **por existir**” (FABULOSOS X-MEN, 2011, p. 6), tática igualmente utilizada pela *Ku Klux Klan*, já que os capuzes que eram utilizados cumpriam o papel de ocultar a identidade dos agressores de modo que as vítimas não sabiam quando estavam próximas de algum membro da *Klan* ou não, de forma que a *Klan* passava a ideia de que poderia estar sempre observando seus alvos.

Na imagem anterior percebemos também uma construção da imagem de Magneto como sendo um justiceiro, já que junto às crianças mortas ele mostra compaixão, se mostra tocado pela sua morte, mas em seguida, fazendo seu monólogo dedicado à vingança, trazendo ao fim da sua fala a afirmativa de que vai fazer com que os responsáveis paguem, similar ao que Malcolm X pretendia, pois ao tomar os direitos que os negros mereciam, por meio da revolução armada, por meio de todo o conflito, ele

---

<sup>112</sup> *Fabulosos X-Men* nº 1 (2011), roteiro de Kieron Gillen, ilustração de Carlos Pacheco.

iria fazer com que todas as atrocidades que eram<sup>113</sup> cometidas contra negros fossem condenadas pela justiça. Percebemos assim, que tanto Martin Luther King e Charles Xavier, quanto Malcolm X e Magneto tinham um objetivo em comum, garantir a sobrevivência dos que eram como eles, cada um agindo ao seu modo, como vimos, o lado mais pacifista de Martin Luther King e de Charles Xavier como Fernandes afirma: “Outro ponto muito recorrente em ambos os discursos de Xavier e MLK é a dedicação pela luta através da não-violência. Para ambos, é inadmissível o uso de métodos agressivos para a obtenção dos meios que eles desejam” (FERNANDES, 2014, p. 102). Sendo essa o principal diferencial entre Charles Xavier e Magneto.

Para alcançar esse objetivo, a convivência harmoniosa, tanto Martin Luther King quando Charles Xavier não rejeitavam aliados ou mesmo possíveis aliados, já que Martin Luther King era favorável e incentivava a participação de brancos dentro dos movimentos pelos direitos dos negro, da mesma forma que acontecia com Charles Xavier que considerava favorável e válida a luta pelos direitos dos mutantes, por aqueles que não são mutantes, incentivava que esses não mutantes estivessem dentro do movimento pelos direitos dos mutantes, algo que era mal visto por ambos os seus “opositores” Malcolm X e Magneto como Fernandes afirma:

Em seu discurso [...] Malcolm X explica sua definição de revolução [...] além de um alerta para seus iguais, era também um ataque a MLK, que ele considerava abrangente demais em sua política inclusiva de brancos no movimento negro. Magneto faz a mesma crítica a Xavier (FERNANDES, 2014, p. 105)

E algo que não acontece com ambas às figuras históricas, mas que acontece com os ficcionais, é o conflito direto entre ambos, pois entendemos que Martin Luther King Jr. e Malcolm X, trocavam algumas ofensas, mas não saía disso, diferente do que acontece com Charles Xavier e Magneto, já que por não medir esforços para realizar seu objetivo de ver todos os mutantes bem, vivendo em harmonia entre si. Magneto por vezes age fora da lei, cometendo os mais variados crimes contra a humanidade, pois ele acredita no que é expresso por um de seus aliados na *Novíssimos X-Men*<sup>114</sup> “aqueles que negarem nossa liberdade... a luta está a caminho de vocês” (NOVÍSSIMOS X-MEN, 2013, p. 2), e numa tentativa de mostrar que os mutantes são mais do que só Magneto, Charles Xavier comanda seus *X-Men* a enfrentarem-no, protegendo os humanos, e tentando fazê-los aprender a ser mais tolerantes.

---

<sup>113</sup> E que ainda são cometidas.

<sup>114</sup> *Novíssimos X-Men* n° 12 (2013), roteiro de Brian Michael Bendis, ilustração de Stuart Immonen.

Na *Fabulosos X-Men*<sup>115</sup> ocorre um tumulto em uma manifestação antimutante, e em determinado momento um dos pupilos de Charles Xavier afirma “Ei, pessoal, eu sei que nos odeiam, mas que tal nos deixar ajudá-los a não serem mortos?” (FABULOSOS X-MEN, 2018, p. 20) e ainda no decorrer de toda essa manifestação acontece o que vemos na imagem acima, pois é como expresso na *Fabulosos X-Men*<sup>116</sup> pelo próprio Magneto “Xavier tinha um sonho de mutantes vivendo com humanos em coexistência pacífica. Meu sonho era guiar nosso povo ao seu novo papel como espécie dominante” (FABULOSOS X-MEN, 2014, p. 16), a ação que Charles Xavier toma e na tentativa de validar de alguma forma a sua visão para o mundo, fazendo com que seus *X-Men* sejam indivíduos tolerantes.

**Figura 10** – Interior da *Fabulosos X-Men* nº 3 (2018).



Fonte: [https://www.marvel.com/comics/issue/71460/uncanny\\_x-men\\_2018\\_3](https://www.marvel.com/comics/issue/71460/uncanny_x-men_2018_3)

A imagem é dividida em quatro quadros que começam com uma largura e vão ficando mais estreitos ao longo dos quadros seguintes, no primeiro quadro vemos um homem negro, mutante, com cabelo longo, trançado, amarrado e barba, vestindo uma roupa colada ao corpo em cor azul, com detalhes em amarelo, ajudando um homem caído no chão no meio de um cenário parcialmente destruído, a se levantar, o homem caído é caucasiano, não é mutante, possui barba e veste jeans e uma camisa xadrez em tom de vermelho, no quadro seguinte o mutante exhibe uma placa que diz “Deus odeia mutantes” entregando-a ao homem que estava caído, no quadro seguinte vemos a expressão no rosto do mutante que tem uma cicatriz ao redor dos olhos com a letra “M”<sup>117</sup> no último quadro vemos a expressão de desconfiância no rosto do homem que foi salvo, e ao longo dos quadros vemos o seguinte diálogo:

- “Você está bem, senhor?” – O mutante questiona
- Hã... sim? – O homem responde
- Tome sua placa senhor. – O mutante afirma
- ... Valeu. – O homem responde”

<sup>115</sup> *Fabulosos X-Men* nº 3 (2018), roteiro de Matthew Rosenberg, Kelly Thompson e Ed Brisson, ilustração de R.B. Silva.

<sup>116</sup> *Fabulosos X-Men* nº 16 (2014), roteiro de Brian Michael Bendis, ilustração Chris Bachalo

<sup>117</sup> O mutante é Bishop, criado no início da década de 90 pelo roteirista Jim Lee 1964 – ...) e pelos ilustradores John Byrne (1950 – ...) e Whilce Portacio (1963 – ...), Bishop veio de uma dimensão diferente, na qual os mutantes foram caçados e são quase extintos, os que sobraram foram marcados, para que possam ser distinguidos das pessoas “normais” em caso de mutações não aparentes.

Vemos na imagem acima, o principal ensinamento de Charles Xavier sendo colocado em ação por um de seus *X-Men*, proteger os outros mesmo que eles discordem da sua existência, já que na imagem acima vemos um dos *X-Men* salvando um homem da morte, e em seguida entregando o cartaz que diz “Deus odeia mutunas” que o homem segurava na antimutante, de modo que no último quadrinho percebemos o desconforto na feição do homem ao pregar o ódio aos mutantes e no fim das contas ser salvo por um deles, pois é como é afirmado em outra edição da *Fabulosos X-Men*<sup>118</sup> “é o que os *X-Men* **fazem** [...] somos heróis. Para todos.” (FABULOSOS X-MEN, 2019, p. 17), situação semelhante ao que pode acontecer com homossexuais, já que embora existam aqueles que são mais estereotipados, seja o gay afeminado ou a lésbica “machinho”, existem aqueles que não se encaixam nesse estereótipo, sendo assim, podendo acontecer de se depararem com situações de encarar aqueles que pregam que sua existência deveria acabar, como policiais homossexuais que ajudam pessoas homofóbicas, médicos negros que atendem pessoas racistas, entre outras situações semelhantes, sendo essa a forma que Charles Xavier acreditava que faria a humanidade aceitar a existência dos mutantes, o que na maioria das vezes não acontece, as pessoas permanecem com medo e por consequência com ódio dos mutantes como aponta Karnal: “o principal tema do ódio é meu medo” (KARNAL, 2017, p. 16) como abordaremos em seguida, mas que também por vezes chegam a se unir contra um inimigo em comum, como acontece no contexto da *X-Men: Deus ama homem mata* (1982) em que os pupilos de Charles Xavier passam a agir lado a lado com Magneto contra o reverendo William Stryker.

### 3.3 MUTANTES vs HUMANOS

Como apontado, com o medo surge o ódio e isso é o principal motivador dessa relação, colocando frente a frente seres que diferente, das relações anteriores, divergem não somente na forma de agir ou de pensar, mas na espécie, seres humanos e o próximo passo da evolução humana, os mutantes, de modo que temos o que é expresso na história em quadrinhos *X-Men*<sup>119</sup> um questionamento interessante sobre a relação de humanos e mutantes quando é expresso “**genocídio, purificação étnica** ou simplesmente **assassinato**. Isso é [...] o melhor que duas raças te a se oferecer?” (X-

---

<sup>118</sup> *Fabulosos X-Men* n° 3 (2018), roteiro de Mattew Rosenberg, Kelly Thompson e Ed Brisson, ilustração de Yildiray Cinar (1976 – ...).

<sup>119</sup> *X-Men* n° 111 (2001), roteiro de Scott Lobdell, ilustração de Leinil Francis Yu (1977 – ...).

MEN, 2001, p. 15), questionamento esse que será trabalhado e exposto ao longo do tópico, mas que adiantamos que aparentemente a resposta mais curta para ele é “sim”, já que diante de todos os acontecimentos nas HQ’s não é como o que é expresso por Machado “é necessário compreender o outro, o que exige a disponibilidade para colocar-se em seu lugar” (MACHADO, 1994, p. 2), mas em geral os humanos não tem essa disposição ou interesse para se colocar no lugar dos mutantes.

Na relação entre humanos e mutantes é mais nítida a temática da intolerância, como expresso na *X-Men: Vermelhos*<sup>120</sup> “a humanidade vai se virar contra você. Não é tão difícil. Eles rapidamente temem os que não são como eles. (X-MEN: VERMELHOS, 2018, p. 18), de modo que estamos habituados a ver pessoas não tolerando a existência de outro por pensar diferente, agir diferente ou mesmo gostar de coisas diferentes, imagina uma espécie diferente, como expresso *X-Men*<sup>121</sup> “**Mutantes**, sinônimos de medo e ódio... de preconceito e intolerância... de violência e dizimação... de guerra e separação... de alienação, vergonha e isolamento” (X-MEN, 2013, p. 4), pois enquanto a humanidade teme os mutantes por toda a capacidade destrutiva deles, ao mesmo tempo os mutantes temem os humanos pela habilidade de fazê-los sofrer, causado por essa relação hostil como vemos na imagem abaixo.

**Figura 11** – Interior da *X-Men: Deus ama homem mata* (1982).



Fonte: [https://www.marvel.com/comics/issue/20817/x-men\\_god\\_loves\\_man\\_kills\\_-\\_special\\_edition\\_1982](https://www.marvel.com/comics/issue/20817/x-men_god_loves_man_kills_-_special_edition_1982)

<sup>120</sup> *X-Men: Vermelhos* nº 6 (2018), roteiro de Tom Taylor, ilustração de Mahmud Asrar e Carmen Carnero.

<sup>121</sup> *X-Men* nº 1 (2013), roteiro de Brian Wood, ilustração de Olivier Coipel.



A imagem é um quadro horizontal, em que vemos um homem caucasiano, de cabelos grisalhos, vestindo um terno preto, mais a frente, e ao fundo um mutante, de pelagem azul, olhos escuros, três dedos em cada membro, e cauda, somente o homem fala, e ele questiona enquanto aponta o dedo para o mutante:

“Humanos? Você ousa chamar aquela... coisa... de **humana?!?**” (X-MEN: DEUS AMA HOMEM MATA, 1982, p. 59)

Sobre a imagem acima podemos ver o semblante do duro e agressivo do reverendo William Stryker, além de sua posição de acusação ele com seu dedo em riste apontado para Noturno, sem contar todo o destaque que é dado para a fala do reverendo já que no quadro só se encontram ambos os personagens, e a fala do reverendo, nem mesmo existe cenário nesse quadro para o destaque ficar todo para a fala do antagonista, que é feita em balões coloridos, tanto para contrastar com o fundo branco, quanto para receber mais destaque, além de que os balões de texto foram feitos de maneira a expressar um grito por parte do personagem a qual ele pertence, demonstrando ainda mais a agressividade do reverendo, além do destaque para a fala em si já que a palavra “humana” aparece em grafia maior que as demais, além de aparecer em negrito, uma forma de dar ênfase, no que o personagem que focar, ou seja, questionar a humanidade de Noturno por conta de sua aparência.

Na imagem anterior podemos ver claramente o ódio expresso pelo reverendo William Stryker ao ser questionado se não seriam os mutantes os verdadeiros humanos, um questionamento que deixa o reverendo furioso, e vemos assim algo que concorda com o que é expresso em Todorov quando ao falar do choque entre nativos americanos e espanhóis afirma “urna incapacidade em perceber a identidade humana dos outros” (TODOROV, 1988, p. 65), que é exatamente o que acontece com o reverendo Stryker e os mutantes, que a única coisa que desejam é como expresso na *Extraordinários X-Men*<sup>122</sup> em que uma mutantes afirma “Só quero uma chance de viver uma **vida normal**.” (EXTRAORDINÁRIOS X-MEN, 2015, p. 13), situação que não é possível, já que por ser mutante está constantemente sendo agredida e hostilizada por outros seres humanos só por ser mutante. E ainda sobre a relação dos mutantes com humanos religiosos como o reverendo Stryker, vemos o questionamento que é feito a outro humano religioso que pertence a um grupo intolerante similar aos purificadores na *Novíssimos X-Men*<sup>123</sup> quando um mutante afirma

Vocês acham que somos aberrações da natureza, uma abominação de Deus... certo. **Meio** que entendo como chegaram a essa conclusão. **Dá** pra entender... mas quando alguém como **eu** aparece... alguém que parece **muito** com um

<sup>122</sup> *Extraordinários X-Men* nº 1 (2015), roteiro de Jeff Lemire, ilustração de Humberto Ramos.

<sup>123</sup> *Novíssimos X-Men* nº 19 (2013), roteiro de Brian Michael Bendis, ilustração de Brandon Peterson.

**anjo** de verdade na **terra**... com asas, voando, e pode admitir, uma aparência **angelical**... isso não estremece em **nada** sua convicção? Não para nem por um **segundo** e pensa: ah, cara! Talvez a gente tenha entendido errado! (NOVÍSSIMOS X-MEN, 2013, p. 10)

Questionamento que é respondido com um grito de “abominação” por parte do agressor, sendo assim um discurso semelhante ao do reverendo William Stryker e que vem a ser questionado por uma jovem mutante em outra HQ dos *Novíssimos X-Men*<sup>124</sup> quando ela questiona a sua fé no deus cristão e podemos perceber o quanto a influência do discurso religioso é poderoso e como ele possui uma capacidade destruidora, quando vindo de pessoas que distorcem a moral cristã quando a mutante afirma:

Deus é amor. Deus é bom. Deus é justo. A menos que você seja **diferente**. Nesse caso Deus é **vingativo**. Porque é de algum modo **ruim** [...] mesmo quando o diferente... sou eu. Mutantes são demônios feitos de carne, certo? É o que eu pensava. É no que eu acreditava. Por isso odiei-me **demais** por **muito tempo**. [...] Porque diferente é ruim. Quantas vezes quis morrer. Mas **não** sou um monstro. Meus amigos também não são demônios. Somos só pessoas. [...] não odeio-me mais. (NOVÍSSIMOS X-MEN, 2016, p. 17 – 18)

Afirmção que acreditamos que em muito deve se aproximar do que deve passar na cabeça de uma pessoa que se descobre como sendo membro da comunidade LGBTQIA+, mas que pertence a uma família muito religiosa, religiosa a ponto de condenar o filho por ser daquela forma, no lugar de acolhê-lo, que é um pouco do que é pregado pelo reverendo William Stryker e que por sua vez, se a assemelha com a alegação em relação ao negro feita pela *Ku Klux Klan*.

Os padrões biológicos mais proeminentes, tais como a cor da pele, o formato do nariz e dos lábios, a textura capilar e a capacidade intelectual, colocam em evidência a inferioridade racial dos Africano-Americanos, em contraposição com a superioridade da “raça” branca (SOUSA, 2005, p. 102)

Pois, para o reverendo William Stryker, os mutantes são essa raça inferior, além de relacionar com o que é afirmado anteriormente por Karnal (2017) o ódio fala do meu medo, e nesse caso o medo de estar errado, como vemos na *X-Men: Vermelhos*<sup>125</sup>, quando em um momento em que um grupo de mutantes sofre intolerância por parte de humanos, uma das mutantes telepata afirma

Posso sentir que está com medo. Que não entende metade das coisas que dissemina com ódio. Está preocupado em ser o que odeia. E isso o desagrada, e acaba com nojo de si próprio. Trata-se de um ciclo vicioso muito comum. [...] seus pais são idiotas. Pare de ouvi-los (X-MEN: VERMELHOS, 2018, p. 11)

E no que é expresso na imagem acima vemos aquilo que nos propomos a concordar com Karnal (2017) que o medo o ódio e o medo fala mais de quem pratica,

<sup>124</sup> *Novíssimos X-Men* nº 5 (2016), roteiro de Dennis "Hopeless" Hallum, ilustração de Mark Bagley (1957 – ...).

<sup>125</sup> *X-Men: Vermelhos Annual* (2018), roteiro de Tom Taylor, ilustração de Pascal Alixe.



do que de quem sofre, e no contexto do reverendo William Stryker, podemos perceber já que ele possui plena convicção que recebeu uma missão divina e caso estivesse errado toda a sua vida desde o acidente não teria sentido, de modo que ele se agarra a sua certeza até o fim, quando recorre à arma de fogo.

Sendo o que é expresso na imagem acima uma questão muito pertinente nesse universo, a negação da humanização dos mutantes, pois como expresso na *X-Men: Deus ama homem mata*, por uma das purificadoras com relação a um mutante “Vocês não tem o direito de viver” (X-MEN: DEUS AMA HOMEM MATA, 1982, p. 3), algo que ocorre com certa frequência dentro do universo dos mutantes, principalmente em casos de mutações aparentes ou mutações visíveis, como o caso do Noturno que aparece na imagem acima sendo apontado como não humano, e chamado de coisa, pois dentro do universo dos mutantes ainda existem aquele que em situações normais podem se passar por humanos comuns, mas existem aqueles como Noturno que sofrem o ódio mais diretamente, como expresso na *X-Men: Vermelhos* em que um humano agredindo mutantes verbalmente afirma “Mantenha seu amigo monstro longe de nós” (X-MEN: VERMELHOS, 2018, p. 10) apontando e se referindo a Noturno.

E são muitos os mutantes que possuem mutações aparentes e para eles só são apresentadas duas opções: conviver com todas as hostilidades do cotidiano, ou se isolar da sociedade e viver escondido dela, como acontece com um grupo de mutantes denominados de *Morlocks*<sup>126</sup> que foram criados na década de 80 e que se refugiam no subterrâneo da cidade de Nova Iorque, recorrendo aos esgotos para fugir das hostilidades da superfície e tentar sobreviver um dia de cada vez, pois se os mutantes que tranquilamente se passam por humanos normais sofrem agressões, o que não aconteceria com mutantes que na perspectiva de humanos fisicamente se assemelham a monstros? Esses mutantes seriam agredidos, por sua aparência e também por serem considerados perigosos pelos humanos, como expresso na *Novíssimos X-Men*<sup>127</sup> em que um integrante dos purificadores afirma “A única coisa que importa é que são perigosos para nós. Sua existência nos coloca em perigo. [...] eles não são humanos. [...] eles não são animais. São abominações” (NOVÍSSIMOS X-MEN, 2013, p. 11) e por serem vistos dessa forma na superfície da cidade, viviam isolados no subterrâneo, similar ao que aconteceu com judeus na segunda guerra, que viviam isolados em guetos, ou mesmo como aconteceu no período da segregação racial nos Estados Unidos da

---

<sup>126</sup> Criado pelo roteirista Chris Claremont e pelo ilustrador Paul Smith.

<sup>127</sup> *Novíssimos X-Men* nº 20 (2013), roteiro de Brian Michael Bendis, ilustração de Brandon Peterson.

América, que haviam os espaço para negros, em que eles poderiam viver em paz, coisa que não era possível, devido aos ataques que sofriam dos brancos.

E assim como nos Estados Unidos da América, já vimos ao longo desse trabalho que existem aqueles que poderiam apoiar a opressão, mas não o fazem se colocando ao lados dos oprimidos, mas algumas vezes tendo que lidar com as agressões daqueles que estão tentando defender, pois assim como os humanos atacam os mutantes que estão protegendo eles, os mutantes que estão sendo protegidos por humanos atacam eles, como acontece na *Fabulosos X-Men*<sup>128</sup> em que um grupo de humanos manifesta apoio aos mutantes chamando-os de irmãos, atitude que revolta Magneto, que passa a atacar os humanos com ferocidade e afirma:

Vocês acham que **nós** somos irmãos?! Vocês acham que sentiram **nossa** dor?! Nossa dor é **causada por humanos!** E enquanto meu povo sofre, nenhum de vocês faz **absolutamente nada!** Querem saber como é ser um mutante?! Querem ser como nós?! **Magneto lhes mostrará!** (FABULOSOS X-MEN, 2014, p. 2 – 3).

De modo a fazer similar ao que aconteceu com o reverendo William Styker, que devido a toda sua agressividade, no lugar de construir aliados e construir pontes, termina por destruí-las, fazendo de aliados inimigos, de forma que um sempre constrói o outro como inimigo e na tentativa de se defender termina por atacar e consolidar um inimigo que antes não havia. E por outro lado os mutantes também sofrem com a invalidação do seu discurso como acontece na *X-Men: Dourados*<sup>129</sup> em que uma humana que claramente tem intenções hostis faz a seguinte declaração: “do que vale a palavra de um **mutante** contra a de uma **humana?** E uma humana bastante respeitada?” (X-MEN: DOURADOS, 2017, p. 22).

Esses casos compõem analogias da intolerância na nossa própria sociedade, já que poderíamos alterar os termos “humana” por “branca” ou “branco” e “mutante” por “negro” ou “negra” ou “humana” por “alemão” ou “alemã” e “mutante” por “judeu” ou “judia”, e ao fazermos isso, poderíamos muito bem afirmar que era uma frase que foi dita no contexto da luta por direitos civis, no contexto da segunda guerra ou mesmo por uma pessoa ou pessoas racistas e intolerantes nos dias de hoje, sendo essa somente uma das várias possibilidades de modificação para diminuir ou mesmo invalidar as chamadas minorias.

<sup>128</sup> *Fabulosos X-Men* nº 16 (2014), roteiro de Brian Michael Bendis, ilustração Chris Bachalo

<sup>129</sup> *X-Men: Dourados* nº 3 (2017), roteiro de Marc Guggenheim, ilustração de Ardian Syaf.

Na imagem abaixo retirada da *Novos Vingadores*<sup>130</sup> percebemos como é exposta uma clara crítica e também uma analogia as discussões acerca de gênero e sexualidade, que se aproxima bastante do cotidiano de muitas pessoas que se identificam como integrantes dos grupos que compõem a sigla LGBTQIA+. No caso da imagem acima, a palavra “mutante” poderia ser trocada pela palavra “homossexual” ou outro termo semelhante que seja mais específico – como gay, lésbica, transexual, etc. – e a frase dita no quadrinho iria permanecer com o mesmo significado, tendo sentido de anulação, invalidação, o não reconhecimento de um indivíduo que é diferente e merece respeito.

**Figura 12** – Interior da *Novos Vingadores* nº 08 (2005).



Fonte: [https://www.marvel.com/comics/issue/2149/new\\_avengers\\_2004\\_8](https://www.marvel.com/comics/issue/2149/new_avengers_2004_8)

A imagem é um quadro horizontal, no qual vemos uma televisão que exibe uma mulher caucasiana, com cabelo loiro contornando o rosto, vestindo um blazer em tom de verde e uma camisa de gola alta branca, ela está sentada e vemos algumas plantas atrás dela e ela afirma:

“E a seguir: aprenda a convencer seu filho de que ele ou ela não é mutante.”

Situações como essas são muito comuns envolvendo os mutantes nos quadrinhos, casos que podemos muito bem trazer para a realidade. Algo que vale a pena observar é a naturalidade com que a mulher na imagem faz sua fala, trazendo de uma forma até meio banalizada. Fala essa que faz retornar a nossa memória toda a discussão que permeou as esferas políticas no Brasil, com relação ao discurso relacionado à chamada “cura gay”, já que até hoje existem alguns setores da sociedade que acreditam que a homossexualidade é uma doença, e por acreditarem que é uma doença, maltratam

<sup>130</sup> *Novos Vingadores* nº 8 (2005), roteiro de Brian Michael Bendis, ilustração de Sal Buscema (1936 – ...) e Steve McNiven (1967 – ...).

aqueles que estão “doentes”, como vemos na *Extraordinários X-Men*<sup>131</sup> em que uma mutante fala sobre a reação dos pais após descobrirem sobre os poderes dela

São meus pais. Depois que [...] meus poderes apareceram, eles mal conseguiram me olhar. Eu acho que eles estão com medo de mim. Meu pai nem mesmo deixou que eu falasse com minha mãe. [...] E depois eles foram embora, eles me deixaram aqui sozinha. (EXTRAORDINÁRIOS X-MEN, 2016, p. 6)

Situação que se assemelha com a forma que algumas famílias lidam com a homossexualidade dos filhos, ignorando e isolando, fazendo com que eles pensem que estão errados por serem quem são, sendo tratados como doenças como podemos ver na imagem abaixo, em que após um grupo cercar uma mutante um dos agressores se refere aos dons mutantes como uma doença e no quadro ao lado como um vírus.



Fonte: [https://www.marvel.com/comics/issue/55433/extraordinary\\_x-men\\_2015\\_1](https://www.marvel.com/comics/issue/55433/extraordinary_x-men_2015_1)

A imagem é dividida verticalmente em dois quadros de tamanhos iguais, no primeiro vemos um cenário mais escuro, com pouca iluminação e uma multidão de militares trajados para combate e de armas em punho, cercando três pessoas, vemos uma mulher e um homem mais a frente, protegendo uma criança, no quadro seguinte, vemos o homem sendo atingido por um golpe de um dos militares e caindo no chão e ao longo dos quadros vemos o seguinte diálogo:

“– Peguem a garota! Não permitiremos que esses mutantes espalhem sua doença aqui! – Um militar afirma

– Não! Ela é só uma criança! Por favor! – A mulher responde

– Cuidado! Os pais devem ser mutantes também! Eles podem ter o vírus X! – Outro militar diz.

Situação semelhante acontece em outra HQ da *Extraordinários X-Men*<sup>132</sup> em que um homem ao agredir um mutante em situação de rua afirma “eu tenho duas meninas. Elas moram naquele prédio. E esse... **bicho** tá sempre rondando por aí, [...]

<sup>131</sup> *Extraordinários X-Men* nº 6 (2016), roteiro de Jeff Lemire, ilustração de Victor Ibanez.

<sup>132</sup> *Extraordinários X-Men* nº 2 (2015), roteiro de Jeff Lemire, ilustração de Humberto Ramos.

de jeito nenhum que eu vou deixar minhas meninas ficarem doentes dessa piada genética” (EXTRAORDINÁRIOS X-MEN, 2015, p. 8), situação que como exposta no parágrafo anterior se assemelha bastante com a questão da homossexualidade, tanto por ser tratada como doença como por existirem pessoas que acreditam que os filhos podem se “tornarem” mutantes ou homossexuais simplesmente pelo convívio com outros mutantes ou homossexuais.

Outra questão que é interessante nessa imagem é perceber todo o contexto em que ela se passa, uma jovem mutante sendo cercada por uma turba raivosa por ela ser diferente, enquanto os pais dela tentam impedir que eles a alcancem, dessa forma percebemos que para além de indivíduos que parecem militares como podemos ver na imagem, existem também várias pessoas que não são militares no meio desse grupo. Problematizando duas questões primeiramente a falta de preparo e também de humanidade dos grupamentos militares quando se deparam com situações como essa, já que deveriam ser defensores da lei e da ordem, mas como podemos ver, só estão a serviço da maioria, proliferando discriminação e preconceito, situação que podemos perceber facilmente no nosso cotidiano.

E a outra questão que fica evidente na página seguinte, que trata com relação ao restante da população que não militares, mas que estão nessa investida contra a jovem mutante, além de percebermos toda a nos rostos e nos gestos toda a raiva que é destinada para alguém que somente é diferente dos demais, percebemos o quão odioso às pessoas são ao ponto de pedirem pelo sangue da jovem mutante, como uma das mulheres raivosas da multidão que afirma “Matem eles! Os genes podres nos infectaram também!” (EXTRAORDINÁRIOS X-MEN, 2015, p. 5), para em seguida após a aparição de uma mutante com o intuito de ajudar a jovem que estava sendo agredida os militares abrem fogo e começam a disparar os fuzis como se estivessem em uma guerra, enquanto o restante do grupo que não é militar exhibe seus pedaços de pau e assiste o tiroteio.

E ainda com relação a todas as agressões que os mutantes sofrem, voltamos ao que já afirmamos anteriormente o uso do termo “mutuna” como forma de agressão verbal, tendo em vista que o termo é usado de forma pejorativa, como podemos perceber na *Extraordinários X-Men*<sup>133</sup> em que um humano afirma “ninguém sabe que tipo de poderes bizarros esses mutunas tem.” (EXTRAORDINÁRIOS X-MEN, 2016, p.

---

<sup>133</sup> *Extraordinários X-Men* nº 7 (2016), roteiro de Jeff Lemire, ilustração de Humberto Ramos.

16), ou ainda como expresso na *Novíssimos X-Men*<sup>134</sup> em que um grupo de homens que passa por um mutante e que após alvejarem-no com uma garrafa, proferem insultos e um deles é “mutuna podre” (NOVÍSSIMOS X-MEN, 2016, p. 8), de modo a vermos o uso do termo “mutuna”, tal como qualquer outra forma pejorativa que exista na nossa sociedade, como “negão” e “viado”, similar ao que vemos na *Fabulosos X-Men*<sup>135</sup> em que vemos uma manifestação de humanos contra os mutantes e após acontecimentos na manifestação, vemos dois cartazes deixados no chão, como vemos na imagem abaixo.

**Figura 14** – Interior da *Fabulosos X-Men* nº 3 (2016).



**Fonte:** [https://www.marvel.com/comics/issue/56051/uncanny\\_x-men\\_2016\\_3](https://www.marvel.com/comics/issue/56051/uncanny_x-men_2016_3)

A imagem é um quadro horizontal na qual vemos duas placas caídas no chão e podemos ler:

- Sem mais mutunas
- Humanos em primeiro lugar

Sendo assim evidenciando o pensamento de humanos com relação aos mutantes, de forma que se torna evidente como é uma relação baseada em ódio, e em preconceito, pois vendo os cartazes percebemos que o primeiro deles prega o fim dos mutantes e o outro prega o engrandecimento da raça humana. Pois, se algo pode explicar a relação que os *X-Men* tem com o mundo que estão inseridos é o bordão criado por Chris Claremont em meados da década de 70, que afirma: “os *X-Men* devem proteger um mundo que os teme e odeia”. Pois, funciona exatamente assim, independente do que os *X-Men* façam eles vão ser odiados por grande parte da sociedade, mesmo que impeçam vilões, solucionem catástrofes e salvem o dia, só fica evidente os erros, a destruição que aconteceu, destruição essa que teria acontecido de qualquer forma, podendo ser bem pior em caso de vitória de super-vilões, situações que se tivessem sido evitadas por praticamente qualquer outro super-herói ou equipe, eles seriam ovacionados, como é expresso na *Fabulosos X-Men*<sup>136</sup> em que após os *X-Men* impedirem uma invasão

<sup>134</sup> *Novíssimos X-Men* nº 9 (2016), roteiro de Dennis "Hopeless" Hallum, ilustração de Mark Bagley.

<sup>135</sup> *Fabulosos X-Men* nº 3 (2016), roteiro de Cullen Bunn, ilustração de Greg Land.

<sup>136</sup> *Fabulosos X-Men* nº 3 (2011), roteiro de Kieron Gillen, ilustração de Carlos Pacheco.



alienígena um deles afirma “Suspeito que os vingadores seriam aplaudidos” (FABULOSOS X-MEN, 2011, p. 22) por serem mutantes acontece o oposto.

Por outro lado, acontece como podemos ver na imagem abaixo, retirada da *Fabulosos X-Men*<sup>137</sup> na qual os mutantes após serem atacados pelos vilões dessa história em quadrinhos, são hostilizados por parte da população, muito embora não fossem culpados da destruição causada pelos atacantes, que foram os únicos responsáveis pela destruição que podemos perceber na imagem, além do destaque para o ódio no semblante das pessoas, além do que é expresso nas palavras já que a fala da mulher está quase integralmente em negrito, que serve para expressar um grito.

Figura 15 – Interior da *Fabulosos X-Men* nº 19 (2014).



Fonte: [https://www.marvel.com/comics/issue/48677/uncanny\\_x-men\\_2013\\_19](https://www.marvel.com/comics/issue/48677/uncanny_x-men_2013_19)

A imagem é um quadro horizontal na qual podemos ver um cenário parcialmente destruído, vemos algumas pessoas ao fundo, além deles uma mulher caucasiana, com cabelo ruivo que contorna o rosto e roupa em tom de cinza e um homem também caucasiano, com cabelo curto, preto com algumas partes grisalhas e bigode de mesma tonalidade do cabelo, vestindo camisa branca e gravata

“– **Em todo lugar que vocês vão, é isso o que acontece!** E é por isso que todo mundo odeia vocês! **Eu quase morri!** – A mulher afirma

– Vão pro inferno, mutante! – O homem afirma”

O ódio contra os mutantes é tanto que acontecem reviravoltas nas vidas de alguns deles como percebemos ao longo da leitura da *Fabulosos X-Men*<sup>138</sup> na qual um jovem herói fica famoso na internet devido ao seu carisma e por conta dessa fama na internet ele é convidado a ir em programas de televisão, é parado na rua por fãs, estampa capas de revistas, tem toda a vida de um pop-star, mas em uma dessas entrevistas é revelado que ele é um mutante, e sem mais nem menos, do dia para noite,

<sup>137</sup> *Fabulosos X-Men* nº 19 (2014), roteiro de Brian Michael Bendis, ilustração de Chris Bachalo.

<sup>138</sup> *Fabulosos X-Men* nº 35 (2015), roteiro de Brian Michael Bendis, ilustração de Kris Anka (1989 – ...).

sem nenhuma manipulação da mídia o de ninguém só com essa revelação, toda a legião de pessoas que o adoravam, passam a odiá-lo e a agredi-lo nas ruas, jogando garrafas de vidro e tijolos nele, só por seu um mutante situação que dada às devidas proporções pode e com certeza já deve ter sido vivenciado por pessoas homossexuais ou transexuais.

E além de não serem reconhecidos pelos acertos, se os vilões forem mutantes como o caso de Magneto, não haverá distinção entre o vilão e os mocinhos, serão tratados do mesmo jeito, o que deixa claro para nós um paralelo com situações em que um indivíduo ou grupo de indivíduos pertencentes a um segmento social minoritário, comete qualquer erro, automaticamente acontece à generalização com todos que se identificam com aquela minoria, situações desse tipo acontecem todos os dias, quando algum homossexual comete algum erro, ou algum negro, da mesma forma como acontecia anos atrás quando o grupo terrorista Estado Islâmico cometia ataques ao ocidente e surgiram muitos opinando utilizando somente o que era falado sobre os atentados afirmando coisas como “esse povo é tudo assim”, generalizando e em vários casos coisificando-os.

No tocante aos mutantes é como expresso na *Fabulosos X-Men*<sup>139</sup>, eles estão acostumados com essa reação “Somos os “X-Men”, o que significa que salvamos pessoas que não são propriamente gratas e nem mesmo pouco respeitadas.” (FABULOSOS X-MEN, 2012, p. 3), vemos isso na imagem abaixo, retirara da *X-Men: Dourados*<sup>140</sup>, na qual podemos ver uma mulher, humana que justifica o uso do termo “aquilo” alegando não saber qual forma correta de se referir aos mutantes. Situação que podemos ver como uma analogia clara com intenção de fazer uma crítica principalmente à questão de pessoas homossexuais e transexuais, além de outros grupos sociais que muitas vezes são rebaixados do conceito de seres humanos, passando pelo processo e coisificação, mencionado acima, como ocorre também na *Novos X-Men*<sup>141</sup> em que é afirmado “não são pessoas [...] são imundos e asquerosos **mutantes**.” (NOVOS X-MEN, 2001, p. 1), e além disso, na imagem também podemos perceber outras questões, primeiro a questão da inocência infantil, pois a criança não julga os mutantes diferentes dela apesar de suas capacidades extraordinárias, sendo ensinada por uma mulher que

---

<sup>139</sup> *Fabulosos X-Men* nº 8 (2012), roteiro de Kieron Gillen, ilustração de Greg Land.

<sup>140</sup> *X-Men: Dourados* nº 1 (2017), roteiro de Marc Guggenheim, ilustração de Ardian Syaf.

<sup>141</sup> *Novos X-Men* nº 115 (2001), roteiro de Grant Morrison, ilustração de Frank Quitely (1968 – ...).



aparenta ser responsável por ela, a tratar os outros com diferença, tanto que percebemos na imagem um pouco de confusão no rosto da menina ao ouvir a mulher falando.

Percebemos também que apesar de terem evitado uma catástrofe os mutantes não são festejados pela população que ali se encontra, na imagem abaixo percebemos mais um homem que tem o semblante totalmente fechado, característica da maioria dos humanos ao se depararem com mutantes, independente dos mutantes terem impedido uma catástrofe, similar a situações do cotidiano em que vemos racistas sendo duros com negros sem nenhum motivo, além da própria mulher que no último quadro da imagem tem uma mistura de raiva e nojo na sua expressão facial

**Figura 16** – Interior da *X-Men: Dourados* nº 01 (2017).



Fonte: [https://www.marvel.com/comics/issue/62719/x-men\\_gold\\_2017\\_1](https://www.marvel.com/comics/issue/62719/x-men_gold_2017_1)

A imagem é dividida verticalmente em três quadros, no primeiro vemos algumas pessoas na rua, dentre elas uma mulher caucasiana, loira com cabelo longo, que veste uma calça jeans e uma camisa num tom de laranja, que fala com uma criança que está ao seu lado olhando-a, a criança é caucasiana e loira, com o cabelo contornando o rosto dela, a mulher está com as mãos nos ombros da criança em sinal de proteção, no quadro seguinte vemos outra mulher, uma mutante, também caucasiana, com cabelo castanho com o céu de fundo, e semblante sério, no último quadro vemos a mulher falando novamente, com semblante mais agressivo que antes e ao longo dos quadros vemos o seguinte diálogo:

– Não fale com “aquilo” – A mulher diz.  
 – Hã? “Aquilo”? – A mutante questiona  
 – Foi mal, “mutante”, ‘homo superior’, “individuo aprimorado”. Nem sei qual é o termo politicamente correto dos dias atuais. – A mulher responde”

Mas na sequencia vem à resposta, já que nos quadros finais a mutante afirma “acho que a palavra que está procurando é “pessoa”. “Ser humano” talvez.” (X-MEN: DOURADOS, 2017, p. 24). O que podemos muito bem relacionar com o que foi trabalhado Todorov (1988), quando o *eu* encontra com o *outro*. Além de trabalhar questões que relacionamos a Karnal (2017) e a Clastres (2014) como a bestialização do sujeito ou mesmo a coisificação dele, já que como mencionamos o ódio é tão forte e a

intolerância é tão presente que é negado aos mutantes à possibilidade de serem humanos, em alguns casos até mesmo de serem pessoas como na imagem anterior de forma que concordamos quando ele afirma:

Quanto maior o medo, maior o racismo. Quanto maior a ignorância, maior o racismo e a violência. Quanto maior a insegurança pessoal, maior o ódio. É uma maneira de eu responder de forma odiosa à incapacidade que tenho de achar minha posição no mundo. Nem todo ataque decorre da inveja do outro, mas todo ataque é fruto do seu medo. Tenho de aprender a odiar. (KARNAL, 2017, p. 47-48)

Sendo essa uma realidade comum em ambos os lados desse conflito, em linhas gerais a relação de humanos e mutantes sempre se deu com base no medo, medo existente de ambos os lados desse conflito, medo do que um pode fazer com o outro, porque humanos tem medo dos poderes mutantes, e mutantes tem medo do que os humanos podem fazer com eles, devido às reações dos humanos diante de qualquer mutante como podemos perceber na imagem abaixo retirada da *Novíssimos X-Men*<sup>142</sup>.

**Figura 17** – Interior da *Novíssimos X-Men* nº 1 (2012).



Fonte: [https://www.marvel.com/comics/issue/43462/all-new\\_x-men\\_2012\\_1](https://www.marvel.com/comics/issue/43462/all-new_x-men_2012_1)

A imagem é dividida horizontalmente em quadros de alturas similares, no quadro de cima vemos vários militares trajados para o combate e de armas em punho cercado uma adolescente que mantém as mãos levantadas e uma expressão de medo no rosto, ela é mutante, é caucasiana, tem cabelos azuis escuros e veste uma camisa vermelha, no quadro seguinte ela se encolhendo e tentando proteger o rosto e a cabeça, enquanto os militares apontam suas armas para a cabeça dela e vemos o seguinte diálogo.

- “– **Você** fez isso? – Um dos militares questiona  
 – Eu não quis... – A mutante responde  
 – Epa! Certo, acho que temos uma **mutante** aqui ou...! – O mesmo militar afirma  
 – Mãos na cabeça. **Agora!** – Outro militar ordena  
 – Por favor, eu não quis... – A mutante responde”

<sup>142</sup> *Novíssimos X-Men* nº 1 (2012), roteiro de Brian Michael Bendis, ilustração de Stuart Immonen.

Na imagem acima temos uma mulher que recém descobriu ser mutante, sendo cercada por policiais com armas enormes em punho apontando para ela, o que faz da “transformação” dela em mutante, que por si só já é algo perturbador, uma situação ainda pior, pois além de assustada com o que ela acabou de descobrir que é, ela ainda se vê cercada por um pequeno exército, apontando armas para a sua cabeça, enquanto ela tenta se proteger daquilo, levantando as mãos para proteger o rosto e a cabeça, levando em conta que a mutante em questão não provocou nenhum tipo de destruição ou representava ameaça que justificasse a truculência dos militares, como expresso na *Fabulosos X-Men*<sup>143</sup> por um mutante:

Se você é mutante, **neste** mundo, você é **culpado** até que se prove o contrário. Se você é **diferente**, se você é **como nós**, eles mandarão **a polícia** [...] eles farão **tudo** o que puderem para te derrubar e só então decidir o que fazer contigo. [...] eu vejo um homem, um homem **uniformizado** com as mãos **em volta da garganta** de um novo mutante que acabou de florescer... eu vejo um homem com uma arma apontada para a cabeça de uma criança. Eu **não** vou permitir que meu povo seja tratado assim! Eu não vou tolerar **isso!** (FABULOSOS X-MEN, 2013, p. 6 – 7)

Sendo assim, tanto a imagem quanto a citação fazem uma clara referência à situação que pessoas negras enfrentam por todo o planeta, passam por situações semelhantes ao que é expresso na citação, sendo acima de qualquer coisa considerados culpados independente do que aconteça. Por vezes o ódio e a intolerância tendem a ser sem sentido, compreendemos o medo das pessoas comuns diante das capacidades incomuns dos mutantes, mas um dos erros dos ódio e da intolerância é a generalização, ao colocar todos os indivíduos de um mesmo grupo como se fosse uma massa amorfa e acéfala, que é o que normalmente ocorre, mas dentro do universo dos mutantes fica mais clara ainda como essa generalização é um erro. Tendo em vista que entendemos que existem mutantes com capacidades perigosas, mas existem aqueles com capacidades que não oferecem nenhum risco ou nenhuma letalidade, mas que são tratados com o mesmo ódio, mesmo preconceito, mesma intolerância dos outros mutantes que possuem capacidades letais, sem haver nenhuma distinção, algo que nesse ponto valida ainda mais o argumento de Magneto, pois se um mutante que não fez nada de errado e que nem tem a capacidade de fazer algo de errado é culpado pelas falas e ações de todos os outros mutantes, essa é uma situação no mínimo revoltante, sendo algo que ocorre constantemente nos quadrinhos e na nossa sociedade como um todo.

---

<sup>143</sup> *Fabulosos X-Men* nº 3 (2013), roteiro de Brian Michael Bendis, ilustração Chris Bachalo.

Embora devido a sua genética os mutantes possuam capacidades extraordinárias, que os humanos não possuem, isso não significa nada, porque as capacidades dos mutantes tanto podem ser utilizadas para o mal quanto para o bem, como qualquer outra coisa na vida, até mesmo os humanos que mesmo os mutantes possuindo uma vantagem genética, em várias histórias em quadrinhos os humanos conseguem promover verdadeiros genocídios contra os mutantes, sem contar todo tipo de injustiças como as que são expressas na *X-Men: Vermelhos*<sup>144</sup> em que uma mutante discursa na ONU e afirmar: “Há países aqui representados onde é legal o aprisionamento de mutantes sem acusação formal. Há países onde é legal **matar** qualquer um **suspeito** de ser um mutante” (X-MEN: VERMELHOS, 2018, p. 24) expondo a realidade dos mutantes.

E com relação a todas as tentativas da humanidade de exterminá-los como espécie, podemos ver na HQ *X-Men: Dias de um futuro esquecido*<sup>145</sup>, que apresenta ao leitor um futuro distópico, no longínquo ano de 2013 em que os seres humanos conseguiram subjugar a população mutante do mundo utilizando robôs gigantes chamados sentinelas que recebem esse nome em homenagem aos guerreiros de antigas civilizações que eram responsáveis por proteger as cidades e as vilas, na *X-Men: Azuis*<sup>146</sup> temos uma apresentação simples do que são as máquinas sentinelas e qual o propósito de sua criação “**Sentinelas** famosas por **matarem mutantes**. Os X-Men lutaram com eles por anos. [...] Pude sentir o **ódio** neles. Ódio de alguém que os **criou** para matar pessoas como nós.” (X-MEN: AZUIS, 2017, p. 7 – 8) ou ainda como expresso na *Novíssimos X-Men*<sup>147</sup> por uma mutante “Sentinelas são inteligências artificiais caçadoras de mutantes programados para localizar mutantes para capturar ou matar.” (NOVÍSSIMOS X-MEN, 2013, p. 3). E ainda com relação aos feitos das sentinelas na *Fabulosos X-Men*<sup>148</sup> o próprio Magneto afirma, “sentinelas assassinaram dezesseis milhões de mutantes” (FABULOSOS X-MEN, 2016, p. 16) um verdadeiro massacre, de forma que além das sentinelas, muitos seres humanos se especializam em caçar e matar mutantes.

---

<sup>144</sup> *X-Men: Vermelhos* nº 1 (2018), roteiro de Tom Taylor, ilustração de Mahmud Asrar.

<sup>145</sup> *X-Men: Dias de um futuro esquecido* (1982), roteiro de Chris Claremont, ilustração de John Byrne (1950 – ...).

<sup>146</sup> *X-Men: Azuis* nº 3 (2017), roteiro de Cullen Bunn, ilustração de Jorge Molina e Ray-Anthony Height (1974 – ...).

<sup>147</sup> *Novíssimos X-Men* nº 9 (2013), roteiro de Brian Michael Bendis, ilustração de Stuart Immonen.

<sup>148</sup> *Fabulosos X-Men* nº 3 (2016), roteiro de Cullen Bunn, ilustração de Greg Land.

Ao longo da leitura da HQ *Extraordinários X-Men*<sup>149</sup>, vemos um grupo composto de três homens que capturam dois mutantes e os levam para o interior de uma floresta onde pretendiam assassina-los, esses dois mutantes são salvos, mas logo em seguida revelam a cena exposta na imagem abaixo, uma vala comunitária onde dezenas, talvez até mesmo centenas de corpos de mutantes estão depositados, demonstrando assim a capacidade destrutiva dos seres humanos, já que somente três seres humanos com algumas armas foram capazes de ceifar tamanha quantidade de vidas, situação que assemelha bastante a das inúmeras vítimas dos campos de concentração nazistas durante a segunda guerra, além de ser uma referência que consideramos proposital, já que esses acontecimentos ocorrem na própria Alemanha e que grande parte dos artistas relacionados às histórias em quadrinhos de super-heróis tem origem judaica.

**Figura 18** – Interior da *Extraordinários X-Men* nº 7 (2016).



Fonte: [https://www.marvel.com/comics/issue/55439/extraordinary\\_x-men\\_2015\\_7](https://www.marvel.com/comics/issue/55439/extraordinary_x-men_2015_7)

A imagem é um quadro vertical, feita em tons escuros de azul e preto na qual vemos um grande buraco cavado no chão e dentro dele, várias dezenas de mutantes assassinados.

E ainda com relação às referências com relação à situação dos mutantes ser comparada aos acontecimentos realizados pelos nazistas temos o que é expresso na *Fabulosos X-Men*<sup>150</sup> em que uma mutante afirma “Agência do governo que transformou sua casa num campo de concentração e estacionou robôs assassinos no seu gramado” (FABULOSOS X-MEN, 2019, p. 42), expondo que a perseguição que os mutantes sofrem, ocorre não só por parte da população, mas também por parte do governo,

<sup>149</sup> *Extraordinários X-Men* nº 7 (2016), roteiro de Jeff Lemire, ilustração de Humberto Ramos.

<sup>150</sup> *Fabulosos X-Men* nº 11 (2019), roteiro de Matthew Rosenberg, ilustração de Juanan Ramirez, Salvador Larroca e John McCrea.



similar ao que aconteceu com os integrantes dos grupos perseguidos pelo terceiro reich. De modo que na *X-Men*<sup>151</sup> o próprio Magneto faz várias relações com a situação dos mutantes e acontecimentos históricos que a humanidade infligiu a ela mesma, acontecimentos esses que tem sua gênese na intolerância.

Olhem o que vocês fizeram a si mesmos. Milhões de índios norte-americanos foram expulsos de suas terras. Sua população foi **dizimada** por doenças trazidas por colonizadores arrogantes. Milhões de africanos foram **comprados e vendidos** na suposta “terra da liberdade”. Seis milhões de humanos morreram em um holocausto... castigados pelo crime de serem **diferentes**. [...] embora o motivo de tamanha violência possa se justificar na religião, cor de pele, sexualidade, disputa de terras... ou na simples variação de um DNA [...] não permitirei que os mutantes sofram assim. Se for preciso erradicar a humanidade para proteger a minha raça... assim o farei. [...] eu não **comecei** esse conflito. Mas vou encerrá-lo. (X-MEN, 2001, p. 14)

Deixando claro que a humanidade tem motivos para se preocupar com a situação mutante e com a forma como tratam os mutantes, porque mais do que tudo a fala de Magneto foi uma declaração de guerra à humanidade, que como se não bastasse todo o uso de tecnologias no extermínio de mutantes, temos o que é exposto na *Fabulosos X-Men*<sup>152</sup> por uma mutante recém resgatada de uma instalação do governo que expõe “Eles estão tentando transformar mutantes em armas para seus próprios propósitos. Estão tentando nos usar uns contra os outros” (FABULOSOS X-MEN, 2019, p. 12), expondo que além das sentinelas os humanos estão disposto a atrocidades para exterminar os mutantes, ressaltando também um pouco da hipocrisia, por odiarem os mutantes, mas se tornarem dependentes deles na hora de exterminar toda a raça, como expresso na *Carrascos*<sup>153</sup> em que um agente do governo russo afirma “Os mutantes servem ao estado ou serão esmagados como as pessoas insignificantes que são” (CARRASCOS, 2019, p. 16), e essa atitude de usar os mutantes para caçar outros mutantes, é algo que podemos relacionar com o que acontecia na época do Brasil império, em que eram muitas vezes utilizados escravizados para caçar os escravizados que fugiam para os quilombos, situação que se assemelha ainda mais com a situação dos mutantes, pois a citação anterior é feita no contexto em que os *X-Men* estão construindo um refúgio em uma ilha nação e abrindo para todos os mutantes, ou seja, assim como os negros com os quilombos, os mutantes tem a sua ilha paraíso, que não é reconhecida por todos os países do mundo como um território soberano e que é alvo de estratégias humanas visando a sua destruição. Perseguição que no caso dos mutantes não era

<sup>151</sup> *X-Men* nº 111 (2001), roteiro de Scott Lobdell, ilustração de Leinil Francis Yu.

<sup>152</sup> *Fabulosos X-Men* nº 12 (2019), roteiro de Mattew Rosenberg, ilustração de Salvador Larroca.

<sup>153</sup> *Carrascos* nº 1 (2019), roteiro de Gerry Duggan (1973), ilustração de Matteo Lolli.

abrandada nem diante do extermínio dos mutantes como podemos ver expresso na *Fabulosos X-Men*<sup>154</sup> na qual um grupo de mutantes afirma

Mesmo com os mutantes a beira da **extinção**... esses tolos criam **armas** para nos matar... **acabar** o trabalho. [...] eles criaram tanques utilizaram pequenas partes de tecnologia **sentinela** para criar novas **maquinas assassinas**. Tais armas foram criadas para nos destruir (FABULOSOS X-MEN, 2016, p. 5 – 6)

Promovendo um verdadeiro massacre dos mutantes por parte da humanidade, questão que pode ser relacionada com o que foi exposto anteriormente no primeiro capítulo desse trabalho, com relação à forma que exploradores espanhóis lidaram com os nativos americanos ao se depararem com eles, fazendo uso da sua tecnologia mais avançada para massacrar tais povos em combate, tendo suas justificativas baseadas unicamente no choque de culturas e na falta de capacidade de lidar com aqueles que são diferentes deles, sendo via de regra esse o princípio de todas as guerras ao longo da história, a falta de capacidade de lidar com o diferente de maneira amistosa, de modo a se fazer necessário o conflito, e como podemos perceber na citação anterior, os esforços na tentativa de uma supremacia por uma das partes desse conflito, similar ao que aconteceu na primeira e segunda guerras mundiais em que cientistas se dedicam e se esforçam para aprimorar as formas de matar pessoas.

Como na afirmação que vemos na *Fabulosos X-Men*<sup>155</sup> em que um grupo de mutantes ataca um laboratório com intuito de matar os cientistas e destruir suas pesquisas e um desses mutantes afirma “Eles tão criando uma vacina pra apagar mutantes. [...] estão tentando apagar mutantes da face da terra” (FABULOSOS X-MEN, 2018, p. 12), além do que é exposto em seguida por um humano

Quantas vezes mais vamos assistir essa cidade ser destruída por mutantes? Eles são armas de destruição em massa andando entre nós. [...] Pode ser tarde demais para eles, mas para nossas crianças [...] Podemos impedir que se tornem essas armas de destruição em massa. [...] Podemos dar a eles vidas normais se tal vacina existisse [...] tal vacina **já** existe. (FABULOSOS X-MEN, 2018, p. 17 – 18)

Tornando ainda mais evidente o fato de que a mutandade é vista como uma doença pelos seres humanos, buscando formas de acabar com ela, e ainda o fato de afirmarem com todas as letras que os mutantes não são normais, e que querem acabar com os mutantes.

<sup>154</sup> *Fabulosos X-Men* nº 11 (2016), roteiro de Cullen Bunn, ilustração de Greg Land.

<sup>155</sup> *Fabulosos X-Men* nº 1 (2018), roteiro de Matthew Rosenberg, Kelly Thompson e Ed Brisson, ilustração de Mahmud Asrar, Mirko Colak, Mark Bagley e Ibraim Roberson.

Sendo assim, na imagem abaixo retirada da *Fabulosos X-Men*<sup>156</sup> fica ainda mais evidente a relação que podemos fazer entre os mutantes e os homossexuais, podemos facilmente relacionar com algo que já mencionamos ao longo desse capítulo, a chamada “cura gay” que tinha em seu propósito o que é explícito pelo seu nome, tratar a homossexualidade como doença de modo que a proposta era que ela fosse curada, relação essa que fica mais clara quando ao longo da leitura percebemos que as manifestações de apoio à vacina continuam e numa delas vemos a imagem acima que traz um cartaz com a afirmação “meu filho, minha escolha” (FABULOSOS X-MEN, 2018, p. 11), além de toda a raiva que podemos perceber nas expressões faciais das pessoas, que podemos facilmente relacionar com o que é chamado de “doutrinação homossexual” por setores da sociedade, que tratam a homossexualidade, hora como doença, hora como escolha, e no contexto dos mutantes, cabe a eles impedirem que esse genocídio aconteça, já que dentro dessa situação não demoraria para que essa vacina fosse adaptada como arma<sup>157</sup> contra mutantes, fato que posteriormente acontece.

**Figura 19** – Interior da *Fabulosos X-Men* nº 5 (2018).



**Fonte:** [https://www.marvel.com/comics/issue/71462/uncanny\\_x-men\\_2018\\_5](https://www.marvel.com/comics/issue/71462/uncanny_x-men_2018_5)

A imagem é um quadro vertical, no qual vemos uma manifestação contra mutantes, diversas pessoas com semblante agressivo exibem placas, na única placa que conseguimos ler está escrito “Meu filho, minha escolha”

Sendo assim, diante desse e de tantos outros acontecimentos com os mutantes em geral alguns deles, tendem a revidar os golpes que sofrem, como podemos ver na

<sup>156</sup> *Fabulosos X-Men* nº 5 (2018), roteiro de Matthew Rosenberg, Kelly Thompson e Ed Brisson, ilustração de R.B. Silva.

<sup>157</sup> Como acontece no enredo do filme *X-Men: O confronto final* (2006).



*Fabulosos X-Men*<sup>158</sup> em que um desses mutantes afirma durante um ataque realizado a uma manifestação antimutante “Permita que aqueles que nos temem e odeiam vejam uma vez mais a retribuição do ódio que eles semearam.” (FABULOSOS X-MEN, 2016, p. 11), fazendo alusão aos movimentos mais radicais que surgem diante do massacre sofrido por minorias, como grupos radicais que pregam uma versão deturpada do que deveria ser o feminismo.

E como se não bastasse à capacidade destrutiva dos seres humanos somente em posse de armas de fogo, na *Novíssimos X-Men*<sup>159</sup> descobrimos outros avanços científicos na tentativa de extermínio dos mutantes quando uma das vilãs da história em quadrinho afirma: “meus colegas e eu estamos trabalhando em uns experimentos interessantes. Começamos a trabalhar em um processo que eliminaria o gene mutante” (NOVÍSSIMOS X-MEN, 2014, p. 10), ou seja, por meio de sentinelas, ou de qualquer outro tipo de experimento possível, de certa forma o destino dos mutantes foi selado pela humanidade, pois os mutantes se tornaram uma espécie em extinção graças às investidas dos humanos, como é expresso na *Fabulosos X-Men*<sup>160</sup> por um dos pupilos de Charles Xavier

Nós lutamos por eles nos **odeiam!** Nós lutamos ao lado deles e eles mataram nossas crianças nas ruas! Nos mudamos para uma ilha e eles a **Destruíram!** [...] nós deveríamos ser o próximo estágio da evolução humana, porém nos tornamos uma **espécie em extinção!** (FABULOSOS X-MEN, 2015, p. 12)

Dessa forma no contexto da HQ *X-Men: Deus ama homem mata* os mutantes sofreram muito, pois, com as máquinas de destruição feitas pelos humanos e nos combates que sucederam, os mutantes tiveram diversas percas, muitos sendo mortos em combates, outros tantos em ataques desesperados na tentativa de escapar dessa tirania, e alguns outros sendo mortos em tentativas de fugas dos campos de concentrações em que os mutantes são obrigados a viver.

O que fica claro quando percebemos na imagem abaixo lapides com nomes de vários mutantes que já mencionamos. E ao observamos as lapides percebemos o nome de Charles Xavier entre elas e na continuação da leitura, percebemos que Magneto continua vivo, mesmo após tantos conflitos, mesmo tento em mente que essas histórias são feitas por pessoas e elas escolhem os elementos que apareceram e que serão utilizados pelo roteiro, de forma que não estamos fomentando violência, mas nos faz

---

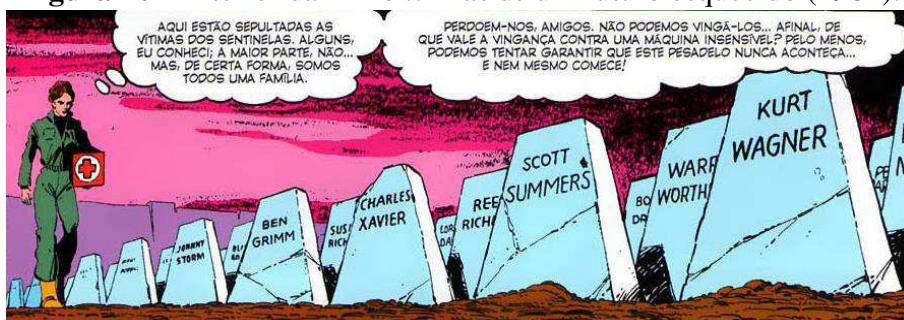
<sup>158</sup> *Fabulosos X-Men* nº 12 (2016), roteiro de Cullen Bunn, ilustração de Greg Land.

<sup>159</sup> *Novíssimos X-Men* nº 21 (2014), roteiro de Brian Michael Bendis, ilustração de Stuart Immonen.

<sup>160</sup> *Fabulosos X-Men* nº 32 (2015), roteiro de Brian Michael Bendis, ilustração Chris Bachalo.

refletir também sobre a eficácia dos modos de lidar com a intolerância, pois enquanto Charles Xavier sendo pacifista, não conseguiu impedir que o mundo se tornasse um lugar intolerante e nesse processo de transformação do mundo ele foi morto, Magneto por outro lado, agia de maneira mais agressiva e da mesma forma não conseguiu impedir o genocídio sofrido pelos mutantes, mas permaneceu vivo, podendo lutar mais um dia, para tentar livrar sua espécie da extinção total e por outro lado percebemos na imagem retirada da *Novíssimos X-Men* em que fica expresso claramente os desejos de Magneto, como seriam as relações entre humanos e mutantes se os mutantes estivessem no poder.

**Figura 20** – Interior da *X-Men*: Dias de um futuro esquecido (1982).



Fonte: [https://www.marvel.com/comics/issue/12460/uncanny\\_x-men\\_1963\\_141](https://www.marvel.com/comics/issue/12460/uncanny_x-men_1963_141)

A imagem é um quadro horizontal, em que vemos uma mutante caucasiana, vestindo um macacão verde, com sapatos em um tom de amarelo, carregando uma pequena caixa quadrada em uma das mãos, a caixa é vermelha e possui um círculo branco e dentro do círculo uma cruz vermelha, ela caminha enquanto o sol se põe com um céu em um tom de vermelho, enquanto anda ela passa ao lado de lapides de pedra, em formato de trapézio, nas quais podemos ler o nome de vários mutantes e enquanto caminha a mutante pensa “Aqui estão sepultadas as vítimas dos sentinelas. Alguns eu conheci; a maior parte, não... mas, de certa formas, como todos uma família. Perdoem-nos, amigos. Não podemos vingá-los... afinal, de que vale a vingança contra uma máquina insensível? Pelo menos, podemos tentar garantir que este pesadelo nunca aconteça... e nem mesmo comece!”

Na imagem abaixo podemos ver claramente o que Magneto acredita que é o destino da humanidade, ser sobrepujada pelos mutantes, já que a personagem de destaque da imagem, a mulher ruiva é uma mutante, sentada num trono composto de pessoas, todas elas com vestimentas aos trapos, além de toda a sujeira já que percebemos vários fluidos corporais ao longo dos corpos deles, sujeira, suor e principalmente sangue, e ainda percebendo que além dos que compõem o trono existem vários outros colocados de joelhos em posição de devoção, com as roupas tão destruídas quanto os que compõem o trono, sem contar toda a destruição no plano de fundo, prédios tombados, todo o fogo e fumaça que compõem a imagem do reinado dos mutantes, sendo essa uma constante, a destruição já que na *Novíssimos X-Men* os mutantes foram vitoriosos por sobre a humanidade, mas causaram toda a destruição que

podemos ver na imagem e na *X-Men: Deus ama homem mata* os humanos foram vitoriosos e a destruição, também é presente.

**Figura 21** – Interior da Novíssimos *X-Men* nº 25 (2014).



Fonte: [https://www.marvel.com/comics/issue/48528/all-new\\_x-men\\_2012\\_25](https://www.marvel.com/comics/issue/48528/all-new_x-men_2012_25)

A imagem é um quadro vertical, em que vemos uma mutante caucasiana de cabelos ruivos, sentada num trono formado de humanos, eles compõem o acento, encostos e braços da cadeira, atrás do trono podemos ver várias outras pessoas curvadas, muito fogo e fumaça, além de prédios destruídos

Percebemos também ao longo da leitura da *X-Men: Deus ama homem mata* o quão desgastante se torna para todos uma vida em que a intolerância é legitimada, pois, além dos mutantes estarem sendo exterminadas a cada dia que passa como se fossem pragas em um plantação, percebemos que os humanos também não se deram bem após todo esse conflito, ao longo da história percebemos um clima semelhante ao da grande depressão, além de percebemos toda a destruição do mundo e das cidades. No contexto dessa história em quadrinho específica, percebemos uma mensagem que consideramos interessante, que quando a intolerância e o ódio são praticados, não existem vencedores ou perdedores, todos perdem como é expresso nessa mesma HQ que vemos que o futuro é um lugar terrível tanto para humanos quanto para mutantes, um mundo de destruição e de caos, em que as leis são feitas unicamente para regulamentar a existência de mutantes ou de futuros mutantes.

Na América do norte de 2013, há três classes de pessoas: “H”, os humanos comuns... desprovidos de genes mutantes, com permissão de procriar. “A”, os humanos anômalos... pessoas normais que possuem potencial genético mutante... proibidos de procriar. “M”, os mutantes, a casta social mais baixa. Transformados em párias e proscritos pela lei de controle de mutantes de 1988. Perseguidos e, com poucas e raras exceções, mortos sem piedade. Nos vinte e cinco anos desde a sanção da lei, milhões morreram. Esses tiveram sorte. (*X-Men: Dias de um futuro esquecido*, 1982, p. 5)

Deixando exposta uma das possibilidades que ocorre quando é seguido caminho da intolerância como modo de agir e reger toda uma sociedade, quando a intolerância passa a ser algo estrutural de uma sociedade, como acontece na própria América do Norte no período da segregação racial, sendo esse um paralelo interessante feito pela história em quadrinho. E na *Novíssimos X-Men*<sup>161</sup> ainda percebemos algo que acrescenta na analogia com relação aos mutantes serem as minorias da nossa sociedade quando é afirmado “Não quero parecer racista, mas... **qual é** a de vocês? [...] que essa merda mutante fique na surdina. Guardem para si mesmos.” (NOVÍSSIMOS X-MEN, 2014, p. 13) ou como expresso em outra edição da *Novíssimos X-Men*<sup>162</sup> em que uma humana afirma “Não que eu seja racista ou coisa parecida, eu sei que as pessoas não podem evitar ser mutantes, mas [...] se é assim que eles preferem agir, prefiro que sejam todos trancados.” (NOVÍSSIMOS X-MEN, 2015, p. 11), alegações que se assemelham muito ao que já virou uma espécie de bordão de quem é intolerante, quando dizem algo como “Não sou homofóbico, tenho até amigos que são” ou ainda na segunda parte da primeira citação “eu não tenho problema com ele ser o que é, só não precisa ser em público” frase que também é bastante repetida por homofóbicos.

Restando infelizmente para poucos seguirem o caminho da tolerância, como expresso na *X-Men: Dourados*<sup>163</sup> na qual é feita uma retomada do que aconteceu anteriormente nas histórias do título, chegando ao que foi exposto ainda nesse tópico, quando em uma nova situação os mutantes encontram com a mulher que se referiu a eles usando o termo “aquilo”, mas em situação diferente, em situação que ela demonstrou aprendizado, trazendo uma mensagem com teor totalmente diferente da sua primeira aparição, onde ela afirma “Eu cai na real, eu parei de ter medo e ódio, nem mutantes, nem mesmo heróis, só pessoas.” (X-MEN: DOURADOS, 2018, p. 20) mostrando algo que pode acontecer tanto no universo *Marvel* como no nosso universo um processo de conscientização, de forma que esse acontecimento está promovendo como já pontuamos, um aprendizado, assim como o discurso exposto na *Novos Mutantes*<sup>164</sup> que afirma:

Quem sou eu? Uma quatro-olhos, magrela, fedelha, esquisita da escola do Xavier? Não gostaram das palavras? Eu já ouvi piores! Vocês também! Normalmente reagimos a elas, xingamos, brigamos! O problema é que quando chamaram Larry Bodine de mutuna, a dor foi grande... porque ele era

<sup>161</sup> *Novíssimos X-Men* n° 34 (2014), roteiro de Brian Michael Bendis, ilustração de Mahmud Asrar.

<sup>162</sup> *Novíssimos X-Men* n° 1 (2015), roteiro de Dennis "Hopeless" Hallum, ilustração de Mark Bagley.

<sup>163</sup> *X-Men: Dourados* n° 36 (2018), roteiro de Marc Guggenheim, ilustração de Pere Perez.

<sup>164</sup> *Novos Mutantes* n° 45 (1983), roteiro de Chris Claremont, ilustração de Jackson Guice (1961 – ...).

um! [...] Ele só queria ser aceito pelos colegas! Não é o que todos queremos? Alguns de nós com sorte...têm alguém em quem se apoiar! Larry não tinha! escondia seu segredo, morrendo de medo de ser descoberto! [...] Se queremos aprender alguma coisa com a morte de Larry, deve ser isso! Querem saber quem eu sou? Katherine Pryde! É só o que interessa! O resto é rotulo! (NOVOS MUTANTES, 1983, p. 25)

Discurso esse feito com o intuito de rebater o bullying trabalhado ao longo da história, mas sendo o bullying uma questão relacionada ao ódio e a intolerância se mostra um discurso totalmente em prol da tolerância, dando indícios de como deveríamos agir diante de tais situações. Tendo em vista que ao longo do texto expusemos as mais diversas situações relacionadas à intolerância e como suas práticas perpassam as várias décadas de forma que apontamos para a intolerância com os negros que acontecia nos Estados Unidos da América e que também era presente em grande parte do mundo, além de todas as questões pertinentes a mulheres, homossexuais e transexuais que apontamos que remetem a décadas passadas, além da própria intolerância que os quadrinhos sofriam na década de 50 e nas subsequentes, sendo assim expondo algo que percebemos em Todorov quando esse expõe a relação de Colombo com os nativos que encontra em sua jornada para a América, a diminuição, tornando-os seres inferiores visando dessa forma o enfraquecimento deles diante da sua figura, sendo ele na visão de Colombos inferiores por terem uma cultura diferente da dele, cultura essa que Colombo não conhece e nem demonstrar interesse em conhecer segundo o que percebemos da escrita de Todorov, situação que é a mesma que os mutantes dentro do universo Marvel, pois os humanos tendem a diminuir os mutantes, tratando-os como seres inferiores, e muitas vezes tratando como perigosos de forma a justificar as agressões que eles infligem aos mutantes.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Se algo pode ser tirado de tudo que foi trabalhado, além de tudo que foi discutido ao longo das várias páginas dele, é o questionamento de: até onde iremos se continuarmos sendo tão intolerantes? Pois, algo que consideramos inconcebível é alguém ser julgada menor ou inferior aos outros pela cor de sua pele, pela genitália que carrega entre as pernas, pela pessoa que ama, pela crença que profere ou por suas limitações físicas ou psicológicas, restando assim à reflexão de algo que temos que buscar o quanto antes, a evolução enquanto indivíduo, para que possamos evoluir enquanto povo e enquanto espécie, pois somos sim muito violentos, em vários pontos não havendo distinção entre as nossas formas de lidarmos com os outros e as formas que povos antigos que hoje muitos consideram bárbaros lidavam com os diferentes, os anos passaram mas continuamos violentos, devemos mudar isso.

É inegável que de modo geral tivemos alguns avanços, mas em várias outras situações ainda precisamos evoluir muito, de modo que estamos muito longe de sermos tolerantes, não ficando apáticos diante de atrocidades, pois, já que é algo que está se tornando coisa do cotidiano, é só mais uma morte por crime de ódio, é só mais um gay que foi morto porque o pai não o aceitava como era, é só mais uma terça feira, mas isso não pode continuar assim, não podemos continuar apáticos diante de tudo isso.

Ao longo das páginas desse trabalho vimos toda uma discussão baseada no uso de histórias em quadrinhos dos *X-Men* para realizar o debate com relação à tolerância, em que estipulamos as três relações que mais acontecem nas histórias escolhidas com relação à intolerância, de modo a fazer um paralelo com a sociedade que vivemos, mostrar como essas histórias ficcionais e fantasiosas corroboram e muito com o pensamento de que somos sim muito intolerantes mas que podemos caminhar na direção de sermos uma sociedade mais tolerante.

De modo que se pegarmos as histórias em quadrinhos, como uma distopia ou mesmo para serem utilizadas como construção de um provável futuro próximo ou mesmo distante, percebemos que se continuarmos no caminho que estamos seguindo, o caminho da intolerância, caminharemos para nossa destruição, ou como é colocado por acadêmicos que trabalham momentos de tensões históricas, causando assim uma “destruição mútua assegurada”, pois como expusemos, na HQ *X-Men: Dias de um futuro esquecido*, diante de tamanha intolerância a sociedade como a conhecemos é completamente destruída, além de que os ambientes estão totalmente caóticos, já que as

idades e os países estão em frangalhos, e todos são forçados a viver nesse cenário completamente destruído, por terem escolhido no passado o caminho da intolerância, do ódio e da perseguição ao diferente.

Mesmo sendo considerada só uma história em quadrinhos, sem nenhum caráter premonitório, cabe a nós refletir sobre tais questões que nos são apresentadas, somos levados a refletir sobre os caminhos que uma sociedade pode seguir, dependendo de como ela lida com o diferente que querendo ou não está contido na sua sociedade. Estamos vivendo um momento em que a todo instante estão havendo polarizações, discussões agressivas e embates físicos, mas estão deixando de lado algo que poderia acabar facilmente com qualquer um desses entraves citados: o diálogo, a oportunidade de lugar para o outro possa se expressar de maneira argumentativa.

Mas não somente dando espaço para o diálogo, mas havendo de ser investido em educação, pois consideramos que havendo espaço para o diálogo, em muitos casos, provavelmente na grande maioria deles esse espaço para diálogo pode ser utilizado somente para proliferar mais intolerâncias, como por exemplo um racista tomando o espaço para afirmar absurdos, delegando a uma pessoa negra o espaço que é inferior a uma pessoa branca, vemos isso todos os dias durante a pandemia do Covid-19 representantes do governo e da mídia falando absurdos relacionados a toda a situação global em vários desses momentos destilando ódio, intolerância e preconceito, principalmente com relação à origem do vírus e em sequência a origem da vacina, sendo assim tornando a educação, o único caminho que consideramos viável para termos uma sociedade mais tolerante, pois, pessoas tem ideias diferentes, leis podem ser criadas, como aconteceu com a escravidão em todo o mundo, a segregação racial nos Estados Unidos da América e o apartheid sul-africano, mas somente a educação é disruptiva e questionadora, sobretudo quando se trata da educação de crianças que em geral ainda não possuem a maldade que o adulto possui.

Sendo assim, devíamos dialogar mais, com o intuito de aprender, para que dessa forma pudéssemos evoluir como pessoas e como sociedade, tratar as pessoas pelo que elas são, independente das diferenças e do que elas aparentam ser, porque as pessoas são mais do que a cor da pele, o gênero, a sexualidade, a religião, a cultura em que está inserido, as pessoas são indivíduos que respondem por suas ações não pelos atos de todo um coletivo. Além de como mencionamos, ficamos atentos aos velhos discursos que surgem com novas roupagens, discursos intolerantes, preconceituosos e de ódio e

figuras que pregam esses discursos são perigosas, pois a história já viu até onde pode ir a maldade humana, evitar esses discursos, combatê-los e sobretudo trabalhar em prol da educação é uma forma de trabalhar e de combater a intolerância dentro da sociedade.

E uma forma que podemos trabalhar com relação a essa temática pode muito bem ser as histórias em quadrinhos dos *X-Men*, mostrar o quanto a intolerância contra um grupo é prejudicial, não só para o grupo, mas para toda a sociedade, sem mencionar o quanto é errada, mas ainda também nos cabe deixarmos de ser tão apáticos, cobrar mais dos órgãos responsáveis que seja feita justiça, para que a impunidade não sirva como um potencializador de tais atitudes intolerantes, para que dessa forma possamos contribuir para que os erros do passado não se repitam no futuro, mas que também devemos estar cientes e sermos responsáveis, pois tudo o que fazemos influencia algo ou alguém, de maneira que pode ser positiva ou negativamente, ainda que seja direta ou indiretamente, assim como a luta por direitos civis nos Estados Unidos da América, e toda a questão racial da época influenciou o surgimento dos *X-Men*, nós – assim como eu – também podemos ser influenciados pelos *X-Men* sendo assim podemos aprender com as aventuras e situações nas quais estão inseridos, cabendo a nós escolhermos de que lado da história em quadrinhos queremos ficar, do lado daqueles que caçam os mutantes por serem diferentes, ou dos que lutam para proteger os diferentes que são perseguidos pela maioria, de modo que nossa escolha com relação a nossa torcida e o nosso apoio dentro das histórias em quadrinhos podem muito bem transpor as barreiras dos quadrinhos e surgirem na nossa frente no cotidiano, quando apoiamos ou não a luta das chamadas minorias, questão essa que pode ser iniciada nas histórias em quadrinhos, pois, algo que já sabíamos, mas que foi confirmado após todas as leituras realizadas na confecção desse trabalho é que nunca foram somente histórias.



## REFERÊNCIAS

### OBRAS ACADÊMICAS

- Assembleia Geral da ONU. (1948). Declaração Universal dos Direitos Humanos. Paris. Disponível em: <<https://www.unicef.org/brazil/declaracao-universal-dos-direitos-humanos>>. Acessado em: 08 de jun. de 2020;
- Assembleia Geral da UNESCO. (1995). Declaração de princípios sobre a tolerância. Paris. Disponível em: <<https://www.oas.org/dil/port/1995%20Declara%C3%A7%C3%A3o%20de%20Princ%C3%ADpios%20sobre%20a%20Toler%C3%A2ncia%20da%20UNESCO.pdf>>. Acessado em: 08 de jun. de 2020;
- BLAKEMORE, Erin. As Leis Jim Crow Criaram ‘Escravidão com Outro Nome’. **National geographic**, 2020. Disponível em: <<https://www.natgeo.pt/historia/2020/02/leis-jim-crow-criaram-escravidao-com-outro-nome>>. Acessado em: 12 de ago. de 2020;
- BRÍGIDO, Edimar. Tolerância, o apanágio da humanidade. **Gazeta do povo**, 2018. Disponível em: <<https://www.gazetadopovo.com.br/opiniao/artigos/tolerancia-o-apanagio-da-humanidade-122ae33403arcv93f0jlf0fm/>>. Acessado em: 08 de jun. de 2020;
- CAMPOS, Jeferson. X-Men e a alegoria da luta dos direitos humanos dos negros e a “heroicidade” de Martin Luther King e Malcolm X. Revista Eletrônica da FEATI, v. 1, n. 12, 2016. Disponível em: <<https://feati.com.br/wp-content/uploads/2021/06/Revista-Eletronica-1o-de-2016.pdf>>. Acessado em: 21 de set. de 2021;
- CHARTIER, Roger. A História Cultural entre práticas e representações. 2ª edição. DIFEL, Portugal, 2002.
- CLASTRES, Pierre. A sociedade contra o estado. São Paulo: Cosac Naify, 2014;
- FERNANDES, Laís Cerqueira. Eu tenho um sonho e não estou sozinha: Ecos da história na ficção. Juiz de Fora, 2014. Disponível em: <[https://www.ufjf.br/facom/files/2014/03/La%C3%ADsCerqueiraFernandes\\_Monografia.pdf](https://www.ufjf.br/facom/files/2014/03/La%C3%ADsCerqueiraFernandes_Monografia.pdf)>. Acessado em: 28 de set. de 2020;
- GUERRA, Fábio Vieira. Super-heróis Marvel e os conflitos sociais e políticos nos EUA (1961-1981). Niterói, 2011. Disponível em: <[https://www.academia.edu/28660617/SUPER\\_HER%C3%93IS\\_MARVEL\\_E\\_OS\\_CONFLITOS\\_SOCIAIS\\_E\\_POL%C3%8DTICOS\\_NOS\\_EUA\\_1961\\_1981](https://www.academia.edu/28660617/SUPER_HER%C3%93IS_MARVEL_E_OS_CONFLITOS_SOCIAIS_E_POL%C3%8DTICOS_NOS_EUA_1961_1981)>. Acessado em: 28 de set. de 2020;
- HOLANDA, Sérgio Buarque. Raízes do Brasil. 26ª Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995;
- HOWE, Sean. Marvel Comics: A história secreta. São Paulo: LeYa, 2013. Disponível em: <<https://lelivros.love/book/download-marvel-comics-a-historia-secreta-sean-howe-em-epub-mobi-e-pdf/>>. Acessado em: 05 de out. de 2020;
- KARNAL, Leandro, Todos contra todos: o ódio nosso de cada dia. Rio de Janeiro: LeYa, 2017;
- MACHADO, Nilson José. Sobre a ideia de tolerância. **IEA USP**, São Paulo, SP, Brasil. 1994. Disponível em: <<http://www.iea.usp.br/pesquisa/publicacoes/textos/machadoideiadetolerancia.pdf>>. Acessado em: 08 de jun. de 2020;
- MALISKA, Marcos Augusto; WOLOCHN, Regina Fátima. Reflexões sobre o princípio da tolerância. **Revista da Faculdade de Direito UFPR**, Curitiba, PR, Brasil, v. 58, dez.

2013. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/direito/article/view/34864>>. Acessado em: 08 de jun. de 2020;

PIRES, Raphael Salimena. Os quadrinhos de super-heróis no século XXI, Juiz de Fora: 2005. Disponível em: <<https://www.ufjf.br/facom/files/2013/04/RSalimena.pdf>>. Acessado em: 29 de set. de 2020;

SALDANHAS, Viviane Rodrigues Darif. A Ku Klux Klan e a instauração do medo nos EUA. **Sociologias pluras**, Curitiba, PR, Brasil, v. 1, n. 1, 2013. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/sclplr/article/view/64769/37696>>. Acessado em: 19 de set. de 2021;

SCANLON, Thomas Michael. A dificuldade da tolerância. **Novos estud. - CEBRAP**, São Paulo, n. 84, p. 31-45, 2009. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/nec/n84/n84a03.pdf>>. Acessado em: 08 de jun. de 2020;

SOUSA, Luísa Maria Vilhena Ribeiro de. Forma sinistra de americanismo: o puritanismo na ética e na retórica do Ku Klux Klan. Porto, 2005. Disponível em: <<https://repositorioaberto.uab.pt/bitstream/10400.2/5471/LC204.pdf>>. Acessado em: 20 de set. de 2021;

SUWWAN, Leila. Parks, ícone de luta contra segregação, morre nos EUA. Folha de São Paulo, 2005. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mundo/ft2610200506.htm>>. Acessado em: 23 de nov. de 2020;

TODOROV, Tzvetan. A conquista da América: a questão do outro. 2º Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1988;

VOLTAIRE. Tratado sobre a tolerância. Porto Alegre: L&PM, 2011.

## PODCASTS RELACIONADOS AS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS

NERDCAST 15: X-Men nos Quadrinhos. Apresentação: Alexandre Ottoni, Deive Pazos. Convidados: Fernando Russel, João Paulo, Carlos Eduardo. [s.i.]: Jovem Nerd, 25 de mai. de 2006. NerdCast. Disponível em: <<https://jovemnerd.com.br/nerdcast/nerdcast-15-x-men-nos-quadrinhos/>>. Acessado em: 29 de set. de 2020;

NERDCAST 260: A história das histórias em quadrinhos. Apresentação: Alexandre Ottoni. Convidados: João Paulo, Carlos Eduardo, Fábio Yabu. [s.i.]: Jovem Nerd, 20 de mai. de 2011. NerdCast. Disponível em: <<https://jovemnerd.com.br/nerdcast/nerdcast-260-a-historia-das-historias-em-quadrinhos/>>. Acessado em: 29 de set. de 2020;

NERDCAST 646: Stan Lee: Excelsior!. Apresentação: Alexandre Ottoni, Deive Pazos. Convidados: Fernando Russel, Carlos Eduardo, Fábio Yabu, Tiago La'Marca. [s.i.]: Jovem Nerd, 16 de nov. de 2018. NerdCast. Disponível em: <<https://jovemnerd.com.br/nerdcast/stan-lee-excelsior/>>. Acessado em: 29 de set. de 2020;

## VÍDEOS RELACIONADOS AS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS

BATMAN E SUPERMAN: COMO NASCERAM OS HERÓIS | ERA DE OURO EP 1. Direção: David Butter. Apresentação: Marcelo Forlani. Roteiro: Leandro dos Anjos, Marcel Nadale. São Paulo: Omelete, 2019. Vídeo 1. (24 min.). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=XyPvu53zfd0>>. Acessado em: 19 de set. de 2020;

BATMAN, SUPERMAN E MULHER-MARAVILHA | ERA DE OURO EP 4. Direção: David Butter. Apresentação: Marcelo Forlani. Roteiro: Leandro dos Anjos, Marcel Nadale. São Paulo: Omelete, 2019. Vídeo 4. (24 min.). Disponível em:

<<https://www.youtube.com/watch?v=Q7eph1JPv7M>>. Acessado em: 28 de set. de 2020;  
 CAPITÃO AMÉRICA CONTRA O NAZISMO | ERA DE OURO. Direção: David Butter. Apresentação: Marcelo Forlani. Roteiro: Leandro dos Anjos, Marcel Nadale. São Paulo: Omelete, 2019. Vídeo 2. (26 min.). Disponível em:  
 <<https://www.youtube.com/watch?v=Znmgo84NZQg&t=91s>>. Acessado em: 28 de set. de 2020;  
 O TERROR INVADE O MUNDO DOS HERÓIS | ERA DE OURO EP 3. Direção: David Butter. Apresentação: Marcelo Forlani. Roteiro: Leandro dos Anjos, Marcel Nadale. São Paulo: Omelete, 2019. Vídeo 3. (23 min.). Disponível em:  
 <<https://www.youtube.com/watch?v=qZm2QDMg0FM>>. Acessado em: 28 de set. de 2020;

## ARTIGOS RELACIONADOS AS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS

ANJO. **Guia dos quadrinhos**, 2007. Disponível em:  
 <[http://www.guiadosquadrinhos.com/personagem/anjo-\(warren-kenneth-worthington-iii\)/245](http://www.guiadosquadrinhos.com/personagem/anjo-(warren-kenneth-worthington-iii)/245)>. Acessado em: 26 de set. de 2020;  
 BANSHEE. **Guia dos quadrinhos**, 2007. Disponível em:  
 <[http://www.guiadosquadrinhos.com/personagem/banshee-\(sean-cassidy\)/47](http://www.guiadosquadrinhos.com/personagem/banshee-(sean-cassidy)/47)>. Acessado em: 26 de set. de 2020;  
 BISHOP. **Guia dos quadrinhos**, 2007. Disponível em:  
 <[http://www.guiadosquadrinhos.com/personagem/bishop-\(lucas-bishop\)/510](http://www.guiadosquadrinhos.com/personagem/bishop-(lucas-bishop)/510)>. Acessado em: 26 de set. de 2020;  
 CICLOPE. **Guia dos quadrinhos**, 2007. Disponível em:  
 <[http://www.guiadosquadrinhos.com/personagem/ciclope-\(scott-summers\)/49](http://www.guiadosquadrinhos.com/personagem/ciclope-(scott-summers)/49)>. Acessado em: 26 de set. de 2020;  
 COLOSSUS. **Guia dos quadrinhos**, 2007. Disponível em:  
 <[http://www.guiadosquadrinhos.com/personagem/colossus-\(piotr-peter-nikolaievitch-rasputin\)/52](http://www.guiadosquadrinhos.com/personagem/colossus-(piotr-peter-nikolaievitch-rasputin)/52)>. Acessado em: 26 de set. de 2020;  
 CRANE. Batgirl II. **Guia dos quadrinhos**, 2007. Disponível em:  
 <[http://www.guiadosquadrinhos.com/personagem/batgirl-ii-\(barbara-gordon\)/1510](http://www.guiadosquadrinhos.com/personagem/batgirl-ii-(barbara-gordon)/1510)>. Acessado em: 26 de set. de 2020;  
 DEMOLIDOR. **Guia dos quadrinhos**, 2007. Disponível em:  
 <[http://www.guiadosquadrinhos.com/personagem/demolidor-\(matthew-matt-michael-murdock\)/40](http://www.guiadosquadrinhos.com/personagem/demolidor-(matthew-matt-michael-murdock)/40)>. Acessado em: 26 de set. de 2020;  
 DIOGO, Edson. Solaris. **Guia dos quadrinhos**, 2007. Disponível em:  
 <[http://www.guiadosquadrinhos.com/personagem/solaris-\(shiro-yoshida\)/468](http://www.guiadosquadrinhos.com/personagem/solaris-(shiro-yoshida)/468)>. Acessado em: 19 de set. de 2020;  
 ECAR, Guiller. William Stryker. **Guia dos quadrinhos**, 2007. Disponível em:  
 <[http://www.guiadosquadrinhos.com/personagem/william-stryker-\(william-stryker\)/1116](http://www.guiadosquadrinhos.com/personagem/william-stryker-(william-stryker)/1116)>. Acessado em: 26 de set. de 2020;  
 FENIX. **Guia dos quadrinhos**, 2007. Disponível em:  
 <[http://www.guiadosquadrinhos.com/personagem/fenix-\(jean-grey-summers\)/50](http://www.guiadosquadrinhos.com/personagem/fenix-(jean-grey-summers)/50)>. Acessado em 26 de set. de 2020;  
 FERA. **Guia dos quadrinhos**, 2007. Disponível em:  
 <[http://www.guiadosquadrinhos.com/personagem/fera-\(henry-hank-philip-mccoy\)/263](http://www.guiadosquadrinhos.com/personagem/fera-(henry-hank-philip-mccoy)/263)>. Acessado em: 26 de set. de 2020;

- FERREIRA, Felipe. Batwoman II. **Guia dos quadrinhos**, 2007. Disponível em: <[http://www.guiadosquadrinhos.com/personagem/batwoman-ii-\(katherine-kate-kane\)/3689](http://www.guiadosquadrinhos.com/personagem/batwoman-ii-(katherine-kate-kane)/3689)>. Acessado em: 26 de set. de 2020;
- FIAUX, Gus. 10 coisas que você precisa saber sobre a Batwoman!. **Legião dos heróis**, 2018. Disponível em: <<https://www.legiaodosherois.com.br/lista/10-coisas-que-voce-precisa-saber-sobre-a-batwoman.html>>. Acessado em: 26 de set. de 2020;
- FIAUX, Gus. 10 coisas que você precisa saber sobre a Tempestade!. **Legião dos heróis**, 2020. Disponível em: <<https://www.legiaodosherois.com.br/lista/10-coisas-que-voce-precisa-saber-sobre-a-tempestade.html>>. Acessado em: 26 de set. de 2020;
- FIAUX, Gus. 10 coisas que você precisa saber sobre o Ciclope. **Legião dos heróis**, 2020. Disponível em: <<https://www.legiaodosherois.com.br/lista/10-coisas-que-voce-precisa-saber-sobre-o-ciclope-2.html>>. Acessado em: 26 de set. de 2020;
- FIAUX, Gus. 10 coisas que você precisa saber sobre o Fera!. **Legião dos heróis**, 2015. Disponível em: <<https://www.legiaodosherois.com.br/lista/10-coisas-que-voce-precisa-saber-sobre-o-fera.html>>. Acessado em: 26 de set. de 2020;
- FIAUX, Gus. 10 coisas que você precisa saber sobre o Homem de Gelo!. **Legião dos heróis**, 2015. Disponível em: <<https://www.legiaodosherois.com.br/lista/10-coisas-que-voce-precisa-saber-sobre-o-homem-de-gelo.html>>. Acessado em: 26 de set. de 2020;
- FIAUX, Gus. 10 coisas que você precisa saber sobre o Magneto!. **Legião dos heróis**, 2020. Disponível em: <<https://www.legiaodosherois.com.br/lista/10-coisas-que-voce-precisa-saber-sobre-o-magneto.html>>. Acessado em: 26 de set. de 2020;
- FIAUX, Gus. 10 coisas que você precisa saber sobre o Magneto!. **Legião dos heróis**, 2017. Disponível em: <<https://www.legiaodosherois.com.br/lista/10-coisas-que-voce-precisa-saber-sobre-magneto.html>>. Acessado em: 26 de set. de 2020;
- FIAUX, Gus. 10 coisas que você precisa saber sobre o Noturno!. **Legião dos heróis**, 2020. Disponível em: <<https://www.legiaodosherois.com.br/lista/10-coisas-que-voce-precisa-saber-noturno.html>>. Acessado em: 26 de set. de 2020;
- FIAUX, Gus. 10 coisas que você precisa saber sobre o Professor X!. **Legião dos heróis**, 2020. Disponível em: <<https://www.legiaodosherois.com.br/lista/10-coisas-que-voce-precisa-saber-sobre-o-professor-x.html>>. Acessado em: 26 de set. de 2020;
- FIAUX, Gus. Arquivos legionários: guia básico da Jean Grey. **Legião dos heróis**, 2015. Disponível em: <<https://www.legiaodosherois.com.br/lista/arquivos-legionarios-guia-basico-da-jean-grey.html>>. Acessado em: 26 de set. de 2020;
- FIAUX, Gus. Arquivos legionários: guia básico do Ciclope. **Legião dos heróis**, 2015. Disponível em: <<https://www.legiaodosherois.com.br/lista/arquivos-legionarios-guia-basico-do-ciclope.html>>. Acessado em: 26 de set. de 2020;
- GAROTA MARVEL. **Guia dos quadrinhos**, 2007. Disponível em: <[http://www.guiadosquadrinhos.com/personagem/garota-marvel-\(jean-grey\)/254](http://www.guiadosquadrinhos.com/personagem/garota-marvel-(jean-grey)/254)>. Acessado em: 26 de set. de 2020;
- GRAVENA, Leo. 10 coisas que você precisa saber sobre a Batgirl!. **Legião dos heróis**, 2017. Disponível em: <<https://www.legiaodosherois.com.br/lista/10-coisas-que-voce-precisa-saber-sobre-batgirl.html>>. Acessado em: 26 de set. de 2020;
- GRAVENA, Leo. 10 coisas que você precisa saber sobre a Jean Grey!. **Legião dos heróis**, 2015. Disponível em: <<https://www.legiaodosherois.com.br/lista/10-coisas-que-voce-precisa-saber-sobre-jean-grey.html>>. Acessado em: 26 de set. de 2020;
- GRAVENA, Leo. 10 coisas que você precisa saber sobre o Ciclope. **Legião dos heróis**, 2015. Disponível em: <<https://www.legiaodosherois.com.br/lista/10-coisas-que-voce-precisa-saber-sobre-o-ciclope.html>>. Acessado em: 26 de set. de 2020;

GRAVENA, Leo. 10 coisas que você talvez não saiba sobre a Marvel!. **Legião dos heróis**, 2018. Disponível em: <<https://www.legiaodosherois.com.br/lista/10-coisas-que-voce-talvez-nao-saiba-sobre-a-marvel.html>>. Acessado em: 26 de set. de 2020;

HOMEM DE GELO. **Guia dos quadrinhos**, 2007. Disponível em: <[http://www.guiadosquadrinhos.com/personagem/homem-de-gelo-\(robert-bobby-louis-drake\)/257](http://www.guiadosquadrinhos.com/personagem/homem-de-gelo-(robert-bobby-louis-drake)/257)>. Acessado em: 26 de set. de 2020;

JANGARÉLLI, Márcio. 10 coisas que você precisa saber sobre o Colossus!. **Legião dos heróis**, 2016. Disponível em: <<https://www.legiaodosherois.com.br/lista/10-coisas-que-voce-precisa-saber-sobre-o-colossus.html>>. Acessado em: 26 de set. de 2020;

JANGARÉLLI, Márcio. 10 coisas que você talvez não saiba sobre o Professor Xavier!. **Legião dos heróis**, 2016. Disponível em: <<https://www.legiaodosherois.com.br/lista/10-coisas-que-voce-talvez-nao-saiba-sobre-o-professor-xavier.html>>. Acessado em: 26 de set. de 2020;

KITTY PRYDE. **Guia dos quadrinhos**, 2007. Disponível em: <[http://www.guiadosquadrinhos.com/personagem/kitty-pryde-\(katherine-kitty-anne-pryde\)/351](http://www.guiadosquadrinhos.com/personagem/kitty-pryde-(katherine-kitty-anne-pryde)/351)>. Acessado em: 02 de mar. de 2021;

LIMA, Diego. Os 65 personagens mais importantes criados por Stan Lee. **IGN Brasil**, 2018. Disponível em: <<https://br.ign.com/stan-lee/68312/news/os-65-personagens-mais-importantes-criados-por-stan-lee>>. Acessado em: 27 de set. de 2020;

LIMA, Felipe de. 10 coisas que você precisa saber sobre Kitty Pryde, a Lince Negra!. **Legião dos heróis**, 2016. Disponível em: <<https://www.legiaodosherois.com.br/lista/10-coisas-que-voce-precisa-saber-sobre-lince-negra.html>>. Acessado em: 02 de mar. de 2021;

LIMA, Felipe de. 10 coisas que você precisa saber sobre o Anjo!. **Legião dos heróis**, 2016. Disponível em: <<https://www.legiaodosherois.com.br/lista/10-coisas-que-voce-precisa-saber-sobre-o-anjo.html#list-item-1>>. Acessado em: 26 de set. de 2020;

LIMA, Felipe de. A conturbada relação entre Professor X e Magneto!. **Legião dos heróis**, 2017. Disponível em: <<https://www.legiaodosherois.com.br/lista/a-conturbada-relacao-entre-o-professor-x-e-magneto.html>>. Acessado em: 26 de set. de 2020;

LIMA, Felipe de. A conturbada relação entre Professor X e Magneto! **Legião dos heróis**, 2017. Disponível em: <<https://www.legiaodosherois.com.br/lista/a-conturbada-relacao-entre-o-professor-x-e-magneto.html>>. Acessado em: 25 de abr. de 2021;

LUKE CAGE. **Guia dos quadrinhos**, 2007. Disponível em: <[http://www.guiadosquadrinhos.com/personagem/luke-cage-\(carl-lucas\)/120](http://www.guiadosquadrinhos.com/personagem/luke-cage-(carl-lucas)/120)>. Acessado em: 26 de set. de 2020;

MAGNETO. **Guia dos quadrinhos**, 2007. Disponível em: <[http://www.guiadosquadrinhos.com/personagem/magneto-\(max-erik-magnus-lehnsherr-eisenhardt\)/216](http://www.guiadosquadrinhos.com/personagem/magneto-(max-erik-magnus-lehnsherr-eisenhardt)/216)>. Acessado em 26 de set. de 2020;

MAIDANA, Fernando. 10 coisa que você pode não saber sobre o Wolverine!. **Legião dos heróis**, 2019. Disponível em: <<https://www.legiaodosherois.com.br/lista/10-coisas-voce-pode-nao-saber-sobre-o-wolverine.html>>. Acessado em: 26 de set. de 2020;

MAIDANA, Fernando. 10 coisas que talvez você não saiba sobre a Tempestade!. **Legião dos heróis**, 2016. Disponível em: <<https://www.legiaodosherois.com.br/lista/10-coisas-que-voce-talvez-nao-saiba-sobre-tempestade.html>>. Acessado em: 26 de set. de 2020;

MAIDANA, Fernando. 10 coisas que você talvez não saiba sobre o Magneto!. **Legião dos heróis**, 2016. Disponível em: <<https://www.legiaodosherois.com.br/lista/10-coisas-que-voce-talvez-nao-saiba-sobre-o-magneto.html>>. Acessado em: 26 de set. de 2020;



MAIDANA, Fernando. 10 coisas que você talvez não saiba sobre Stan Lee!. **Legião dos heróis**, 2016. Disponível em: <<https://www.legiaodosherois.com.br/lista/10-coisas-que-voce-talvez-nao-saiba-sobre-stan-lee.html>>. Acessado em: 26 de set. de 2020;

MAIDANA, Fernando. 10 fatos e curiosidades sobre Magneto!. **Legião dos heróis**, 2016. Disponível em: <<https://www.legiaodosherois.com.br/lista/10-fatos-e-curiosidades-sobre-o-magneto.html>>. Acessado em: 26 de set. de 2020;

MULHER MARAVILHA. **Guia dos quadrinhos**, 2007. Disponível em: <[http://www.guiadosquadrinhos.com/personagem/mulher-maravilha-\(diana-prince\)/83](http://www.guiadosquadrinhos.com/personagem/mulher-maravilha-(diana-prince)/83)>. Acessado em: 19 de set. de 2020;

NOTURNO. **Guia dos quadrinhos**, 2007. Disponível em: <[http://www.guiadosquadrinhos.com/personagem/noturno-\(kurt-wagner\)/27](http://www.guiadosquadrinhos.com/personagem/noturno-(kurt-wagner)/27)>. Acessado em: 26 de set. de 2020;

ORÁCULO. **Guia dos quadrinhos**, 2007. Disponível em: <[http://www.guiadosquadrinhos.com/personagem/oraculo-\(barbara-gordon\)/485](http://www.guiadosquadrinhos.com/personagem/oraculo-(barbara-gordon)/485)>. Acessado em: 25 de mar. de 2021;

PÁSSARO TROVEJANTE. **Guia dos quadrinhos**, 2007. Disponível em: <[http://www.guiadosquadrinhos.com/personagem/passaro-trovejante-\(john-proudstar\)/256](http://www.guiadosquadrinhos.com/personagem/passaro-trovejante-(john-proudstar)/256)>. Acessado em: 26 de set. de 2020;

PROFESSOR X. **Guia dos quadrinhos**, 2007. Disponível em: <[http://www.guiadosquadrinhos.com/personagem/professor-x-\(charles-francis-xavier\)/53](http://www.guiadosquadrinhos.com/personagem/professor-x-(charles-francis-xavier)/53)>. Acessado em: 26 de set. de 2020;

RAFAEL, Lucas. 11 habilidades que você talvez não sabe que o Wolverine possui!. **Legião dos heróis**, 2017. Disponível em: <<https://www.legiaodosherois.com.br/lista/11-habilidades-que-voce-talvez-nao-sabe-que-o-wolverine-possui.html>>. Acessado em: 26 de set. de 2020;

RANTIN, Cristiano. 10 fatos e curiosidades sobre o Banshee dos X-Men!. **Legião dos heróis**, 2017. Disponível em: <<https://www.legiaodosherois.com.br/lista/10-fatos-e-curiosidades-sobre-o-banshee-dos-x-men.html>>. Acessado em: 26 de set. de 2020;

RANTIN, Cristiano. 10 fatos e curiosidades sobre o Pássaro Trovejante da Marvel!. **Legião dos heróis**, 2018. Disponível em: <<https://www.legiaodosherois.com.br/lista/10-fatos-e-curiosidades-sobre-o-passaro-trovejante-da-marvel.html>>. Acessado em: 26 de set. de 2020;

TEMPESTADE. **Guia dos quadrinhos**, 2007. Disponível em: <[http://www.guiadosquadrinhos.com/personagem/tempestade-\(ororo-munroe\)/51](http://www.guiadosquadrinhos.com/personagem/tempestade-(ororo-munroe)/51)>. Acessado em: 26 de set. de 2020;

WOLVERINE. **Guia dos quadrinhos**, 2007. Disponível em: <[http://www.guiadosquadrinhos.com/personagem/wolverine-\(james-howlett-\(logan\)\)/48](http://www.guiadosquadrinhos.com/personagem/wolverine-(james-howlett-(logan))/48)>. Acessado em: 26 de set. de 2020;

X-MEN. **Guia dos quadrinhos**, 2007. Disponível em: <<http://www.guiadosquadrinhos.com/personagem/x-men/46>>. Acessado em: 26 de set. de 2020;

## HISTÓRIAS EM QUADRINHOS

CARRASCOS. Nova Iorque: Marvel Comics, n. 1, out. 2019. Disponível em: <[https://www.marvel.com/comics/issue/76750/marauders\\_2019\\_1](https://www.marvel.com/comics/issue/76750/marauders_2019_1)>. Acessado em: 11 de out. de 2021;

EXCALIBUR. Nova Iorque: Marvel Comics, n. 71, nov. 1993. Disponível em: <[https://www.marvel.com/comics/issue/8656/excalibur\\_1988\\_71](https://www.marvel.com/comics/issue/8656/excalibur_1988_71)>. Acessado em: 29 de set de 2021;

EXTRAORDINÁRIOS X-MEN. Nova Iorque: Marvel Comics, n. 1, nov. 2015. Disponível em: <[https://www.marvel.com/comics/issue/55433/extraordinary\\_x-men\\_2015\\_1](https://www.marvel.com/comics/issue/55433/extraordinary_x-men_2015_1)>. Acessado em: 27 de out. de 2021;

EXTRAORDINÁRIOS X-MEN. Nova Iorque: Marvel Comics, n. 2, nov. 2015. Disponível em: <[https://www.marvel.com/comics/issue/55434/extraordinary\\_x-men\\_2015\\_2](https://www.marvel.com/comics/issue/55434/extraordinary_x-men_2015_2)>. Acessado em: 27 de out. de 2021;

EXTRAORDINÁRIOS X-MEN. Nova Iorque: Marvel Comics, n. 6, jan. 2016. Disponível em: <[https://www.marvel.com/comics/issue/55438/extraordinary\\_x-men\\_2015\\_6](https://www.marvel.com/comics/issue/55438/extraordinary_x-men_2015_6)>. Acessado em: 27 de out. de 2021;

EXTRAORDINÁRIOS X-MEN. Nova Iorque: Marvel Comics, n. 7, fev. 2016. Disponível em: <[https://www.marvel.com/comics/issue/55439/extraordinary\\_x-men\\_2015\\_7](https://www.marvel.com/comics/issue/55439/extraordinary_x-men_2015_7)>. Acessado em: 27 de out. de 2021;

FABULOSOS X-MEN, Nova Iorque: Marvel Comics, n. 304, set. 1993. Disponível em: <[https://www.marvel.com/comics/issue/13845/uncanny\\_x-men\\_1963\\_304](https://www.marvel.com/comics/issue/13845/uncanny_x-men_1963_304)>. Acessado em: 29 de set de 2021;

FABULOSOS X-MEN. Nova Iorque: Marvel Comics, n. 1, fev. 2013. Disponível em: <[https://www.marvel.com/comics/issue/46653/uncanny\\_x-men\\_2013\\_1](https://www.marvel.com/comics/issue/46653/uncanny_x-men_2013_1)>. Acessado em: 21 de out. de 2021;

FABULOSOS X-MEN. Nova Iorque: Marvel Comics, n. 1, nov. 2011. Disponível em: <[https://www.marvel.com/comics/issue/40166/uncanny\\_x-men\\_2011\\_1](https://www.marvel.com/comics/issue/40166/uncanny_x-men_2011_1)>. Acessado em: 21 de out. de 2021;

FABULOSOS X-MEN. Nova Iorque: Marvel Comics, n. 1, nov. 2018. Disponível em: <[https://www.marvel.com/comics/issue/71457/uncanny\\_x-men\\_2018\\_1](https://www.marvel.com/comics/issue/71457/uncanny_x-men_2018_1)>. Acessado em: 27 de out. de 2021;

FABULOSOS X-MEN. Nova Iorque: Marvel Comics, n. 1, set. 1963. Disponível em: <[https://www.marvel.com/comics/issue/12413/uncanny\\_x-men\\_1963\\_1](https://www.marvel.com/comics/issue/12413/uncanny_x-men_1963_1)>. Acessado em: 29 de set. de 2020;

FABULOSOS X-MEN. Nova Iorque: Marvel Comics, n. 10, ago. 2013. Disponível em: <[https://www.marvel.com/comics/issue/46675/uncanny\\_x-men\\_2013\\_10](https://www.marvel.com/comics/issue/46675/uncanny_x-men_2013_10)>. Acessado em: 21 de out. de 2021;

FABULOSOS X-MEN. Nova Iorque: Marvel Comics, n. 11, abr. 2012. Disponível em: <[https://www.marvel.com/comics/issue/40160/uncanny\\_x-men\\_2011\\_11](https://www.marvel.com/comics/issue/40160/uncanny_x-men_2011_11)>. Acessado em: 21 de out. de 2021;

FABULOSOS X-MEN. Nova Iorque: Marvel Comics, n. 11, ago. 2016. Disponível em: <[https://www.marvel.com/comics/issue/56059/uncanny\\_x-men\\_2016\\_11](https://www.marvel.com/comics/issue/56059/uncanny_x-men_2016_11)>. Acessado em: 27 de out. de 2021;

FABULOSOS X-MEN. Nova Iorque: Marvel Comics, n. 11, fev. 2019. Disponível em: <[https://www.marvel.com/comics/issue/73033/uncanny\\_x-men\\_2018\\_11](https://www.marvel.com/comics/issue/73033/uncanny_x-men_2018_11)>. Acessado em: 27 de out. de 2021;

FABULOSOS X-MEN. Nova Iorque: Marvel Comics, n. 12, fev. 2018. Disponível em: <[https://www.marvel.com/comics/issue/73034/uncanny\\_x-men\\_2018\\_12](https://www.marvel.com/comics/issue/73034/uncanny_x-men_2018_12)>. Acessado em: 27 de out. de 2021;

FABULOSOS X-MEN. Nova Iorque: Marvel Comics, n. 12, set. 2016. Disponível em: <[https://www.marvel.com/comics/issue/56060/uncanny\\_x-men\\_2016\\_12](https://www.marvel.com/comics/issue/56060/uncanny_x-men_2016_12)>. Acessado em: 27 de out. de 2021;

FABULOSOS X-MEN. Nova Iorque: Marvel Comics, n. 16, jan. 2014. Disponível em: <[https://www.marvel.com/comics/issue/48674/uncanny\\_x-men\\_2013\\_16](https://www.marvel.com/comics/issue/48674/uncanny_x-men_2013_16)>. Acessado em: 21 de out. de 2021;

- FABULOSOS X-MEN. Nova Iorque: Marvel Comics, n. 19, jun. 2019. Disponível em: <[https://www.marvel.com/comics/issue/73041/uncanny\\_x-men\\_2018\\_19](https://www.marvel.com/comics/issue/73041/uncanny_x-men_2018_19)>. Acessado em: 27 de out. de 2021;
- FABULOSOS X-MEN. Nova Iorque: Marvel Comics, n. 19, mar. 2014. Disponível em: <[https://www.marvel.com/comics/issue/48677/uncanny\\_x-men\\_2013\\_19](https://www.marvel.com/comics/issue/48677/uncanny_x-men_2013_19)>. Acessado em: 21 de out. de 2021;
- FABULOSOS X-MEN. Nova Iorque: Marvel Comics, n. 2, jan. 2016. Disponível em: <[https://www.marvel.com/comics/issue/56050/uncanny\\_x-men\\_2016\\_2](https://www.marvel.com/comics/issue/56050/uncanny_x-men_2016_2)>. Acessado em: 27 de out. de 2021;
- FABULOSOS X-MEN. Nova Iorque: Marvel Comics, n. 26, set. 2014. Disponível em: <[https://www.marvel.com/comics/issue/48684/uncanny\\_x-men\\_2013\\_26](https://www.marvel.com/comics/issue/48684/uncanny_x-men_2013_26)>. Acessado em: 21 de out. de 2021;
- FABULOSOS X-MEN. Nova Iorque: Marvel Comics, n. 3, dez. 2011. Disponível em: <[https://www.marvel.com/comics/issue/40159/uncanny\\_x-men\\_2011\\_3](https://www.marvel.com/comics/issue/40159/uncanny_x-men_2011_3)>. Acessado em: 21 de out. de 2021;
- FABULOSOS X-MEN. Nova Iorque: Marvel Comics, n. 3, fev. 2016. Disponível em: <[https://www.marvel.com/comics/issue/56051/uncanny\\_x-men\\_2016\\_3](https://www.marvel.com/comics/issue/56051/uncanny_x-men_2016_3)>. Acessado em: 27 de out. de 2021;
- FABULOSOS X-MEN. Nova Iorque: Marvel Comics, n. 3, mar. 2013. Disponível em: <[https://www.marvel.com/comics/issue/46665/uncanny\\_x-men\\_2013\\_3](https://www.marvel.com/comics/issue/46665/uncanny_x-men_2013_3)>. Acessado em: 21 de out. de 2021;
- FABULOSOS X-MEN. Nova Iorque: Marvel Comics, n. 3, nov. 2018. Disponível em: <[https://www.marvel.com/comics/issue/71460/uncanny\\_x-men\\_2018\\_3](https://www.marvel.com/comics/issue/71460/uncanny_x-men_2018_3)>. Acessado em: 27 de out. de 2021;
- FABULOSOS X-MEN. Nova Iorque: Marvel Comics, n. 32, mar. 2015. Disponível em: <[https://www.marvel.com/comics/issue/52877/uncanny\\_x-men\\_2013\\_32](https://www.marvel.com/comics/issue/52877/uncanny_x-men_2013_32)>. Acessado em: 21 de out. de 2021;
- FABULOSOS X-MEN. Nova Iorque: Marvel Comics, n. 35, jul. 2015. Disponível em: <[https://www.marvel.com/comics/issue/52881/uncanny\\_x-men\\_2013\\_35](https://www.marvel.com/comics/issue/52881/uncanny_x-men_2013_35)>. Acessado em: 21 de out. de 2021;
- FABULOSOS X-MEN. Nova Iorque: Marvel Comics, n. 5, dez. 2018. Disponível em: <[https://www.marvel.com/comics/issue/71462/uncanny\\_x-men\\_2018\\_5](https://www.marvel.com/comics/issue/71462/uncanny_x-men_2018_5)>. Acessado em: 27 de out. de 2021;
- FABULOSOS X-MEN. Nova Iorque: Marvel Comics, n. 600, nov. 2015. Disponível em: <[https://www.marvel.com/comics/issue/53312/uncanny\\_x-men\\_2013\\_600](https://www.marvel.com/comics/issue/53312/uncanny_x-men_2013_600)>. Acessado em: 18 de out. de 2021;
- FABULOSOS X-MEN. Nova Iorque: Marvel Comics, n. 8, jul. 2013. Disponível em: <[https://www.marvel.com/comics/issue/46673/uncanny\\_x-men\\_2013\\_8](https://www.marvel.com/comics/issue/46673/uncanny_x-men_2013_8)>. Acessado em: 21 de out. de 2021;
- FABULOSOS X-MEN. Nova Iorque: Marvel Comics, n. 8, mar. 2012. Disponível em: <[https://www.marvel.com/comics/issue/40162/uncanny\\_x-men\\_2011\\_8](https://www.marvel.com/comics/issue/40162/uncanny_x-men_2011_8)>. Acessado em: 21 de out. de 2021;
- FABULOSOS X-MEN. Nova Iorque: Marvel Comics, n. 9, jan. 2019. Disponível em: <[https://www.marvel.com/comics/issue/71466/uncanny\\_x-men\\_2018\\_9](https://www.marvel.com/comics/issue/71466/uncanny_x-men_2018_9)>. Acessado em: 27 de out. de 2021;
- GIANT-SIZE X-MEN. Nova Iorque: Marvel Comics, n. 1, jul. 1975. Disponível em: <[https://www.marvel.com/comics/issue/8797/giant-size\\_x-men\\_1975\\_1](https://www.marvel.com/comics/issue/8797/giant-size_x-men_1975_1)>. Acessado em: 29 de set. de 2020;



INCRIVEIS X-MEN. Nova Iorque: Marvel Comics, n. 19, abr. 2015. Disponível em: <[https://www.marvel.com/comics/issue/51348/amazing\\_x-men\\_2013\\_19](https://www.marvel.com/comics/issue/51348/amazing_x-men_2013_19)>. Acessado em: 21 de out. de 2021;

INCRIVEIS X-MEN. Nova Iorque: Marvel Comics, n. 6, abr. 2014. Disponível em: <[https://www.marvel.com/comics/issue/48024/amazing\\_x-men\\_2013\\_6](https://www.marvel.com/comics/issue/48024/amazing_x-men_2013_6)>. Acessado em: 21 de out. de 2021;

NOVÍSSIMOS X-MEN. Nova Iorque: Marvel Comics, n. 1, dez. 2015. Disponível em: <[https://www.marvel.com/comics/issue/56230/all-new\\_x-men\\_2015\\_1](https://www.marvel.com/comics/issue/56230/all-new_x-men_2015_1)>. Acessado em: 27 de out. de 2021;

NOVÍSSIMOS X-MEN. Nova Iorque: Marvel Comics, n. 1, nov. 2012. Disponível em: <[https://www.marvel.com/comics/issue/43462/all-new\\_x-men\\_2012\\_1](https://www.marvel.com/comics/issue/43462/all-new_x-men_2012_1)>. Acessado em: 21 de out. de 2021;

NOVÍSSIMOS X-MEN. Nova Iorque: Marvel Comics, n. 12, jun. 2013. Disponível em: <[https://www.marvel.com/comics/issue/43477/all-new\\_x-men\\_2012\\_12](https://www.marvel.com/comics/issue/43477/all-new_x-men_2012_12)>. Acessado em: 21 de out. de 2021;

NOVÍSSIMOS X-MEN. Nova Iorque: Marvel Comics, n. 18, nov. 2013. Disponível em: <[https://www.marvel.com/comics/issue/43483/all-new\\_x-men\\_2012\\_18](https://www.marvel.com/comics/issue/43483/all-new_x-men_2012_18)>. Acessado em: 21 de out. de 2021;

NOVÍSSIMOS X-MEN. Nova Iorque: Marvel Comics, n. 19, nov. 2013. Disponível em: <[https://www.marvel.com/comics/issue/43484/all-new\\_x-men\\_2012\\_19](https://www.marvel.com/comics/issue/43484/all-new_x-men_2012_19)>. Acessado em: 21 de out. de 2021;

NOVÍSSIMOS X-MEN. Nova Iorque: Marvel Comics, n. 20, dez. 2013. Disponível em: <[https://www.marvel.com/comics/issue/43485/all-new\\_x-men\\_2012\\_20](https://www.marvel.com/comics/issue/43485/all-new_x-men_2012_20)>. Acessado em: 21 de out. de 2021;

NOVÍSSIMOS X-MEN. Nova Iorque: Marvel Comics, n. 21, jan. 2014. Disponível em: <[https://www.marvel.com/comics/issue/43486/all-new\\_x-men\\_2012\\_21](https://www.marvel.com/comics/issue/43486/all-new_x-men_2012_21)>. Acessado em: 21 de out. de 2021;

NOVÍSSIMOS X-MEN. Nova Iorque: Marvel Comics, n. 25, abr. 2014. Disponível em: <[https://www.marvel.com/comics/issue/48528/all-new\\_x-men\\_2012\\_25](https://www.marvel.com/comics/issue/48528/all-new_x-men_2012_25)>. Acessado em: 21 de out. de 2021;

NOVÍSSIMOS X-MEN. Nova Iorque: Marvel Comics, n. 34, dez. 2014. Disponível em: <[https://www.marvel.com/comics/issue/51289/all-new\\_x-men\\_2012\\_34](https://www.marvel.com/comics/issue/51289/all-new_x-men_2012_34)>. Acessado em: 21 de out. de 2021;

NOVÍSSIMOS X-MEN. Nova Iorque: Marvel Comics, n. 5, fev. 2016. Disponível em: <[https://www.marvel.com/comics/issue/56234/all-new\\_x-men\\_2015\\_5](https://www.marvel.com/comics/issue/56234/all-new_x-men_2015_5)>. Acessado em: 27 de out. de 2021;

NOVÍSSIMOS X-MEN. Nova Iorque: Marvel Comics, n. 5, jan. 2013. Disponível em: <[https://www.marvel.com/comics/issue/43470/all-new\\_x-men\\_2012\\_5](https://www.marvel.com/comics/issue/43470/all-new_x-men_2012_5)>. Acessado em: 21 de out. de 2021;

NOVÍSSIMOS X-MEN. Nova Iorque: Marvel Comics, n. 9, mai. 2016. Disponível em: <[https://www.marvel.com/comics/issue/56238/all-new\\_x-men\\_2015\\_9](https://www.marvel.com/comics/issue/56238/all-new_x-men_2015_9)>. Acessado em: 27 de out. de 2021;

NOVÍSSIMOS X-MEN. Nova Iorque: Marvel Comics, n. 9, mar. 2013. Disponível em: <[https://www.marvel.com/comics/issue/43474/all-new\\_x-men\\_2012\\_9](https://www.marvel.com/comics/issue/43474/all-new_x-men_2012_9)>. Acessado em: 21 de out. de 2021;

NOVOS MUTANTES. Nova Iorque: Marvel Comics, n. 45, nov. 1986. Disponível em: <[https://www.marvel.com/comics/issue/10383/new\\_mutants\\_1983\\_45](https://www.marvel.com/comics/issue/10383/new_mutants_1983_45)>. Acessado em: 02 de mar. de 2021;

NOVOS VINGADORES. Nova Iorque: Marvel Comics, n. 8, ago. 2005. Disponível em: <[https://www.marvel.com/comics/issue/2149/new\\_avengers\\_2004\\_8](https://www.marvel.com/comics/issue/2149/new_avengers_2004_8)>. Acessado em: 11 de ago. de 2021;

NOVOS X-MEN. Nova Iorque: Marvel Comics, n. 115, jul. 2001. Disponível em: <[https://www.marvel.com/comics/issue/14934/new\\_x-men\\_2001\\_115](https://www.marvel.com/comics/issue/14934/new_x-men_2001_115)>. Acessado em: 27 de out. de 2021;

SUPER-HOMEM. Nova Iorque: DC Comics, n. 701, jul. 2010. Disponível em: <<https://www.dccomics.com/comics/superman-1939/superman-701>>. Acessado em: 15 de out. de 2021;

X-FACTOR, Nova Iorque: Marvel Comics, n. 92, jul. 1993. Disponível em: <[https://www.marvel.com/comics/issue/12315/x-factor\\_1986\\_92](https://www.marvel.com/comics/issue/12315/x-factor_1986_92)>. Acessado em: 29 de set. de 2021;

X-MEN, Nova Iorque: Marvel Comics, n. 25, out. 1993. Disponível em: <[https://www.marvel.com/comics/issue/14312/x-men\\_1991\\_25](https://www.marvel.com/comics/issue/14312/x-men_1991_25)>. Acessado em: 29 de set de 2021;

X-MEN. Nova Iorque: Marvel Comics, n. 1, mai. 2013. Disponível em: <[https://www.marvel.com/comics/issue/46776/x-men\\_2013\\_1](https://www.marvel.com/comics/issue/46776/x-men_2013_1)>. Acessado em: 21 de out. de 2021;

X-MEN. Nova Iorque: Marvel Comics, n. 111, abr. 2001. Disponível em: <[https://www.marvel.com/comics/issue/14295/x-men\\_1991\\_111](https://www.marvel.com/comics/issue/14295/x-men_1991_111)>. Acessado em: 27 de out. de 2021;

X-MEN: AZUIS. Nova Iorque: Marvel Comics, n. 19, jan. 2018. Disponível em: <[https://www.marvel.com/comics/issue/65842/x-men\\_blue\\_2017\\_19](https://www.marvel.com/comics/issue/65842/x-men_blue_2017_19)>. Acessado em: 21 de out. de 2021;

X-MEN: AZUIS. Nova Iorque: Marvel Comics, n. 2, abr. 2017. Disponível em: <[https://www.marvel.com/comics/issue/62723/x-men\\_blue\\_2017\\_2](https://www.marvel.com/comics/issue/62723/x-men_blue_2017_2)>. Acessado em: 21 de out. de 2021;

X-MEN: AZUIS. Nova Iorque: Marvel Comics, n. 25, abr. 2018. Disponível em: <[https://www.marvel.com/comics/issue/66807/x-men\\_blue\\_2017\\_25](https://www.marvel.com/comics/issue/66807/x-men_blue_2017_25)>. Acessado em: 21 de out. de 2021;

X-MEN: AZUIS. Nova Iorque: Marvel Comics, n. 26, abr. 2018. Disponível em: <[https://www.marvel.com/comics/issue/66925/x-men\\_blue\\_2017\\_26](https://www.marvel.com/comics/issue/66925/x-men_blue_2017_26)>. Acessado em: 21 de out. de 2021;

X-MEN: AZUIS. Nova Iorque: Marvel Comics, n. 3, mai. 2017. Disponível em: <[https://www.marvel.com/comics/issue/62847/x-men\\_blue\\_2017\\_3](https://www.marvel.com/comics/issue/62847/x-men_blue_2017_3)>. Acessado em: 21 de out. de 2021;

X-MEN: AZUIS. Nova Iorque: Marvel Comics, n. 36, set. 2018. Disponível em: <[https://www.marvel.com/comics/issue/70223/x-men\\_blue\\_2017\\_36](https://www.marvel.com/comics/issue/70223/x-men_blue_2017_36)>. Acessado em: 21 de out. de 2021;

X-MEN: DEUS AMA HOMEM MATA. Nova Iorque: Marvel Comics, n. 1, jan. 1982. Disponível em: <[https://www.marvel.com/comics/issue/20817/x-men\\_god\\_loves\\_man\\_kills\\_-\\_special\\_edition\\_1982](https://www.marvel.com/comics/issue/20817/x-men_god_loves_man_kills_-_special_edition_1982)>. Acessado em: 29 de set. de 2020;

X-MEN: DIAS DE UM FUTURO ESQUECIDO. Nova Iorque: Marvel Comics, n. 1, dez. 1982. Disponível em: <[https://www.marvel.com/comics/issue/12460/uncanny\\_x-men\\_1963\\_141](https://www.marvel.com/comics/issue/12460/uncanny_x-men_1963_141)>. Acessado em: 23 de abr. de 2021;

X-MEN: DOURADOS. Nova Iorque: Marvel Comics, n. 1, abr. 2017. Disponível em: <[https://www.marvel.com/comics/issue/62719/x-men\\_gold\\_2017\\_1](https://www.marvel.com/comics/issue/62719/x-men_gold_2017_1)>. Acessado em: 21 de out. de 2021;

- X-MEN: DOURADOS. Nova Iorque: Marvel Comics, n. 16, nov. 2017. Disponível em: <[https://www.marvel.com/comics/issue/65117/x-men\\_gold\\_2017\\_16](https://www.marvel.com/comics/issue/65117/x-men_gold_2017_16)>. Acessado em 23 de mar. de 2021;
- X-MEN: DOURADOS. Nova Iorque: Marvel Comics, n. 22, fev. 2018. Disponível em: <[https://www.marvel.com/comics/issue/66298/x-men\\_gold\\_2017\\_22](https://www.marvel.com/comics/issue/66298/x-men_gold_2017_22)>. Acessado em 23 de mar. de 2021;
- X-MEN: DOURADOS. Nova Iorque: Marvel Comics, n. 3, mai. 2017. Disponível em: <[https://www.marvel.com/comics/issue/62849/x-men\\_gold\\_2017\\_3](https://www.marvel.com/comics/issue/62849/x-men_gold_2017_3)>. Acessado em 23 de abr. de 2021;
- X-MEN: DOURADOS. Nova Iorque: Marvel Comics, n. 36, set. 2018. Disponível em: <[https://www.marvel.com/comics/issue/70239/x-men\\_gold\\_2017\\_36](https://www.marvel.com/comics/issue/70239/x-men_gold_2017_36)>. Acessado em 06 de abr. de 2021;
- X-MEN: MAGNETO TESTAMENTO. Nova Iorque: Marvel Comics, n. 1, set. 2008. Disponível em: <[https://www.marvel.com/comics/issue/21976/x-men\\_magneto\\_testament\\_2008\\_1](https://www.marvel.com/comics/issue/21976/x-men_magneto_testament_2008_1)>. Acessado em: 29 de set. de 2020;
- X-MEN: MAGNETO TESTAMENTO. Nova Iorque: Marvel Comics, n. 2, out. 2008. Disponível em: <[https://www.marvel.com/comics/issue/22301/x-men\\_magneto\\_testament\\_2008\\_2](https://www.marvel.com/comics/issue/22301/x-men_magneto_testament_2008_2)>. Acessado em: 29 de set. de 2020;
- X-MEN: MAGNETO TESTAMENTO. Nova Iorque: Marvel Comics, n. 3, nov. 2008. Disponível em: <[https://www.marvel.com/comics/issue/22507/x-men\\_magneto\\_testament\\_2008\\_3](https://www.marvel.com/comics/issue/22507/x-men_magneto_testament_2008_3)>. Acessado em: 29 de set. de 2020;
- X-MEN: MAGNETO TESTAMENTO. Nova Iorque: Marvel Comics, n. 4, dez. 2008. Disponível em: <[https://www.marvel.com/comics/issue/22913/x-men\\_magneto\\_testament\\_2008\\_4](https://www.marvel.com/comics/issue/22913/x-men_magneto_testament_2008_4)>. Acessado em: 29 de set. de 2020;
- X-MEN: MAGNETO TESTAMENTO. Nova Iorque: Marvel Comics, n. 5, fev. 2009. Disponível em: <[https://www.marvel.com/comics/issue/23113/x-men\\_magneto\\_testament\\_2008\\_5](https://www.marvel.com/comics/issue/23113/x-men_magneto_testament_2008_5)>. Acessado em: 29 de set. de 2020;
- X-MEN: VERMELHOS ANNUAL. Nova Iorque: Marvel Comics, n. 1, mai. 2018. Disponível em: <[https://www.marvel.com/comics/issue/67590/x-men\\_red\\_annual\\_2018\\_1](https://www.marvel.com/comics/issue/67590/x-men_red_annual_2018_1)>. Acessado em: 11 de out. de 2021;
- X-MEN: VERMELHOS. Nova Iorque: Marvel Comics, n. 1, fev. 2018. Disponível em: <[https://www.marvel.com/comics/issue/66131/x-men\\_red\\_2018\\_1](https://www.marvel.com/comics/issue/66131/x-men_red_2018_1)>. Acessado em: 11 de out. de 2021;
- X-MEN: VERMELHOS. Nova Iorque: Marvel Comics, n. 10, nov. 2018. Disponível em: <[https://www.marvel.com/comics/issue/70255/x-men\\_red\\_2018\\_10](https://www.marvel.com/comics/issue/70255/x-men_red_2018_10)>. Acessado em: 11 de out. de 2021;
- X-MEN: VERMELHOS. Nova Iorque: Marvel Comics, n. 2, mar. 2018. Disponível em: <[https://www.marvel.com/comics/issue/66465/x-men\\_red\\_2018\\_2](https://www.marvel.com/comics/issue/66465/x-men_red_2018_2)>. Acessado em: 11 de out. de 2021;
- X-MEN: VERMELHOS. Nova Iorque: Marvel Comics, n. 6, jul. 2018. Disponível em: <[https://www.marvel.com/comics/issue/70248/x-men\\_red\\_2018\\_6](https://www.marvel.com/comics/issue/70248/x-men_red_2018_6)>. Acessado em: 11 de out. de 2021.